



LUIZ HENRIQUE REZENDE MACIEL

**CONSTRUÇÕES E TRANSIÇÕES DE
CARREIRAS NO ESPORTE PROFISSIONAL:
UM ESTUDO COM EX-ATLETAS DE ALTO
RENDIMENTO**

LAVRAS - MG

2015

LUIZ HENRIQUE REZENDE MACIEL

**CONSTRUÇÕES E TRANSIÇÕES DE CARREIRAS NO ESPORTE
PROFISSIONAL: UM ESTUDO COM EX-ATLETAS DE ALTO
RENDIMENTO**

Tese apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração, área de concentração em Organizações, Gestão e Sociedade, para a obtenção do título de Doutor.

Orientadora

Dra. Mônica Carvalho Alves Cappelle

LAVRAS - MG

2015

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

Maciel, Luiz Henrique Rezende.

Construções e transições de carreiras no Esporte Profissional: um estudo com ex-atletas de alto rendimento / Luiz Henrique Rezende Maciel. – Lavras: UFLA, 2015.

169 p.: il.

Tese(doutorado)–Universidade Federal de Lavras, 2015.

Orientadora: Mônica Carvalho Alves Cappelle.

Bibliografia.

1. Carreira. 2. Transições. 3. Construção de carreira. 4. Carreira Esportiva. 5. Esporte de Alto Rendimento. I. Universidade Federal de Lavras. II. Título.

LUIZ HENRIQUE REZENDE MACIEL

**CONSTRUÇÕES E TRANSIÇÕES DE CARREIRAS NO ESPORTE
PROFISSIONAL: UM ESTUDO COM EX-ATLETAS DE ALTO
RENDIMENTO**

Tese apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração, área de concentração em Organizações, Gestão e Sociedade, para a obtenção do título de Doutor.

APROVADA em 15 de julho de 2015.

Dra. Ana Alice Vilas Boas	UFLA
Dra. Flávia Luciana Naves Mafra	UFLA
Dra. Kátia Lúcia Moreira Lemos	UFMG
Dra. Kely César Martins de Paiva	UFMG

Dra. Mônica Carvalho Alves Cappelle
Orientadora

LAVRAS - MG

2015

Dedico este trabalho às mulheres da minha vida, Dani,
Isadora e Sarah, minha mais que amada família.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Mônica Carvalho Alves Cappelle, minha orientadora, por me conceder a oportunidade de aprender com o seu profissionalismo, dedicação e competência.

Aos Professores Dra. Flávia Luciana Naves Mafra, Dr. Fábio Pinto Gonçalves dos Reis e Dra. Kely César Martins de Paiva, membros da minha banca de qualificação, pelos importantes direcionamentos e orientações. Em especial à Profa. Kely, pelo carinho e atenção nesse momento crucial.

Aos ex-atletas profissionais, foi uma honra incomensurável ter a presença de pessoas de tão grande importância, representantes do nosso país, como participantes desse estudo.

Aos Professores do PPGA, pelo aprendizado e amizades construídos ao longo do curso de Doutorado.

Às companheiras de estudos, aflições e parceiras nos trabalhos, Rafaella e Marcela, amigas para a vida. Em especial à Rafaella, sem essa parceria tudo teria sido mais difícil e “chato”.

Aos colegas do NEORGS, pela importante ajuda nas transcrições das entrevistas, em especial à Gabriela, também pelas buscas e pesquisas em bases de dados.

Às amigas, irmãs, Rachel e Andréa, por compartilhar comigo essa fase.

Aos meus atletas, por segurar a barra nos momentos de estresse, por ouvir meus desabaços e pelas minhas ausências.

À banca de defesa formada pelos professores e professoras, membros efetivos e suplentes, Dra. Ana Alice Vilas Boas, Dra. Flávia Luciana Naves Mafra, Dra. Kátia Lúcia Moreira Lemos, Dra. Kely César Martins de Paiva, Dr. Fábio Pinto Gonçalves dos Reis e Dr. Sandro Fernandes da Silva, por participarem desse momento indescritivelmente importante da minha vida pessoal e profissional.

Ao Departamento de Educação Física da UFLA, por apoiar o meu doutoramento.

À minha amada esposa Daniele, razão da minha vida, meu porto seguro, por tudo!

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte do meu processo de doutoramento.

A Deus, pela minha saúde e por me proporcionar todas as condições para alcançar minhas metas.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi compreender a transição de carreira de atletas, considerando-se a finalização de sua atuação como atleta profissional de alto rendimento. Foi selecionado um grupo composto por seis ex-atletas de modalidades individuais, que durante a sua carreira esportiva foram membros das seleções nacionais das suas modalidades, conquistando títulos Mundiais, Sul-Americanos, Pan-Americanos e/ou Olímpicos. A pesquisa consistiu na condução de entrevistas semiestruturadas, a partir das quais se buscou apreender aspectos relacionados a construção da carreira esportiva, desde o primeiro contato com o esporte, bem como da existência de uma carreira após a atuação enquanto atletas profissionais de alto-rendimento, e a sua consequente construção, considerando-se as transições vividas ao longo de todo o processo. A pesquisa foi de natureza qualitativa, tratando-se de uma abordagem interpretativa, optando-se assim, pelo paradigma interpretativo. Para a análise dos dados procedeu-se a análise de conteúdo, a partir da proposição de um quadro de análise composto por elementos relacionados aos conceitos de carreira e de carreira esportiva. As narrativas foram analisadas a partir de três categorias fixas: A Carreira Esportiva, As Transições na Carreira e A Construção de uma “Nova” Carreira. Observou-se que a carreira esportiva teve início e fim precoces no que se refere a idade. Atribuiu-se grande importância aos técnicos no que diz respeito a orientação e ao planejamento da carreira esportiva e após o esporte. Destaca-se a influência dos familiares, mesmo que nem sempre tenha sido positiva. Conclui-se que a escolha pela nova carreira, na maioria dos casos, foi influenciada pela prática esportiva, sendo esta considerada responsável pelo desenvolvimento de capacidades físicas, cognitivas e principalmente emocionais, para o efetivo enfrentamento e desenvolvimento da carreira após a de atleta.

Palavras-chave: Carreira. Transições. Carreira Esportiva. Esporte Profissional.

ABSTRACT

The aim of this study was to understand the career transition of athletes, considering the completion of his or her career as a professional. For this it was selected a group of six former athletes, in individual sports, which during their sports career were members of the national teams of winning titles such as the South American, Pan American and / or Olympic. The research consisted of conducting semi-structured interviews with participants, from which we sought to apprehend aspects of the construction of the sports career from the first contact with the sport, as well as the existence of a career after acting as professional athletes and their consequent construction considering transitions experienced throughout the process. This was an interpretative approach, thus opting for the interpretative paradigm. The nature of this research was qualitative. For data analysis we proceeded with content analysis from the proposition of an analytical framework composed of elements related to career and sport career concepts. The narratives were analyzed from three fixed categories: Career Sports, Career Transitions, and The Construction of a "New" Career. It was observed that the sports career started and ended early, as regards age. Great importance was attributed to the coaches with regard to guidance and planning a sports career as well as afterwards. The influence of family it was considered strong, even if not always positive. The choice for a new career was, in most cases, influenced by the sports practice and is considered to be responsible for the development of physical, cognitive and especially emotional for effective coping and career development after being an athlete.

Keywords: Career. Transitions. Sports Career. Professional Sport.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Quadro teórico para a sistematização da análise da carreira dos ex-atletas	70
Quadro 1	Categorias de análise de dados	82

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Objetivo Geral	18
1.2	Objetivos Específicos	18
1.3	Justificativa	18
2	REFERENCIAL TEÓRICO	21
2.1	Carreira	22
2.1.1	Conceitos Introdutórios	22
2.1.2	Tipos e Tipologias de Carreiras	29
2.1.3	Mudanças e Transição de Carreira	41
2.2	Peculiaridades do esporte	44
2.2.1	O Esporte de Alto Rendimento	48
2.2.2	O Esporte como Profissão	50
2.2.3	O Esporte como Ocupação	54
2.3	Aspectos pertinentes ao atleta	55
2.3.1	O Atleta de Alto Rendimento	55
2.3.2	Influências Familiares e do Técnico	58
2.3.3	Estabelecimento de Metas	60
2.3.4	O Atleta e a Mudança de Carreira Após o Alto Rendimento	61
2.4	Aposentadoria	64
2.4.1	Conceitos Básicos	64
2.4.2	A Aposentadoria no Esporte	67
2.5	Proposta de análise da carreira no esporte de alto rendimento ..	69
3	METODOLOGIA	73
3.1	Natureza da Pesquisa	76
3.2	Sujeitos da Pesquisa e Cuidados Éticos	77
3.3	Procedimentos de Coleta dos Dados	79
3.4	Análise dos Dados	80
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	83
4.1	A Carreira Esportiva	85
4.1.1	A atuação esportiva dos atletas de alto rendimento como carreira	85
4.1.2	Motivos que levaram à prática esportiva de alto rendimento	88
4.1.3	Transições na carreira esportiva, do início ao alto rendimento ...	93
4.1.4	Atleta profissional: atuando no esporte de alto rendimento	102
4.1.5	O papel das organizações esportivas	111
4.2	As Transições na Carreira	116
4.2.1	A construção de outros conhecimentos alheios à prática esportiva durante a carreira no alto rendimento	116
4.2.2	Impactos das transições na vida pessoal e profissional	122

4.2.3	Orientações para as transições na carreira	125
4.2.4	Finalizando a carreira de atleta profissional: motivos e consequências	127
4.3	A Construção da “Nova” Carreira	131
4.3.1	Influências externas na construção da carreira após o esporte de alto rendimento	131
4.3.2	Impactos e conexões da carreira esportiva na vida profissional atual	136
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	142
	REFERÊNCIAS	148
	ANEXOS	159

1 INTRODUÇÃO

A construção da carreira é algo que não se limita à individualidade do sujeito, ela sofre influência direta da sociedade e do contexto em que o indivíduo se encontra, tendo diferentes significados de acordo com o tipo de trabalho. Influências familiares, de grupos de amigos, fatores econômicos, demandas sociais e contextuais, são frequentemente detectadas como responsáveis pela escolha e pelo desenvolvimento das profissões.

Usualmente, a carreira tem um início e fim definidos, a partir do ingresso na formação para a atuação profissional e finalizando com a aposentadoria, sendo que ao longo da vida as pessoas passam por diversas transições em uma mesma carreira, ou podem ainda, construir mais de uma carreira. Num passado não muito distante e provavelmente até os dias atuais, a carreira era fortemente influenciada pelos anseios e expectativas familiares. A partir da expansão do mercado de trabalho e do surgimento de diferentes campos de atuação profissional, há uma maior flexibilidade na construção das carreiras. Neste sentido, aspectos como a vocação, ou seja, um conjunto de interesses e aptidões que norteiam a escolha da profissão de uma pessoa passam a ser considerados como norteadores. Além das influências citadas na construção e no desenvolvimento das carreiras há também a questão da projeção social através da profissão, ou seja, o interesse pessoal diretamente relacionado à escolha e desenvolvimento da carreira.

A partir da busca de projeção social ou do desenvolvimento da vocação, o esporte profissional surge como uma possibilidade de carreira a ser desenvolvida, tanto por atletas quanto por demais atores deste contexto. No caso dos atletas profissionais, pode-se considerá-los desta forma a partir do momento em que a construção da sua carreira compreende aspectos como o vínculo com organizações esportivas e também por apresentar características comuns a outras

profissões tais como, disciplina, autoridade, iniciativa, perfeição, destreza, racionalidade, organização e burocracia, conforme apresentado por Rúbio (2002), além do reconhecimento social, público e reconhecido (DIMANDE, 2010). O esporte, que de acordo com Ericsson et al. (2006) é dividido nas fases de iniciação, desenvolvimento e competição, sendo que a última refere-se ao alto rendimento ou esporte profissional, é historicamente responsável pela mitificação de pessoas, no caso dos atletas, criando ídolos socialmente reconhecidos e seguidos por grupos de indivíduos dentro e fora do seu contexto. Desde a Grécia antiga, berço do esporte moderno, buscava-se o esporte como profissão, no qual a carreira era construída desde a tenra idade para o efetivo alcance do sucesso ou *expertise*. Naquela época, os atletas eram tidos como semideuses, ou seja, pessoas acima das demais, por causa das suas capacidades físicas muito bem desenvolvidas, alto desempenho físico, padrão estético e corporal.

Ao iniciar a carreira esportiva, a criança ou jovem, muitas vezes não tem a consciência ou planeja se tornar um atleta profissional, seja em modalidades individuais ou coletivas. Inicialmente, muitos buscam o esporte visando a saúde ou até mesmo o lazer. A partir da prática esportiva vão se destacando os mais habilidosos e envolvidos com a sua modalidade, e à medida que vão sendo apoiados e recebem investimentos financeiros, sociais e afetivos, destacam-se e muitas vezes desenvolvem a carreira esportiva de forma profissional, como apresentado por Maciel e Moraes (2008), tendo em vista que no contexto do esporte a carreira esportiva pode ter um viés profissional ou não, dependendo do contexto e do interesse dos envolvidos (BROHM, 1993).

Tendo como referência as raízes do esporte, entende-se que o esporte profissional é aquele que além de demandar grande dedicação e envolvimento, traz o provimento ao atleta, seja ele através de salário pago por contratos com os clubes que representam, por exemplo, a ex-ginasta Daiane dos Santos foi

contratada do clube Náutico União do Rio Grande do Sul, patrocínios ou outras formas de recompensa, por exemplo, o patrocínio individual oferecido por empresas da iniciativa privada, ou a Bolsa Atleta paga pelo Ministério do Esporte, bem como outras bolsas pagas por Universidades. Além de um vínculo empregatício formal com um clube ou entidade esportiva, seja de forma permanente ou sazonal, como exemplo dos jogadores de modalidades esportivas coletivas que possuem contrato contínuo ou por temporadas ou campeonatos.

A carreira no esporte é construída a partir de muito cedo, em certas modalidades iniciando-se quando a criança tem por volta de cinco anos de idade (TSUKAMOTO; NUNOMURA, 2005). Mesmo se considerando que nesta tenra idade a criança não tem a consciência de que irá se profissionalizar, esses anos iniciais são de extrema importância.

É importante também destacar que há praticantes que buscam o esporte de forma amadora, ou seja, visando benefícios físicos, psicológicos e sociais, sem, contudo, ter objetivos voltados ao alto rendimento. Por exemplo, praticantes de academias, corredores de rua, “peladeiros”, dentre outros. Neste contexto, trata-se do esporte não profissional, o que também engloba pessoas que praticam o esporte competitivo, mas que não fazem dele a sua profissão.

Na fase de introdução ao esporte, trabalha-se a iniciação esportiva, desenvolvendo-se as capacidades físicas de forma geral, e em alguns momentos, de forma específica, partindo com o avançar da idade e da maturidade do praticante para uma fase intermediária, em seguida, iniciando-se as competições. A partir do ingresso nas competições esportivas, o atleta passa por diferentes etapas, culminando com o esporte de alto rendimento, que é o topo da carreira esportiva e que tem como foco o alcance de resultados nas competições, que vão gradativamente se tornando mais difíceis, e conseqüentemente, necessitando de maior empenho, comprometimento e dedicação. É nesta fase que o atleta torna-se profissional, tendo em vista que o tempo de dedicação ao esporte atinge o seu

ápice, necessitando de pleno envolvimento a fim de se atingir resultados excelentes. Ao se tornar uma profissional, a prática esportiva tende como já foi apresentado, a exigir maior dedicação em tempo e qualidade, levando em situações otimistas ao retorno financeiro proveniente de patrocínios, bolsas e salários. Contudo, algumas vezes o atleta precisa ter outro trabalho paralelo, seja ele referente ou não ao esporte para se custear.

Partindo da premissa de que o esporte competitivo de alto rendimento é tratado como profissional, uma vez que, como já foi citado, demanda grande envolvimento, comprometimento, dedicação e investimento (ERICSSON et al., 2006), além de prover recursos que mantenham o atleta. Considera-se, portanto, como um trabalho, uma vez que, como apresentado por Guttman (1978), o esporte representa uma forma genuína de adaptação do homem a vida moderna, podendo ser entendido como um tipo de trabalho disfarçado, dentre outros aspectos, por moverem diversos interesses econômicos envolvendo o esporte e a imagem dos atletas de alto rendimento que se destacam, principalmente através dos seus resultados em competições.

Ao se dedicar a uma determinada profissão, construindo uma história perene, considerando-se o tempo necessário para atingir o alto rendimento no caso do esporte profissional, Tenenbaum e Eklund (2007) entendem que se constrói uma carreira, aspecto que será tratado mais adiante. Após todos os anos de envolvimento em uma determinada atuação, assim como ocorre em qualquer carreira, deve-se considerar, além das fases iniciais e de investimento, também o momento da aposentadoria enquanto atleta profissional, ou seja, o final desta carreira. No esporte, a carreira pode ser definida como: o desenvolvimento do praticante como atleta desde o início até o alto rendimento, objetivando o alcance de resultados específicos e predefinidos (TENENBAUM; EKLUND, 2007).

Toda carreira profissional tem um tempo de duração, muitas vezes determinado por questões legais e trabalhistas, tais questões são aplicáveis para atletas quando são contratados pelos clubes que representam. No caso de atletas que não são formalmente contratados, os vínculos trabalhistas, ou seja, ter registro de carteira, recolher INSS, por exemplo, não são aplicados. Os atletas ficam sujeitos a contratos com patrocinadores, por exemplo, o contrato do ex-jogador de futebol Ronaldo com a empresa esportiva Nike, que mesmo não atuando mais como atleta, ainda tem sua imagem associada a esta marca, e sempre vinculados às federações e confederações esportivas (CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 2000).

A carreira esportiva nas diversas modalidades tem uma duração definida, neste contexto, por fatores psicofisiológicos, ou seja, à medida que a idade vai avançando, os desgastes causados pela prática esportiva vão gerando, entre outras consequências, lesões que ao se acumularem, podem afastar o atleta da sua prática. Por exemplo, a ginasta Daiane dos Santos, que devido à sobrecarga de impactos sobre os seus joelhos, teve que abandonar o esporte, o que pode ser considerada uma lesão por esforço repetitivo, aspecto que também é uma possibilidade de aposentadoria antecipada nas demais áreas profissionais.

De uma forma geral, grande parte dos atletas profissionais finalizam suas carreiras por volta dos 35 anos de idade (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013). Assim sendo, o indivíduo deve se planejar para a sua carreira pós-atleta, tendo em vista que ao se aposentar como atleta, ainda será jovem e estará em idade produtiva. Considera-se a carreira de atleta como relativamente curta, ao se comparar com outras carreiras em que se contribui com a previdência social por 30 anos (mulheres) ou 35 anos (homens), para se ter direito a aposentadoria. Portanto, é importante ponderar que o ex-atleta tenha possibilidades e/ou vontade de construir uma nova carreira, ou um

novo foco de carreira após a sua atuação inicial no esporte, nos casos de pessoas que somente se envolveram neste contexto.

Dessa maneira, surgem diferentes possibilidades de orientação e aconselhamento para a transição das carreiras no esporte, dentre elas o *coach* (ou consultor de carreira profissional), o próprio treinador, a equipe técnica do atleta, o seu empresário, a família, todos com uma possibilidade de orientá-lo neste processo de transição, a fim de que ele possa aproveitar e adaptar o que foi construído ao longo da sua carreira esportiva na sua nova colocação profissional. A exemplo desta (re) colocação profissional podem-se citar ex-atletas conhecidos e suas profissões atuais como: Ronaldo ex-jogador de futebol, atual empresário esportivo, Luiza Parente ex-ginasta, atual comentarista esportiva e Rogério Romero ex-nadador, atual secretário adjunto da Secretaria de Turismo e Esporte de Minas Gerais, dentre outros. O que se destaca é que formalmente não há uma atuação clara no que diz respeito a esta orientação, tampouco se há alguma orientação durante este processo de transição. Assim, emerge a seguinte questão/problema: **Como se dá a transição de carreira de atletas considerando-se a finalização da sua atuação como atleta profissional?**

A abrangência da questão de pesquisa apresentada nesta tese de doutoramento prestou-se a compreender os processos que envolvem as transições da carreira de atletas profissionais no esporte de alto rendimento, tendo como foco a construção de uma carreira após o fim da atuação como atleta. Tal compreensão se baseou nos preceitos de construção e transições de carreira, a fim de responder esta questão a partir de um arcabouço teórico metodológico que sustentaram a efetivação da pesquisa.

Na presente tese, concebe-se a construção da carreira de atleta como algo permeado por influências externas, muitas das quais, norteadoras das decisões e possibilidades de escolhas, a partir das quais os ex-atletas construíram paralelamente à sua carreira de atleta, conhecimentos indispensáveis para a

construção e o desenvolvimento de uma carreira posterior a de atleta profissional de alto rendimento.

Os objetivos, geral e específicos, deste estudo, foram construídos a partir da questão de pesquisa, a fim de buscar responder ao problema levantado, sendo estes apresentados nos próximos subitens.

1.1 Objetivo geral

Compreender a construção e as transições em carreiras de atletas profissionais, considerando-se a finalização de sua atuação como atleta de alto rendimento.

1.2 Objetivos específicos

- a) Caracterizar o trabalho do atleta como profissional do esporte;
- b) Conhecer os motivos que levaram o ex-atleta a finalizar a sua atuação como atleta profissional;
- c) Analisar os impactos dessa finalização na vida pessoal dos sujeitos;
- d) Verificar as influências familiares, dos técnicos, dos amigos e/ou companheiros de equipe recebidos pelos sujeitos, antes, durante e depois da sua atuação como atleta profissional;
- e) Compreender os impactos da nova carreira na vida profissional dos sujeitos, seus motivos, conexões e repercussões.

1.3 Justificativa

Este estudo se justifica pela importância de se conhecer fatores envolvidos com a transição da carreira esportiva, tendo como foco atletas de alto

rendimento em diferentes modalidades esportivas individuais. Isto, uma vez que tais indivíduos são destacados contextualmente por diversos aspectos sociais, culturais e econômicos, ao se considerar a questão do mito esportivo. Além disso, justifica-se também pela escassez de estudos sobre a carreira esportiva com atenção para o momento da aposentadoria no esporte, cita-se como exemplos os estudos de Balassiano, Ventura e Fontes Filho (2004), Ericsson et al. (2006) e Marques e Samulski (2009), uma vez que a maioria dos estudos nesta área tem o foco na orientação da carreira enquanto atleta, principalmente no que se refere às escolhas e decisões durante a vida de atleta.

As justificativas apresentadas são divididas e desenvolvidas baseando-se em três argumentos: acadêmico, pragmático e social. O argumento acadêmico sustenta-se nos trabalhos de autores que se dedicam a estudar a carreira de atletas e ex-atletas profissionais, direta ou indiretamente, como forma de se destacar da sociedade, através da exploração imagem do atleta, das suas características psicológicas, não somente do seu desempenho esportivo, bem como do esporte como uma opção profissional. Dentre estes estudos destacam-se: Noce, Moraes e Samulski (1997), ao considerar os fatores motivacionais relacionados ao desenvolvimento da carreira esportiva, Rúbio (2002) na abordagem dos atletas como mitos, Ericsson (2003) tratando do desempenho *expert* no esporte e em outros contextos como a música, Alves e Pieranti (2007) que tratam da formulação de uma política nacional para o esporte no Brasil, Machado e Rúbio (2008) em sua abordagem do atleta como legado, Carvalho, Marques e Carvalho (2009) que abordam as redes de dependência no futebol brasileiro, Marques e Samulski (2009) em seu estudo sobre as influências sofridas por jogadores de futebol durante a construção da sua carreira, Nunomura e Tsukamoto (2009) na abordagem dos fundamentos das ginásticas, Samulski (2008) que aborda o atleta e suas capacidades psicológicas.

O argumento pragmático propõe que a partir dos resultados apresentados nesta tese, torna-se possível desenvolver referências que norteiem atletas profissionais, profissionais de orientação de carreira, comissões técnicas esportivas, e demais envolvidos com o esporte de alto rendimento, e carreiras profissionais, sobre como ocorrem os processos de transição entre carreiras esportivas profissionais e novas carreiras construídas a partir da finalização da atuação do atleta no esporte profissional.

O argumento social busca estudar o esporte, e neste contexto, o esporte profissional, apresentando-o como de extrema relevância social, uma vez que como apresentado pelos autores, o esporte produz grandes impactos na vida dos seus praticantes, sejam crianças, jovens ou adultos (CABRAL; SILVA JÚNIOR, 2009; KOTLER, 2000; PIRES, 2007; PREUSS, 2008). Além disso, o fato do Brasil ter sediado e estar sediando mega eventos esportivos, deixa latente questões referentes a real importância social do esporte e dos investimentos públicos e privados destinados a esses eventos. Isso, tendo em vista que a gestão esportiva moderna passa por um forte envolvimento antropológico e sociocultural, carregada de interesses públicos, desta forma devendo estar contextualizada com a realidade esportiva relacionada à iniciativa do Estado em apoiar, possibilitar ou gerir, como é apresentado por Alves e Pieranti (2007) e por Pires (2007).

Assim, defende-se a tese de que a carreira esportiva trata-se de uma forma atípica de carreira, e que ainda está em desenvolvimento no Brasil. Além de que possui muitas similaridades com outras carreiras, como será apresentado no decorrer desse trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O material bibliográfico selecionado para a produção desta tese é todo composto por publicações em forma de artigos completos, livros, dissertações e teses. A triagem desses materiais foi realizada em bases de dados nacionais e internacionais (ISI, SPELL, SCIELO e SCORPUS), além da pesquisa direta na base de dados de revistas da área de administração, reconhecidas e classificadas pela CAPES (RAC, RAE, O&S, READ) e também as bibliotecas das Universidades UFLA e UFMG.

Todas essas bases foram selecionadas porque são reconhecidas pelo impacto no ambiente acadêmico e disponibilizam trabalhos nacionais e internacionais. O período determinado para delimitar os artigos foi de 2002 a 2013, para garantir atualidade ao abordar o tema. Alguns materiais bibliográficos anteriores a esse período foram incluídos por se tratar de clássicos, ou por serem teorias desenvolvidas a partir de questões não desenvolvidas em outros estudos, apenas abordadas novamente por eles. As palavras de busca para selecionar o material foram: carreira (*career*), construção de carreira (*career construccion*), carreira esportiva (*sports career*), aposentadoria precoce (*early retirement*), esporte de alto rendimento (*high performance sport*). A busca foi feita por termos isolados e por agrupamento de termos. A pesquisa bibliográfica foi realizada por área de concentração em Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e Ciências da Saúde (ao acessar material da Educação Física).

O referencial teórico deste estudo se divide em quatro tópicos. O primeiro tratará da caracterização e conceituação sobre carreira sendo denominado “Carreira”. O segundo tópico aborda o esporte com ênfase no esporte de alto rendimento e é intitulado “Peculiaridades do Esporte”. O terceiro tópico tratará do ator principal na carreira esportiva, ou seja, do atleta, sendo

denominado “Aspectos Pertinentes ao Atleta”. E por fim, o quarto tópico, tem como foco a aposentadoria, sendo denominado “Aposentadoria”. A seguir apresentam-se os tópicos do Referencial Teórico.

2.1 Carreira

Este tópico trata de conceituar e caracterizar carreira à luz de pesquisas de diferentes autores dessa área, a fim de possibilitar o entendimento de aspectos importantes para a compreensão dos fenômenos que envolvem a sua construção e desenvolvimento. Após a apresentação dos conceitos de carreira propostos por diversos autores, para a uma compreensão mais ampla sobre as suas peculiaridades, faz-se necessário conhecer aspectos a ela relacionados direta ou indiretamente. Isto por trata-se de um fenômeno multidimensional que sofre influências e interferências diversas. Além disso, também se faz necessário o aprofundamento em alguns aspectos inerentes aos conceitos de carreira.

2.1.1 Conceitos introdutórios

Carreira pode ser definida por sequências de posições ocupadas ao longo da vida profissional, bem como por diferentes trabalhos exercidos por uma pessoa, considerando-se todas as suas transições que surgem a partir da necessidade ou interesse dessa pessoa. Tais transições se apresentam a partir das aspirações que vêm refletir a vontade e a necessidade do indivíduo, a partir das suas expectativas pessoais e profissionais na construção da sua carreira profissional. Isso engloba o entendimento e a avaliação da sua experiência profissional, da perspectiva da organização, além de políticas, procedimentos e decisões ligadas a espaços ocupacionais, níveis organizacionais, compensação e movimento de pessoas. Essas perspectivas são conciliadas pela carreira dentro

de um contexto de constante ajuste, desenvolvimento e mudança (DUTRA, 1996). A partir de tais preceitos, apresenta-se a carreira esportiva, mais especificamente, no âmbito dessa tese, a carreira do atleta profissional, como a carreira estudada durante a vida de atleta e após essa atuação profissional.

Kilimnik (2000) discute que o conceito de carreira vem sofrendo alterações ao longo dos tempos, decorrentes da evolução na sua compreensão, contudo, sempre baseado na noção de trajetória que envolve a progressão de um indivíduo.

De acordo com Dutra (1996), carreira é um termo que agrega vários significados, contudo, de difícil definição. O termo pode ser aplicado ao se referir tanto à mobilidade ocupacional quanto para se designar uma profissão, assim sendo, pode se entender que o caminho trilhado por um executivo de uma multinacional referir-se-ia à mobilidade ocupacional, e a carreira médica ou esportiva a uma profissão. Nos dois casos, o termo carreira transmite a ideia de um caminho estruturado e organizado no tempo e no espaço, podendo ser seguido por alguma ou algumas pessoas. Assim, este autor apresenta que a carreira deve ser pensada como uma estrada que está em constante construção, que, se bem trilhada, conduzirá ao sucesso, à riqueza e à satisfação profissional.

Para Savioli (1991, p. 5):

Carreira é o autoconhecimento de como as experiências pessoais e profissionais relacionam-se com o seu trabalho atual e futuro, para maximizar suas habilidades e comportamentos e atingir seus objetivos de vida.

Desta forma, o planejamento da carreira é algo fundamental para a sua efetiva construção e desenvolvimento. Assim, o autor apresenta ainda que a carreira pode e deve ser planejada. A descoberta dessa capacidade de influenciar a própria carreira traz benefícios tanto para o indivíduo quanto para as empresas.

Pensando em planejamento e ainda citando Savioli (1991), este autor compara a carreira com a vida de um ser humano que nasce, cresce, amadurece e

morre, passando ao longo da vida por vários ciclos de constantes mudanças. Para ele, a projeção de qualquer carreira em seu início é caracterizada por grandes investimentos no que se refere a tempo, formação, capacitação e conhecimento. Na sequência deve se garantir que a carreira se desenvolva com coerência e equilíbrio entre aspectos pessoais e profissionais, bem como no que se refere a formação e qualificação continuados, sendo que estes fatores se afetam mutuamente.

Associando a fase da maturidade com a carreira, esta pode ser caracterizada pela estabilidade da mesma, podendo ser também o fim da carreira, o que não significa a atuação da vida profissional, uma vez que, ao findar uma carreira pode-se iniciar outra, sendo este um processo de transição. Pensando de uma forma mais realista, nem sempre o desenvolvimento das carreiras ocorre de forma tão equilibrada, estável e fluente, pois a pessoa passa por diversos desequilíbrios e inconstâncias ao longo da sua carreira, passando muitas vezes, por transições turbulentas que envolvem transferências de cidades, busca por novos campos de trabalho, e pelo desenvolvimento da formação, aspectos que trazem consequências pessoais, familiares, profissionais e sociais.

Referindo-se a uma conceituação clássica, Arthur, Hall e Lawrence (1989) definem carreira como uma sequência de experiências profissionais na qual o trabalho influencia a forma como as pessoas interagem com outras pessoas, organizações e sociedade. Para os autores, o trabalho é um componente essencialmente presente ao conceito de carreira, sendo que a interação entre o indivíduo e a sociedade proporciona uma perspectiva variável, ou seja, a relação da pessoa com o seu contexto será representada de diferentes formas a partir do trabalho realizado. Por exemplo, uma carreira jurídica tem um peso social diferente de uma carreira esportiva. Referindo-se às organizações, os autores as entendem como responsáveis por oferecer condições concretas e o suporte para o desenvolvimento de pessoas a fim de sustentar o seu próprio desenvolvimento.

Finalmente, às pessoas cabe o encargo da gestão do seu próprio desenvolvimento, a partir de investimentos pessoais, buscando seu desenvolvimento profissional e sua carreira.

Para Hall (2002, p. 12) a carreira é “[...] a sequência individualmente percebida de atitudes e comportamentos associada com experiências relacionadas ao trabalho e atividades durante a vida de uma pessoa”.

Este autor discute a questão do sucesso alcançado na carreira e o que ocorre com a pessoa após este sucesso. A partir da perspectiva do autor, atingir o sucesso nem sempre é a busca mais difícil, tendo em vista que a pessoa está focada neste objetivo, o que chama atenção é a intenção de se manter esta posição de sucesso, bem como de criar novas metas que motivem a continuidade de uma carreira após o alcance deste auge. Tal preocupação é evidente no caso da carreira de atletas profissionais, uma vez que este grupo, ao atuar no alto rendimento, busca o sucesso através de conquistas e resultados em competições, sendo que a sua carreira deve se manter neste determinado nível de excelência após o alcance do sucesso, ou seja, continuar obtendo resultados excelentes (SAMULSKI, 2008).

Hall (2002) ainda apresenta que o termo carreira aceita um excesso de significados, dentre eles, quatro conotações distintas: 1) carreira como avanço, em que a mobilidade é vertical em uma hierarquia organizacional com sequência de promoções e movimentos para cima; 2) carreira como profissão, visão na qual seriam consideradas carreiras somente as ocupações que periodicamente são submetidas a movimentos progressivos de *status*, enquanto os trabalhos que normalmente não conduzem a um avanço progressivo não são vistos como a construção de uma carreira; 3) carreira como a sequência de trabalhos durante a vida, definição em que a carreira de uma pessoa é sua história ou a série de posições ocupadas, desconsiderando os níveis ou tipo de trabalho; 4) carreira como a sequência de experiências relativas a funções ao longo da vida, em que a

carreira representa a maneira como a pessoa experimenta a sequência de trabalhos e atividades que constituem sua história de trabalho.

Para Noronha e Ambiel (2006), a carreira é entendida como a identificação com o trabalho e reconhecimento diferencial do indivíduo que se profissionaliza em uma área específica e se torna reconhecido pela profissão. Em se tratando de carreira, pode-se inferir que ela pressupõe o desempenho de uma atividade laboral, ou seja, de um trabalho.

Ao se fazer uma retrospectiva com o intuito de compreender fenômenos atuais, tendo como referência o ocorrido no passado, encontra-se que o trabalho, passa, ao longo da sua história, por um processo de desenvolvimento no qual inicialmente, a transmissão dos ofícios era rígida, quase que hereditária (ARAÚJO; SACHUK, 2007). Neste caso, fica compreensível a questão da transferência do trabalho e das profissões de pais para filhos, não somente em se tratando de empresas familiares que são herdadas, mas também de profissões.

A fim de se desenvolver de forma eficiente, o trabalho surge como uma atividade que não deve ser imposta ou ser consequência da vivência de microrrelações, mas sim, advir da auto-realização e do reconhecimento social (BOJORQUES; BENITEZ; SALAZAR, 2011). Historicamente, o trabalho tem diferentes definições, baseadas na percepção e/ou necessidade do trabalhador em relação ao seu desenvolvimento; há também que se considerar o trabalho não é somente um meio de auto-realização e reconhecimento, mas também de prazer e sofrimento (DEJOURS, 2004). Em se tratando do atleta de alto rendimento há o conceito de prática deliberada de Ericsson (2003), que apresenta dentro de outros aspectos, a ausência de prazer físico e psicológico durante a prática, por se tratar de uma atividade com grande demanda energética e necessidade de concentração excessiva, desta forma este aspecto deve ser considerado como indo ao encontro do que é apresentado por Dejours (2004). Assim, nas situações apresentadas, pode-se inferir que o prazer esteja relacionado ao que se obtém

através do trabalho desenvolvido, por exemplo, status social ou remuneração financeira.

Para Coutinho (2009), o trabalho é a implicação de forças humanas para atingir determinado fim, ou meta, dentro e fora do local de sua execução. Dessa forma, o trabalho está compreendido no desenvolvimento da carreira, uma vez que essa se desenvolve a partir do alcance de metas. Tal afirmação reforça que a construção da carreira através de uma profissão envolve dedicação e comprometimento em todas as fases que a compreendem, tendo em vista que ela é dinâmica e contínua, demandando do indivíduo grande envolvimento.

A profissão refere-se a um conjunto de ocupações que possuem características variáveis, embasando-se no profissionalismo (KILIMNIK, 2000). A partir de tal conceito, destaca-se a importância da especificação na atuação em uma determinada área, tendo em vista que ser profissional significa ter uma atuação e um desempenho focados a partir de uma escolha.

Na escolha da profissão, o indivíduo sofre várias influências, familiares, sociais, financeiras, dentre outras, contudo, deve buscar desenvolver aquilo para o que tem maior aptidão e interesse. Tal escolha se torna de grande importância, podendo a carreira ser tida como uma meta estabelecida e buscada, uma vez que o que for escolhido será desenvolvido durante longos anos da vida do indivíduo.

Evoluindo a partir dos aspectos anteriormente apresentados para o desenvolvimento das carreiras profissionais, Toni (2003) apresenta que a Revolução Industrial foi responsável pelo trabalho deixar de ser uma herança e passar a ser uma escolha. O autor diz que a partir do Iluminismo, o trabalho foi associado à vocação, dessa forma, quebra-se o paradigma de continuidade ou obrigatoriedade em se seguir a carreira desenvolvida pelos seus antecessores. Em contrapartida, Castel (2013) defende que a Revolução Industrial tornou o trabalhador mais dependente do capitalismo e menos dono da sua força de trabalho, como visto no seguinte fragmento de texto:

Não nos esqueçamos de que a condição de assalariado, que hoje ocupa a grande maioria dos ativos e a que está vinculada a maior parte das proteções contra os riscos sociais, foi, durante muito tempo, uma das situações mais incertas e, também, uma das mais indignas e miseráveis. Alguém era um assalariado quando não era nada e nada tinha para trocar, exceto a força de seus braços. Alguém caía na condição de assalariado quando sua situação se degradava: o artesão arruinado, o agricultor que a terra não alimentava mais, o aprendiz que não conseguia chegar a mestre... Estar ou cair na condição de assalariado era instalar-se na dependência, ser condenado a viver “da jornada”, achar-se sob o domínio da necessidade (CASTEL, 2013, p. 21).

Surge aí, o que autores como, por exemplo, Toni (2003) conceitua como ou um conjunto de interesses e aptidões que direcionam a escolha da profissão de uma pessoa. Assim, atualmente, entende-se que durante as fases de investimento e especialização profissional, o indivíduo já não depende tanto de seguir a profissão ou a escolha dos pais. Neste período, ele próprio já é capaz de tomar suas decisões quanto ao tipo de profissão, volume e intensidade de dedicação, e também ao nível necessário de comprometimento a ser dispensado às suas metas na sua carreira.

Considerando o que foi discutido até aqui no que diz respeito à apresentação de conceitos introdutórios, faz-se necessário a compreensão de aspectos mais específicos relacionados ao objeto deste estudo, ou seja, a carreira, e de forma mais específica, a carreira do atleta profissional. Assim serão abordados no tópico a seguir, tipos e tipologias de carreiras, de acordo com diferentes autores.

2.1.2 Tipos e tipologias de carreiras

As carreiras contemplam diversos fatores, sofrem várias influências e se desenvolvem de forma peculiar em cada situação. Dessa forma, os autores que são discutidos apresentam alguns tipos básicos e principais de carreiras, alguns dos quais serão apresentados e tratados no decorrer deste tópico.

A carreira tradicional, de acordo com Bendassolli (2009), se baseia na noção de emprego herdada da sociedade industrial. Nela, o empregado faz uma troca com a sua organização, para a qual ele se dedica e é fiel, recebendo como contrapartida ou mesmo recompensa, a segurança e estabilidade funcional. O que Hall (2002) apresenta como transição nas novas carreiras, se trata do caso da carreira tradicional, como estar fora do mercado de trabalho, tendo em vista que não está exercendo uma determinada profissão por ocasião de um processo de qualificação, por exemplo, seria neste contexto uma interrupção na carreira. Pensar dessa forma significaria entender como transições na carreira todos os momentos em que, por motivos de investimento no desenvolvimento de novas capacidades, a pessoa se afaste do seu cotidiano profissional, por exemplo, um professor universitário ao se afastar dos seus encargos de aula para fazer uma pós-graduação, estaria passando por uma transição na carreira. Esta seria uma forma rasa de se compreender as transições na carreira, uma vez que elas não se restringem a momentos em que a pessoa se afasta para se qualificar, as transições envolvem tanto estes quanto outros aspectos, por exemplo, transferências para outras cidades, mudanças de cargo através de promoções, dentre outros.

A partir da evolução da compreensão das carreiras, o que no passado era considerado como segurança ou estabilidade mudou drasticamente. Nos dias atuais, a estabilidade tem uma relação muito evidenciada e direta com a qualificação profissional e pessoal, além de atitudes sobre a própria carreira, de

maneira bem mais evidente do que em restringir suas possibilidades ao empregador (VELOSO; DUTRA, 2010). Nesse contexto, a pessoa é a principal responsável pelo desenvolvimento da sua carreira, retirando esse encargo do empregador, ou seja, um atleta é orientado e instruído pelo técnico, porém, o seu desenvolvimento para o alcance do alto rendimento é auto-regulado pelo seu comprometimento e dedicação, o que quer dizer que se ele não treinar de forma consciente não irá se desenvolver, sendo de sua responsabilidade essa consequência.

De acordo com Briscoe, Hall e Demuth (2006), o declínio da carreira tradicional foi acompanhado pelo surgimento de duas novas perspectivas de carreiras, a proteana e a sem fronteiras. Tais perspectivas tomaram forma e força nas últimas décadas e vêm indicar uma evolução no entendimento do assunto.

A carreira proteana, que pode ser entendida como versátil, foi classificada pela primeira vez por David Hall em 1976, de acordo com Sullivan e Baruch (2009). Estes autores apresentam que Hall, no trabalho citado, fez uma metáfora ao deus grego Proteus, que mudava de aparência de acordo com a sua necessidade, assim como o profissional deve ser capaz de se adaptar no que se refere ao seu conhecimento, habilidades e competências de acordo com o novo contexto econômico, social e tecnológico que surgiu naquela época.

Para os autores citados, este tipo de carreira se caracteriza no controle por parte da pessoa, e não da organização, sobre a carreira, ou seja, a pessoa é responsável pelo seu desenvolvimento profissional, aspecto que foi apresentado anteriormente e exemplificado no contexto dessa tese, ou seja, do esporte de alto rendimento. A partir daí, somente depois de duas décadas, o conceito de carreira proteana foi efetivamente popularizado por Hall (2002), cujo perfil é o de um profissional flexível que valoriza a liberdade de escolha de possibilidades, bem como o aprendizado constante e a busca de recompensas pessoais através do trabalho. Sendo que no passado a responsabilidade do desenvolvimento da

carreira era depositada sobre o gestor, uma vez que o profissional dessa época atribuía sua progressão ao seu empregador, muito mais do que a si próprio, mesmo que também nesse momento buscavam-se recompensas pessoais através do trabalho, o que ainda é praticado atualmente.

Além da versatilidade, as atitudes proteanas estão correlacionadas de forma positiva com uma personalidade proativa e também com autenticidade na carreira, abertura a experiências e orientação a objetivos (BRISCOE; HALL; DEMUTH, 2006). Conforme aponta Hall (2002), a carreira proteana é caracterizada por duas variáveis:

- 1) Autogestão da carreira: acontece quando o profissional assume o controle de seu destino profissional e cria as próprias oportunidades de desenvolvimento. Esta variável está presente em pessoas orientadas com maior ênfase por objetivos de crescimento pessoal e menos pela busca de segurança no emprego.
- 2) Carreira orientada por valores: ocorre quando o profissional prioriza os próprios valores ao estabelecer prioridades e objetivos, e quando o sucesso é definido a partir de critérios próprios, não da empresa nem do mercado. Neste caso a pessoa tende a medir o seu sucesso a partir dos seus próprios valores pessoais, sem que opiniões de terceiros venham a interferir nas suas perspectivas e crenças. A partir da perspectiva dessa tese, essas variáveis são consideradas utópicas, uma vez que os valores do mercado influenciam diretamente o esporte profissional, na medida em que a mídia foca seus holofotes em determinadas modalidades ou eventos, direcionando para tais recursos oriundos de patrocínios e contratos profissionais, deixando, muitas vezes descobertas, modalidades ou até projetos esportivos com grande alcance social, mas sem interesse da mídia. Dessa forma, o que se tem com frequência é a escolha da modalidade a partir do mercado, como é o caso do futebol brasileiro, apresentado no estudo de Marques e Samulski (2009).

Neste contexto, o profissional que desenvolve carreira proteana, de acordo com Silva et al. (2012), tende a apresentar atitudes como mudança frequente, intensa renovação de competências e autonomia nas suas decisões. Assim, Bendassolli (2009, p. 392) apresenta que “a mensagem é clara: carreira depende de versatilidade, contínua adaptação e resiliência”. Sendo importante considerar que a dita “mensagem” vem do mercado e dos seus valores, ou seja, do discurso dominante do capitalismo.

Silva et al. (2012) apresentam em seu trabalho a carreira sem fronteiras, que surgiu paralelamente aos estudos sobre a carreira proteana. De acordo com os autores, o seu surgimento foi motivado pelo tema do encontro anual da *Academy of Management* de 1993, no qual o professor Michael Arthur e alguns dos seus colegas decidiram investigar o quanto esse novo tipo de organização, baseada no modelo proteano, estava afetando as carreiras dos seus funcionários (ARTHUR; HALL; LAWRENCE, 1989).

Silva et al. (2012) apresentam que Arthur, Hall e Lawrence (1989) se inspiraram nos estudos de James Brian Quinn, autor da expressão empresa inteligente, “Aquela capaz de destruir a hierarquia, romper com os degraus dos organogramas, terceirizar o que não é da sua competência principal, e se concentrar naquilo que faz de melhor” (ARTHUR; HALL; LAWRENCE, 1989, p. 7).

No contexto da carreira sem fronteiras, as empresas inteligentes possuiriam três distintas competências: uma cultura capaz de assimilar a contribuição de seus funcionários, um conhecimento técnico e uma rede de relacionamentos que dá acesso aos recursos externos. Contudo, tal conceito não deve ser adotado sem uma análise mais crítica, uma vez que para Lima (2011), esse tipo de empresa tem aumentando a sua produtividade, entretanto, sem

equivalência no aumento correspondente de empregos, o que conclusivamente leva a uma precarização do trabalho¹.

Ainda neste sentido, e buscando as devidas ressalvas a um ideal de empresa inteligente, o que no contexto dessa tese poderia significar a existência de uma organização esportiva voltada à terceirização da atividade dos atletas de alto rendimento, ou seja, um corte com o vínculo entre os atletas e seus clubes, permitindo que os mesmos transitassem entre essas organizações de acordo com o seu interesse, mas sem, contudo, ter a devida valorização do seu trabalho, Freitas, Heloani e Barreto (2008) discutem a terceirização inconsequente como uma forma de assédio moral no ambiente de trabalho. A autora apresenta tal discussão considerando que ao se expor a essa possibilidade o empregado que não se adeque a tal contexto se sente pressionado a ceder ou ir contra os seus valores éticos e morais, a fim de manter o seu trabalho. Dessa forma pode-se considerar a construção das carreiras baseada em diferentes conceitos e preceitos a serem analisados criticamente.

Ainda nas pesquisas sobre carreiras sem fronteiras Briscoe, Hall e Demuth (2006), têm focado sobre as atitudes que as caracterizam. Nesse sentido, a carreira sem fronteiras refere-se a pessoas independentes que buscam oportunidades além da estabilidade gerada pelo empregador ou organização deste ou daquele momento. Os profissionais com este tipo de carreira não apresentam problemas diante de mudanças físicas, estruturais ou de encargos, tampouco psicológicas, no que se refere a novas exigências ou tarefas a serem desenvolvidas. Os mesmos autores apresentam duas variáveis deste tipo de carreira: 1) Mobilidade psicológica: característica que aparece nos profissionais que preferem interagir com pessoas, que se sentem motivados por novas experiências, situações e aprendizado no trabalho, com um olhar além das

¹ Precarização que será abordada posteriormente em relação a não existência de contratos de trabalho para os ex-atletas participantes desse estudo.

fronteiras de sua atual empresa; 2) Mobilidade física: aparece quando a pessoa deseja trabalhar para várias empresas e se compromete ao trabalho na medida em que percebe que está se desenvolvendo (BRISCOE; HALL; DEMUTH, 2006). Novamente surge a crítica quanto o que é realmente factível ou utópico, uma vez que neste contexto várias são as ressalvas, tendo em vista como foi discutido por Carvalho Neto (1996), que as características dos profissionais variam em função da necessidade de adequação e manutenção dos seus cargos e empregos, atendendo a uma exigência da organização, muito mais do que a uma escolha pessoal.

Relacionando-se as três carreiras até aqui apresentadas, pode-se inferir que a carreira sem fronteiras, se opõe a do tipo tradicional por não estar confinada às fronteiras de uma única organização, emprego, ocupação, região ou domínio de *expertise*. Em comparação com a carreira proteana, as diferenças são mais discretas, porém, existentes, como por exemplo, maior liberdade e versatilidade, porém, associada a precarização da carreira, que no caso do atleta profissional brasileiro é algo evidente, uma vez que esse profissional tem uma carreira muito precária, no que diz respeito a retorno financeiro e mesmo social (TENBAUM; EKLUND, 2007).

Chanlat (1995) apresenta em seus estudos quatro tipos de carreiras, compreendidas nos modelos tradicional e moderno: burocrática, profissional, empreendedora e sociopolítica. Segundo o autor, a carreira burocrática possui uma rígida hierarquia, a centralização de poder e impessoalidade das relações. Nesse contexto, para se desenvolver a carreira, a pessoa ingressa e progride através de concursos, seleções e provas.

De acordo com Barata (2011), a carreira profissional está baseada e fundamentada no monopólio do saber, da especialização e da profissão. Nesse tipo de carreira, enquanto a pessoa puder aprender e se aperfeiçoar, no que se refere as suas competências, estará apta a crescer profissionalmente.

Os profissionais tendem a desenvolver uma lealdade maior em relação à profissão do que em relação à organização que os emprega. Isto explica porque eles têm, em geral, maior mobilidade do que os outros, desde que a organização já não os satisfaça (CHANLAT, 1995, p. 74).

Segundo Chanlat (1995), a carreira do tipo empreendedor está ligada às atividades de uma empresa independente, embora sob a formatação de uma pessoa. Nesse contexto, o sucesso não decorrerá já da proveniência social, antes fruto do talento e do trabalho do indivíduo (CHANLAT, 1995). Barata (2011) apresenta que a precarização do trabalho e a subida das taxas de desemprego podem condicionar os indivíduos a esse modelo de carreira. O que quer dizer que a necessidade de meios que proporcionem a sobrevivência, não somente digna, mas capaz de alcançar os anseios pessoais, nos dias atuais, tendem a levar a pessoa a buscar mais de um trabalho de forma simultânea, ou ainda a ter que construir uma formação ampla que possibilite ajustes em função de necessidades que venham a surgir a partir de demandas do mercado ou das organizações.

Finalmente, para Chanlat (1995, p. 75), “A carreira de tipo sociopolítico baseia-se nas habilidades sociais e no poder de relações de que dispõe uma pessoa”. É esse o modelo de carreira, considerado por Barata (2011) e Chanlat (1996) como emergente, sendo o que proporciona possibilidades para grupos historicamente inferiorizados, como as mulheres, para progredir e desenvolver sua carreira. Segundo os autores, esse tipo de carreira permitirá a instalação de uma nova divisão do trabalho, que questionará a própria noção de carreira para a maioria da população (CHANLAT, 1996). Isso devido ao fato de que o desenvolvimento da carreira se dá através das relações pessoais, tais como a liderança que uma pessoa exerce sobre um grupo, ou ainda o acesso que uma pessoa tenha a um gestor, governante ou superior hierarquicamente no seu contexto profissional e pessoal.

Beschizza (2005) identifica na literatura três tipos básicos de desenhos de carreira: a estrutura em linha, que ordena diversas posições em uma única direção, ou seja, exclui quaisquer alternativas e possibilidades. Esse tipo de estrutura é, segundo o autor, muito encontrado nas empresas, contudo, apresenta algumas limitações no que se refere à falta de opção para outras carreiras, à preferência dos funcionários por uma carreira técnica, ao topo da carreira se referir invariavelmente a posições gerenciais e, acima de tudo, à falta de flexibilidade na carreira. O segundo tipo é o de estruturas em rede, que apresenta várias alternativas para cada posição na empresa. Nessa estrutura, as pessoas têm a possibilidade de optar pela trajetória que mais lhes agrade de acordo com os critérios de acesso estabelecidos pela organização, isto porque a organização oferece alternativas variadas de funções a serem ocupadas, que conseqüentemente, possibilitam às pessoas o direcionamento das carreiras por caminhos diversos.

E finalmente, as estruturas paralelas, que criam alternativas para a carreira que não são necessariamente relacionadas a qualquer estrutura organizacional. Dutra (1996) define tal modelo de carreira como sendo uma seqüência de posições que a pessoa pode assumir em uma organização contendo duas naturezas: uma profissional e outra gerencial, sendo que o ápice da carreira pode ser reconhecido pela organização em qualquer das duas naturezas. Talvez este tipo de carreira seja o que tenha maior relação com o esporte, no caso referindo-se ao atleta profissional, uma vez que o vínculo com a estrutura organizacional é mais flexível. Isto para os atletas pode significar a busca pessoal pelo seu desenvolvimento, sendo a sua carreira gerida e desenvolvida por ele próprio, e o reconhecimento do seu desenvolvimento auferido a partir das suas conquistas.

Em se tratando dos Tipos e Tipologias de Carreiras, há que se considerar e abordar também os Tipos de Planos de Carreira, desta forma, apresenta-se a

abordagem de seis tipos básicos de planos de carreira propostos por Beschizza (2005):

a) Carreira por linha hierárquica – trata-se da mais comum entre as organizações, sendo também a mais rígida, e assemelha-se à carreira burocrática de Chanlat (1996). Esse plano de carreira vem perdendo força e espaço nas organizações atuais, uma vez que se apresentam de forma muito rígida. Nela, o topo da carreira é caracterizado pelos cargos gerenciais, o que remete a uma estrutura organizacional ortodoxa. Tal aspecto se dá ao fato de que os cargos gerenciais são “espaços” muito limitados nas organizações. A carreira por linha hierárquica não considera metas e anseios individuais, assim, não favorecendo os cargos técnicos, levando em conta que os cargos gerenciais são considerados os mais importantes. Dessa forma, uma promoção para um técnico a um cargo gerencial pode ir contra os anseios e preferências pessoais desse servidor. Resumindo, trata-se de uma carreira inflexível na qual qualquer mudança na estrutura da organização pode gerar vários problemas para absorver as pessoas que ocupam gerências, sendo que uma vez que deixam de ser técnicos, por promoções, os servidores não podem voltar a assumir este tipo de função por se configurar um rebaixamento da carreira.

b) Carreira em Y – é diferente da carreira hierárquica, sendo que tem como pressuposto a mobilidade e a ascensão profissional ao servidor pelo exercício das suas atividades na sua área de especialidade seja ela qual for. Nessa carreira, as funções têm inícios idênticos, sendo que a partir de certo grau de desenvolvimento, a pessoa pode optar pelos cargos gerenciais ou por cargos técnicos, desenvolvendo-se na direção em que optou, por iniciativa própria ou atendendo as demandas da organização. Em suma, essa é uma possibilidade de carreira flexível que permite o deslocamento do profissional de uma linha para a outra, permitindo também o acesso de um maior número de pessoas ao topo da

organização, valorizando o trabalho de todos e satisfazendo às preferências individuais de cada servidor.

c) Carreira por linha de especialização – nesse tipo de carreira, o funcionário se desenvolve em uma carreira específica, se especializando na sua área de atuação, podendo alcançar o cargo máximo na sua especialidade. Por exemplo, uma pessoa que trabalha no setor de marketing da organização se especializa e traça seus passos nessa carreira até atingir a gerência dessa área específica. O aspecto positivo é que este tipo de carreira propicia uma ascensão rápida, e o aspecto negativo, neste contexto, é que cada servidor tem o seu conhecimento em relação à organização, limitado à sua área específica.

d) Carreira por linha de polivalência – essa carreira é oposta a anterior, uma vez que nesse caso, o desenvolvimento é estimulado em áreas diferentes, sendo que as promoções verticais são mais lentas, e a integração entre áreas diversas é maior, as possibilidades de mudança de áreas e transições são maiores e mais evidentes. Na maioria dos casos, as organizações adotam este tipo de carreira para profissionais de nível superior, sendo que nos primeiros anos, exerce uma função de *trainee*, e ao se finalizar essa etapa o servidor ocupará o seu cargo específico.

e) Carreira por linha generalista – nesse tipo de carreira, o profissional se desenvolve a partir do conhecimento profundo e específico na sua área de atuação somado ao conhecimento geral e não tão profundo em outras áreas da organização.

f) Carreira Mista – trata-se da adoção de vários tipos de carreiras simultaneamente, buscando atender às necessidades da organização.

Somados aos tipos de carreiras até aqui apresentados e descritos, Dutra (2002) propõe que as carreiras sejam divididas em três categorias: operacionais, que são as carreiras vinculadas às atividades fins da empresa que exigem o uso do corpo, geralmente se contrata sem experiência. Essas carreiras geralmente

encerram-se nelas próprias; profissionais, que são carreiras relacionadas às atividades específicas e geralmente exigem pessoas com formação técnica ou grau superior, no caso da carreira esportiva esta formação seria o tempo de prática na modalidade desenvolvida. Essas são definidas pelos processos fundamentais das empresas; gerenciais, que são carreiras ligadas às atividades de Gestão, onde as pessoas são oriundas das carreiras operacionais ou profissionais, que ao longo de seu processo de crescimento demonstram vocação para carreira gerencial.

No caso do grupo de ex-atletas estudados no âmbito dessa tese, supõe-se que a sua carreira esteja categorizada, segundo Dutra (2002), como operacional, tendo em vista o início precoce, ou seja, sem experiência, sendo vinculada à atividade fim da sua organização esportiva, que no caso seriam as competições.

Algo interessante apresentado por Gonçalves (2007), em se tratando da análise dos ex-atletas participantes desse estudo é que as pessoas podem perceber suas carreiras por quatro padrões na realização das atividades: a) carreira linear na qual a pessoa escolhe uma área e atua especificamente nela desde o início até o fim da sua vida profissional, traçando um plano de ascensão inicial a ser estritamente seguido; b) carreira estável, pela qual a pessoa também opta no início da vida profissional e permanece até o fim, com a diferença que, nesse caso, ela tem a oportunidade de ascensão independentemente da hierarquia organizacional, contando com a estabilidade da sua carreira; c) carreira espiral, as pessoas são motivadas simultaneamente pelo desejo de crescimento pessoal dedicando-se integralmente à sua atuação, experimentando o desafio apresentado por novas possibilidades e exigências; e d) carreira transitória, que ocorre no caso de pessoas que mudam de um trabalho para o outro sem qualquer padrão especial, ou sem sequer escolher um campo em particular, agindo em função do ocasional. Tal interesse se destaca por se tratar de um grupo em que os objetivos pessoais em relação a carreira são muito heterogêneos, apesar dos

motivos que levam ao desenvolvimento desta, ser bem semelhantes. Dessa forma as percepções pessoais sobre a carreira podem ter grandes variações.

Finalmente, Schein (1993), ao tratar dos tipos e tipologias de carreiras, apresenta o conceito de âncoras na carreira, sendo este um conceito construído longitudinalmente em um contexto de carreira interna da seguinte forma: 1) autonomia/independência (AI) – Preocupação com a liberdade e independência; 2) segurança/estabilidade (SE) – Escolha de vínculos de trabalho que asseguram a segurança física e financeira; 3) competência técnica-funcional (TF) – Preocupação com o desenvolvimento da perícia pessoal e especialização construindo a carreira em uma área técnica específica ou determinada profissão; 4) competência gerência geral (CG) – Preocupação central com a integração dos esforços dos outros para a obtenção de resultados e com a articulação das diferentes funções de uma organização; 5) criatividade empresarial (CE) – Preocupação em criar negócios, novos produtos ou serviços; 6) serviço ou dedicação a uma causa (SD) – Busca contribuir para a melhoria da sociedade. A prioridade é o desejo de servir a uma causa; 7) desafio puro (DP) – A preocupação central é buscar oportunidades para achar soluções para problemas aparentemente insolúveis, vencer situações adversas ou oponentes; 8) estilo de vida (EV) – Busca oportunidades que permita conciliar e integrar necessidades pessoais, familiares e as exigências da carreira.

A partir da compreensão das formas como as carreiras se apresentam e se desenvolvem através dos tipos e tipologias ora apresentados, buscar-se-á determinar de qual natureza se trata a carreira esportiva do atleta de alto rendimento. Levando-se em consideração que o que foi apresentado e discutido até aqui, demonstra-se que as carreiras podem estar relacionadas tanto com o sujeito, quanto com a organização a qual ele está vinculado, dessa forma torna-se necessária a diferenciação de tal relação. Após a discussão dos conceitos que apresentam a carreira, há que se considerar que quaisquer carreiras passam por

processos de mudanças e transição, seja nela mesmo ou em se tratando de uma nova carreira a ser desenvolvida e construída a partir da anterior, tendo esta como influenciadora. Assim, serão tratadas no tópico a seguir, as mudanças e transição de carreira.

2.1.3 Mudanças e transição de carreira

Ao longo do desenvolvimento de quaisquer carreiras a pessoa passa por diferentes etapas e experiências. Para Veloso e Dutra (2010), a transição na carreira ocorre quando a pessoa efetua uma mudança que implica em assumir uma nova identidade profissional, por exemplo, a mudança entre a carreira de atleta de alto rendimento para uma nova carreira após a aposentadoria como atleta. Pensando nas carreiras clássicas, uma nova identidade profissional não é simplesmente uma mudança de função, muitas vezes alcançada através de uma promoção, ou seja, pela progressão vertical. Essa identidade refere-se a um construto que sofre constantes influências, pessoais e/ou externas, ou seja, a dinamicidade da pessoa em tratar das transições e mudanças na carreira, considerando-se os desafios e obstáculos que venham surgir em função do desenvolvimento.

Quishida (2007) apresenta que a nova identidade profissional nos processos de transição da carreira refere-se ao fato de que a pessoa efetua a passagem pelos estágios da carreira, ou seja, entrada, desenvolvimento, reavaliação, reforço e nova entrada precedida por ruptura; e a passagem pelas fases da carreira, sendo essas: a pré-transição, descontentamento crescente, crise, redirecionamento e (re) estabilização. Cada pessoa passa ou não pelas fases apresentadas, seja por todas ou por algumas delas, de acordo com a sua individualidade e com o desenvolvimento e planejamento da sua carreira, podendo vivenciar a transição de diferentes maneiras. Para Dias e Soares (2009),

as fases referem-se, em termos gerais, a mudanças expressivas nas pessoas, como por exemplo, rompimento do equilíbrio nas relações familiares, mudança de cidade, mudança emprego, dentre outras.

Além da individualidade com relação as fases de transição, o sentimento de cada pessoa com relação às transições na carreira é marcado pela ambiguidade (DIAS; SOARES, 2009), ao mesmo tempo em que pode oferecer grandes oportunidades profissionais e realização pessoal nesse âmbito, as transições na carreira podem significar grandes mudanças familiares e de caráter pessoal, o que causa impactos marcantes e distintos em cada pessoa. Qualquer transição na carreira tende a requerer que a pessoa assuma novas responsabilidades uma vez que transições podem significar inclusive novas carreiras, para Veloso e Dutra (2010, p.103) “[...] mudar de função é mudar de roupa; e a transição na carreira é arrancar a pele e viver em carne viva até uma nova pele recobrir nossas feridas”.

Nesse contexto, pode-se inferir que transições nas carreiras podem significar um processo doloroso e com grande impacto na vida pessoal e profissional. Oltramari (2008) aponta a ocorrência de adoecimentos, crises conjugais, reprodução dos modelos de modo acrítico na carreira dos filhos, desorganização da vida familiar, relações amorosas efêmeras, individualismo nas relações como possíveis decorrências nos processos de transição de carreiras.

A transição nas carreiras é marcada, em muitas situações, e especificamente no caso do estudo que gerou esta tese, pelo fim de uma carreira, fase esta carregada de reflexão, especialmente em função da aposentadoria na carreira atual e do início de uma nova. Assim, é importante se conhecer os aspectos sociais e psicológicos que envolvem esta fase.

Veloso e Dutra (2010), afirmam que no início dos anos 70, ainda não existia campo estabelecido para a análise das carreiras nos estudos das

organizações e da gestão. Os autores mostram que a principal base teórica na época era proporcionada pelos psicólogos vocacionais e sociólogos. Hall (1986) propõe que o campo científico relativo à carreira é, simultaneamente, teórico e prático, o que significa carecer de atenção ampla em ambos os sentidos. Em se tratando do campo conceitual, os tipos de tipologias de carreira, anteriormente descritos, mostram as evoluções ocorridas no sentido de consolidar e convalidar as carreiras.

Desta maneira, Dias e Soares (2009) defendem que uma transição na carreira deve ser vista de um sentido amplo, pois, consideram mudanças pessoais o que se refere aos relacionamentos, rotinas e crenças. As transições não se referem apenas a grandes mudanças, mas também a mudanças sutis (SCHLOSSBERG; WATERS; GOODMAN, 1995).

A transição na carreira envolve ganhos e perdas, além de eventos de grande ou pequeno impacto na vida da pessoa, mas que em grande parte das vezes, exige uma mudança, mesmo que sutil, de postura, organização e planejamento pessoal. Em uma abordagem muito anterior aos estudos de carreira atuais, Folkman e Lazarus (1980) já salientavam que a avaliação que o indivíduo faz da transição é fundamental. Cada pessoa tem uma visão positiva ou negativa sobre todo o processo de transição, sendo que essa avaliação pessoal será tida como referência de como a pessoa se sente ao passar pelo processo de transição, determinando as suas emoções e atitudes ao longo de todo o processo.

Pensando no momento em que ocorre a transição na carreira, Dutra (2010) afirma que isso acontece quando o indivíduo se sente instigado a buscar novos horizontes profissionais, ou até mesmo pessoais; refere-se ao desafio e à busca pelo crescimento. Concluindo, autores como Bianchi, Quishida (2009) e Dutra (2010) e Ibarra (2004) apresentam que a transição nas carreiras trata-se de um conceito altamente complexo, isto é, tais transições envolvem diversos fatores pessoais, sociais, econômicos e organizacionais. Partindo desse ponto,

como o objeto de estudo dessa tese se concentra na carreira esportiva e nos seus processos de transição, mudança e desenvolvimento, o tópico a seguir traz a abordagem de conceitos relacionados ao esporte, sendo esses importantes para a contextualização desse estudo.

2.2 Peculiaridades do esporte

Para Tenenbaum e Eklund (2007), o termo “carreira esportiva” é entendido como a prática voluntária e plurianual de uma atividade esportiva escolhida pelo atleta com o objetivo de alcançar altos níveis de desempenho em um ou vários eventos esportivos. Essa carreira é construída a partir de quando o indivíduo inicia a prática esportiva e segue até a sua aposentadoria como atleta. A sua duração é definida de acordo com as especificidades de cada modalidade. Normalmente, inicia-se a carreira esportiva na infância e se finda na idade adulta, antes dos 40 anos de idade (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2014). Salmela (1996) apresenta o esporte de alto rendimento como estruturado, orientado a uma tarefa e com demanda de comprometimento e esforço, sendo esse o nível que caracteriza o esporte profissional, bem como o ápice da carreira esportiva.

A carreira esportiva engloba diversas fases, do início ao alto rendimento e, posteriormente, à finalização da carreira competitiva. Salmela (1996) apresenta que os atletas passam por processos de captação e seleção, longos períodos de formação envolvendo treinamento e competições, socializam-se no ambiente esportivo, alcançam ou não o alto nível e, finalmente, cessam a prática sistemática do desporto.

Marques e Samulski (2009) apresentam as transições na carreira esportiva como foco do seu estudo, sendo elas, a iniciação esportiva e a construção da base de fundamentos; o investimento no treinamento para

competições iniciais; a participação de competições mais expressivas, tais como eventos regionais e estaduais; competições de alto nível, ou seja, eventos nacionais e internacionais, bem como a inserção em grandes clubes, profissionalizando-se no esporte. Finalmente, os autores apresentam a aposentadoria na prática esportiva como seu foco principal de estudo. Para os autores, é relevante se considerar o apoio social ao fim desta carreira.

A carreira esportiva sofre diversas influências ao longo do seu desenvolvimento. Verardi e De Marco (2008) apresentam que famílias que têm o entendimento da importância e do valor do esporte ou o gosto pela prática esportiva, normalmente são aquelas que apoiam a carreira esportiva dos seus filhos. Corriqueiramente, os pais buscam para as crianças, esportes com os quais eles próprios se identifiquem (SAMULSKI, 2008), encontrando assim, uma maneira de se realizarem através das conquistas dos filhos. Muitas vezes é o que também ocorre em outras carreiras. A imposição à prática de um determinado esporte é comum no Brasil, estando os jovens atletas de certa forma obrigados a seguirem um treinamento diferente da sua vontade (MACIEL, 2003).

Somente chegando à adolescência ou mesmo à idade adulta, é que os atletas se tornam capazes de optarem pela modalidade que querem realmente seguir, muitas vezes dedicando-se a outras modalidades na fase de iniciação ou até mesmo na de investimento, que é a fase na qual os atletas se dedicam ao treinamento focado das habilidades específicas da sua modalidade (ERICSSON, 2003), devendo então, se empenhar em dobro se sua meta for tornar-se um *expert*. Esse fato ocorre também em outras carreiras, contudo, no esporte, devido ao início precoce, essa escolha tarda um pouco mais, devido a dependência que os filhos têm dos pais.

Destaca-se então, a importância da participação do técnico e da família na iniciação de uma carreira esportiva (MACIEL; MORAES, 2008). As crianças não têm como buscar qualquer tipo de atividade sem que orientadas ou

devidamente apoiadas primeiramente pelos pais, que são o seu vínculo direto com o mundo e, posteriormente, através do técnico, que é o responsável pela sua inserção na vida esportiva. Normalmente, têm acesso a uma boa estrutura de treinamento somente aqueles que têm o respaldo familiar (MARQUES; SAMULSKI, 2009).

Assim, no início da vida esportiva, o apoio dos familiares é fundamental, não só o apoio financeiro, mas também o psicológico e afetivo (SALMELA; MORAES, 2003). Esse início pode ser tratado como o momento de investimento e formação do indivíduo. Transferindo para outras carreiras, é como se fossem os períodos escolar e universitário, momentos nos quais a formação está sendo construída. Marques e Samulski (2009) comentam, entretanto, que não é dada muita ênfase para a formação escolar de atletas de futebol profissional, nesse caso, a escola deixa de ser prioridade. Partindo dessa afirmação, questiona-se se tal fenômeno também ocorre com atletas de outras modalidades esportivas.

Como apresentado, na construção da carreira esportiva, o contexto social é um grande influenciador, uma vez que há vários fatores nele compreendidos que impactam na decisão, manutenção e continuidade do atleta no esporte. Um fator marcante é a questão dos mitos gerados pelo esporte. Machado e Rúbio (2008) apresentam o atleta como maior legado olímpico, ou seja, a pessoa em si se torna uma referência a ser seguida pelas demais. Pode ser observado através da história que atletas de destaque são tratados desde a Grécia antiga como pessoas de destaque na sociedade, sendo que em períodos atuais, esse destaque traz, inclusive, um grande retorno financeiro, em certas modalidades. Esse é o caso do futebol, por exemplo, em que os atletas obtêm grandes lucros com contratos publicitários de venda de imagem, fator que pode estimular a prática esportiva bem como a busca por essa carreira.

Pires (2007) comenta que a gestão esportiva moderna passa por um forte envolvimento antropológico e sociocultural, ou seja, relacionando os interesses

do indivíduo às expectativas e necessidades do seu meio, devendo estar contextualizada com a realidade esportiva. Partindo dessa premissa, para analisar e conhecer a estrutura de gestão de uma modalidade ou evento esportivo deve-se focar nas organizações responsáveis por sua gestão. Além do caráter sociocultural do esporte, o mesmo autor destaca que este está vivendo uma era econômica, ou seja, o esporte, que antes era predominantemente um sistema integrador de cadeia vertical de valores sociais, hoje é também um sistema integrador de valores econômicos. Dessa forma, o esporte é visto como uma fonte de rendimento, tanto por parte dos seus atores, no caso, atletas, técnicos dirigentes, dentre outros, quanto por parte de organizações vinculadas a imagem esportiva, isto é, marcas esportivas, produtos relacionados ao esporte e outros que fazem uso da imagem do atleta para buscar renda econômica. Isto posto pode-se considerar que o esporte passa a ser um grande foco de interesse multidisciplinar, quer dizer que o interesse pelo esporte está presente em outras áreas de conhecimento além da Saúde, por exemplo, nas Ciências Sociais Aplicadas, Sociologia, Antropologia, dentre outras.

Dessa maneira, deve-se considerar a importância do esporte para a sociedade, ou seja, novamente, destaca-se a relevância que deve ser dada à carreira esportiva, tendo em vista que o esporte gera recursos financeiros, sociais e culturais, para os seus atores e também para outros que com o esporte estejam relacionados, ou seja, iniciativa pública e privada e também a sociedade como um todo. Tais benefícios, quando analisados de uma forma micro, referem-se aos atletas e ao seu desempenho através das suas carreiras, as conquistas e projeções individuais dos atletas, nos âmbitos econômico/financeiro e social, os caracterizam tornando-os referências das suas modalidades (MACIEL; MORAES, 2008).

Ao abordar a carreira esportiva, torna-se importante caracterizar e diferenciar as diversas modalidades uma vez que inúmeros fatores,

especialmente psicológicos, direcionam a escolha e a prática de uma modalidade (SAMULSKI, 2008). Nesse contexto, e de forma generalizada, agrupam-se as modalidades em individuais e coletivas. Nas primeiras, o indivíduo depende exclusivamente do seu esforço e comprometimento a fim de alcançar suas metas; nas segundas, as responsabilidades são divididas pelos integrantes dos times, assim, o resultado depende do trabalho em equipe. Os tipos de modalidades normalmente indicam traços de personalidade, grosso modo, atletas de modalidades individuais são mais introvertidos e individualistas, enquanto que os de modalidades coletivas são mais extrovertidos e tendem a preferir o trabalho em equipe (GALLAHUE; OZMUN, 2003).

Seja qual for a modalidade em questão, os atletas normalmente terminam a sua trajetória esportiva ainda jovens, tendo tempo e muitas vezes a necessidade de construir uma nova carreira, seja ela voltada ou não para o esporte.

2.2.1 O esporte de alto rendimento

O esporte como fenômeno sociocultural possui diferentes vieses e etapas de desenvolvimento e aprofundamento. De acordo com o objetivo vão se delineando tais vieses, sendo que o esporte de alto rendimento é o ponto máximo na carreira esportiva, no qual o seu praticante, no caso o atleta, é considerado profissional. Elias (1994) apresenta o processo entre o esporte amador e profissional como reflexivo de mudanças sociais estruturais globais. Para esse cientista social, o esporte moderno surge no estágio de civilização, iniciado a partir do fim da guerra fria com a dissolução da antiga União Soviética, em que de acordo com o mesmo autor, as sociedades encontram-se pacificadas, em que a vida demanda um controle completo e uniforme de todos os impulsos instintivos, ou seja, um controle permanente das emoções. Desta forma, o

esporte pode ser tido como uma forma de confronto pacífico entre diferentes povos ou grupos sociais.

Costa (2007) apresenta que a legislação brasileira conceitua esporte de alto rendimento como sendo aquele praticado segundo normas e regras nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do país e essas com outras nações. Ainda nesse sentido, a legislação brasileira faz a distinção entre o esporte profissional e não profissional: o primeiro é caracterizado por remuneração definida através de contrato de trabalho, patrocínio ou quaisquer outras formas contratuais pertinentes, dessa forma, o atleta profissional é considerado como empregado de uma entidade ou organização esportiva ou afim, sendo a ele assegurados os direitos e deveres de uma pessoa que ocupa uma função específica em uma organização (LEI 12.395/11). Enquanto que como atleta não profissional, considera-se o praticante de esportes ou atividades físicas que tenha como objetivos da prática a saúde, bem-estar físico, social e psicológico, estética ou qualidade de vida.

Para Wyllemann, Alfermann e Lavallee (2004), a carreira esportiva passa por diferentes fases desde o início até o alto rendimento, sendo o início um momento de investimento, em que vários fatores influenciam o seu desenvolvimento, desde aspectos familiares, até sociais e econômicos. A partir daí se desenvolvendo a partir de treinamentos, formação e aperfeiçoamento, obtendo resultados em competições esportivas que elevam o seu *status* de atleta, chegando a se tornar um *expert* em sua atuação. Dessa forma, diferenciam-se atletas profissionais, ou seja, aqueles que alcançam o alto rendimento inserindo-se nos aspectos acima citados, dos atletas não profissionais.

2.2.2 O esporte como profissão

Vários são os conceitos de profissão, Dimande (2010) apresenta que etimologicamente, a palavra profissão vem de uma palavra latina *professio*, do verbo *profiteri* que quer dizer confessar, testemunhar, declarar abertamente. Desse modo, está ligada a uma forma de vida que é publicamente assumida e reconhecida. Nesse sentido, de acordo com esse autor, profissão opunha-se ao ofício, pois, enquanto a primeira assumia um saber reconhecido e professado em público, o segundo estava aliado a ideia de negócio ou trabalho manual. Dessa forma, o atleta profissional insere-se nesse contexto, uma vez que atende aos aspectos apresentados, ou seja, trata-se de uma pessoa pública ao representar sua entidade, ou no caso desse estudo, o seu país, por se tratar de ex-atletas das seleções nacionais das suas modalidades.

Tratando de uma forma de vida publicamente reconhecida, destaca-se o papel do atleta na sociedade, envolvido com uma modalidade esportiva, ou seja, com um esporte. O esporte é um fenômeno multidimensional, ou seja, engloba diversas possibilidades de atuação, direciona seu foco para objetivos diversos, seja a prática em busca de saúde e qualidade de vida ou a prática pelo alto rendimento. Entre estes aspectos, o ponto de congruência é que o esporte deve ser conduzido e trabalhado pelo professor/profissional de Educação Física. Esse profissional tem uma formação baseada em um curso superior, ou seja, de graduação e, posteriormente, nas suas especializações, de acordo com a especificidade da sua atuação.

Pensando em formação do profissional que trabalha com esporte, há a possibilidade da graduação em Educação Física Bacharelado ou Licenciatura, no caso de esporte escolar, e Esporte. Alves (2014) apresenta que o curso de graduação em esporte tem como meta formar profissionais que atuam com o treinamento e a iniciação esportiva de equipes de alto rendimento. Essa meta

envolve a preparação física, psicológica, além do gerenciamento e a organização esportiva de eventos.

No contexto da formação do profissional, Lima (2014) apresenta o preparador físico como uma pessoa que possui graduação em Educação Física e pós-graduação em Fisiologia do Exercício ou em Preparação Física. Esse profissional irá atuar com atletas e não atletas, a fim de melhorar o desempenho físico dos seus alunos de forma planejada e controlada, mediante avaliações antropométricas, de desempenho e de capacidades físicas. Para a autora, a preparação física deve sempre levar em consideração as especificidades do esporte, dessa forma, o profissional sempre deve avaliar e conduzir o processo de treinamento de acordo com a modalidade específica. O importante é que a preparação física básica independe da modalidade, pois, é fundamentada em preceitos básicos, daí a importância do conhecimento e formação do profissional, para que o trabalho seja conduzido de forma eficaz a atender os seus objetivos.

A partir desta breve introdução sobre a formação do profissional que irá atuar com o esporte, cabe compreender o atleta, sendo que ele não necessita de uma formação acadêmica para atuar em sua função. Assim, para ser atleta de alto rendimento não há exigência de formação educacional formal, e sim de dedicação à prática em si. Cabe inferir, que no contexto das diversas profissões e carreiras, deve-se contemplar a carreira esportiva, devido aos atletas possuírem um vínculo de dedicação com a sua prática e com organizações esportivas, além de contratos com os clubes e/ou patrocinadores, tendo retorno financeiro, responsável pelo seu sustento, e também inserção social através dessa prática. Assim, a prática esportiva profissional é entendida como uma prática laboral, de acordo com preceitos que serão abordados a seguir.

Fazendo um resgate histórico, Guttman (1978), define o esporte como uma forma genuína de adaptação do homem à vida moderna, podendo ser

entendido como um tipo de trabalho disfarçado e desmoralizante. Tal definição, devido ao fato do esporte apresentar características comuns a outros trabalhos, como a disciplina, autoridade, iniciativa, perfeição, destreza, racionalidade, organização e burocracia (RÚBIO, 2002). Para a autora é incoerente se analisar ou estudar o esporte alheio às organizações sociais, porque ele é um fenômeno cultural complexo e de grande importância para a sociedade contemporânea, pois é capaz de representar inúmeras manifestações latentes nos diversos grupos sociais.

A partir da perspectiva de Bourdieu (1993), pode-se inferir que muitas das características-chaves que constituem o dispositivo esportivo esboçadas no século XIX não se consolidaram, transformando-se plenamente até meados deste século. Para Rúbio (2002) uma das mudanças mais significativas relaciona-se com a crescente intervenção do Estado no esporte, isso porque a esportivização da sociedade constitui uma parte importante da intervenção e do desdobramento de diferentes organizações esportivas e administrativas, tais como clubes e prefeituras, que durante sua atuação, se auto definiam e recriavam.

O interesse do Estado pelo esporte se deu, e segue ocorrendo, por diversos fatores, sejam eles econômicos ou sociais, frequentemente tendo a sua imagem projetada no atleta que o representa. Uma das possíveis explicações apresentadas por Rúbio (2002) é que a competição é uma metáfora das batalhas de então, em que adversários reais ou simbólicos serão sempre o alvo de superação. Isso quer dizer que a espetacularização do esporte foi construída relacionada ao desenvolvimento da própria prática esportiva e com as intervenções e alterações propostas pelos distintos atores envolvidos. Essa narrativa, preocupada em reforçar os aspectos competitivos como igualdade e equilíbrio entre os oponentes, tem reforçado o imaginário da batalha justa, emocionante, de resultado imprevisível, facilitando a emergência de consciências coletivas, identidades nacionais e protagonistas carismáticos,

transformando o campo da competição em cenário de representação de atitudes heroicas de atletas que defendem uma equipe, cidade ou país. Além disso, há diversos interesses econômicos envolvendo o esporte e a imagem dos atletas de alto rendimento que se destacam, principalmente através dos seus resultados em competições, o que nada mais é do que o resultado do seu trabalho.

Nessa perspectiva, para Brohm (1993), o esporte é visto como consequência do desenvolvimento das forças produtivas capitalistas, produto da diminuição da jornada de trabalho, da urbanização e da modernização dos transportes. Sua existência transforma o corpo em instrumento e o integra dentro do complexo sistema de forças produtivas. O atleta profissional é um novo tipo de trabalhador que vende a um patrão sua força de trabalho (capaz de produzir um espetáculo que atrai multidões); é valor de troca de sua força de trabalho, regulado pelas leis de oferta e procura do mercado (RÚBIO, 2002).

A partir do que foi apresentado, o esporte profissional pode ser considerado uma força de trabalho, uma vez que gera recursos financeiros, sociais, culturais, e desperta o interesse do Estado e da sociedade. Assim sendo, o atleta de alto rendimento e todos os demais envolvidos com o esporte, sejam eles os profissionais de Esporte e Educação Física, nas suas mais diversas atuações, voltadas ao esporte de alto rendimento, representa este campo de trabalho.

De qualquer forma, ainda cabe a discussão da profissionalização do esporte, ou seja, da caracterização ou qualificação do esporte como profissão ou não. Para alguns, há o entendimento de que o esporte é apenas uma ocupação.

2.2.3 O esporte como ocupação

Antes de se relacionar conceitos, é importante que eles sejam compreendidos separadamente, assim, ocupação “[...] é um conceito sintético não natural, artificialmente construído pelos analistas ocupacionais” (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, 2010, p. 6). O que existe no mundo concreto são as atividades exercidas pelo cidadão em um emprego ou outro tipo de relação de trabalho, sejam quais forem os contextos e realidades. Assim, “a ocupação de uma pessoa é a espécie de trabalho feito por ela, independentemente da indústria em que esse trabalho é realizado e do status que o emprego confere ao indivíduo” (MIRANDA, 1986, p. 829).

Nesse contexto, o esporte pode ser tratado também como uma ocupação, à medida que se trata de um trabalho desenvolvido ao longo da construção de uma carreira que está inserida em seus preceitos contextuais. Maciel e Moraes (2008) propõem que o que um treinador exige dos seus atletas geralmente não foge muito das doutrinas existentes dentro das empresas, ou seja, o comprometimento com o trabalho, a atenção, a parceria entre colegas e o objetivo em alcançar resultados fazem parte do mesmo discurso desempenhado por um técnico esportivo, e a liderança de um determinado setor numa indústria.

Ao se caracterizar o esporte como uma forma de ocupação para uma pessoa, considera-se que o atleta tem o seu envolvimento, desenvolvimento e desempenho autorregulados. Tal aspecto possivelmente explicaria o caso de atletas sem vínculo empregatício com um clube ou entidade esportiva e que ainda assim se dedicam e se comprometem com a prática (BRANDÃO, 2000).

Sendo apresentados os aspectos contidos nos dois subtópicos anteriores, pode-se concluir que o esporte trata-se de uma profissão, na qual o atleta de alto rendimento é o seu ator principal, uma vez que o desempenho das suas atividades tem relação direta com o conceito de profissão. Da mesma forma o

esporte pode ser tratado como uma ocupação, quando o que se considera é o trabalho desenvolvido pelo atleta, a fim de alcançar os seus objetivos. Enfim, no âmbito dessa tese, o esporte será abordado baseando-se nos preceitos de profissão.

2.3 Aspectos pertinentes ao atleta

Esse item trata de aspectos inerentes ao atleta de alto rendimento, considerando essa pessoa como ator principal do esporte profissional. Os tópicos a seguir apresentam aspectos inerentes ao atleta, englobando fatores desde a iniciação da carreira esportiva, até a sua finalização enquanto atleta, considerando-se as influências sofridas ao longo dessa trajetória, bem como as transições e mudanças vividas.

2.3.1 O atleta de alto rendimento

O atleta de alto rendimento, ou *expert*, é aquele indivíduo que desempenha uma carreira esportiva numa determinada modalidade, tendo uma prática deliberada ou extensiva com, em média, 10.000 horas de prática ou 10 anos dedicados a esta modalidade (ERICSSON et al., 2006). Além disso, obtém resultados excelentes na sua prática e modalidade específicas.

Ericsson et al. (2006) considera a prática deliberada totalmente direcionada, com um alto grau de esforço e sem prazer durante o seu processo. Assim, cabendo ao atleta buscar suas fontes de motivação através dos seus resultados, e conseqüentemente, do que eles irão lhe proporcionar. Apesar de tal descrição ser aceita e conhecida, deve-se acreditar que este tipo de prática gera prazer em seu praticante, afinal, é praticamente impossível a execução de tarefas tão exigentes sem que haja um bem-estar pessoal, excluindo-se neste contexto o

bem-estar físico proporcionado por funções do sistema endócrino, ou seja, pela secreção de hormônios, tais como a endorfina, durante a prática de atividades físicas.

Segundo Csikszentmihalyi (1996), grandes pessoas, ou seja, indivíduos extremamente criativos trabalham duramente em tarefas entediantes. Entende-se, então, que, ao excluir o prazer da prática deliberada, estaria enfatizando-se o alto nível de esforço que deve ser dispensado na busca de metas difíceis e específicas. Dessa maneira, considera-se que mesmo havendo um grande nível de esforço, é totalmente possível e necessário estar plenamente satisfeito e realizado com a tarefa proposta, sendo que esta é de interesse do praticante.

Relaciona-se também à prática deliberada, a quantidade de tempo necessária para se alcançar o nível *expert*, ou seja, o alto rendimento. Atualmente, fatores como o ambiente em que o atleta cresceu e se desenvolveu são considerados extremamente relevantes para se determinar o tempo de prática que o mesmo dedicou à sua modalidade. De acordo com Côté, Baker e Abernethy (2003), através das brincadeiras da infância pode-se determinar o tipo de atividade de interesse da criança, por exemplo, crianças que passam horas do dia jogando futebol, certamente se continuarem, com o decorrer da idade, serão futuros bons jogadores. Da mesma forma que outras que se dediquem a aulas de música por prazer, tendenciosamente serão bons músicos. Dessa maneira, confirma-se que não só a prática totalmente estruturada e direcionada é importante na busca pelo alto rendimento, o que realmente importa é todo o processo que leva a aquisição de habilidades que serão importantes na prática futura.

Durante iniciação esportiva, o que geralmente ocorre na infância, o atleta se depara uma enorme gama de novas experiências, muitas só encontradas no esporte, que o leva a ter novos interesses, a buscar novas metas e a mudar seu ritmo de vida. Ao iniciar a carreira esportiva o atleta deixa um pouco de lado

atividades corriqueiras às demais crianças, voltando-se ao esporte por ele praticado e desenvolvendo atividades recreativas relacionadas ao seu esporte, por exemplo, uma criança que pratica handebol irá sempre buscar em seus momentos de lazer brincadeiras que remetam a este esporte (CÔTÉ; HAY, 2002). Claro que se o esporte praticado foi buscado por interesse do praticante, e não por imposição dos pais.

O comprometimento com uma atividade é o que leva seu praticante a perfeição. Assim, como no caso do jogo deliberado, onde mesmo que a prática da atividade não seja orientada por um técnico ou por adultos durante a sua execução, é a repetição de gestos que vai possibilitar ao praticante o surgimento de gestos novos e criativos, do ponto de vista dos expectadores, pois, de acordo com Csikszentmihalyi (1996), para o atleta, um gesto considerado “criativo” já foi executado dezenas de vezes antes que pudesse ser apresentado com perfeição.

Durante a brincadeira deliberada, a criança cria novas situações conhecendo mais profundamente tudo o que leva a execução de um gesto técnico. Sabe-se que muitos dos atletas *expert* tiveram suas brincadeiras e seu tempo livre voltado ao esporte praticado. Dessa forma, pode-se afirmar que a brincadeira passa a ser uma simulação “divertida” da realidade.

Novamente, nota-se que durante a iniciação esportiva, as crianças têm várias opções a buscar, principalmente em se tratando de uma criança que dispõe da condição financeira favorável. Assim, é comum encontrarmos crianças praticando duas ou três modalidades esportivas similares, como natação e polo aquático, ou até algumas totalmente distintas, como futebol e ginástica olímpica. Sabe-se, no entanto, que os praticantes que se especificam logo em uma modalidade têm maiores chances de alcançar um alto nível de desempenho mais cedo (STARKES; ERICSSON, 2003), por estarem mais focalizados em uma só tarefa ou em tarefas que tenham metas/objetivos comuns.

Dedicar-se a uma tarefa é o que realmente vai determinar o êxito ou o fracasso de seu praticante (DURAND-BUSH; SALMELA, 2001). Muitas pessoas praticam esportes, mas nem todas com o mesmo comprometimento, ou seja, para poucas pessoas a prática esportiva é prioridade.

2.3.2 Influências familiares e do técnico

Corriqueiramente, os pais buscam para as crianças, esportes dos quais eles próprios gostem (SAMULSKI, 2008), encontrando uma maneira de se realizarem através das conquistas dos filhos. A imposição à prática de um determinado esporte é comum no Brasil, estando os jovens atletas de certa forma obrigados a seguirem um treinamento oposto ao da sua vontade. Na adolescência ou mesmo na idade adulta, é que os atletas se tornam capazes de optar pela modalidade que querem realmente seguir (ERICSSON, 2003), devendo então se empenhar em dobro se sua meta for se tornar um *expert*.

Além dos fatores já citados, destaca-se também “a importância da participação do técnico e da família na iniciação de uma carreira esportiva” (MACIEL, 2003, p. 14). As crianças não têm como buscar qualquer tipo de atividade sem que orientadas ou devidamente apoiadas primeiramente pelos pais, posteriormente, através do técnico, ou seja, na fase de formação esportiva tais influências são determinantes para a construção da futura carreira.

“A imagem do primeiro (ou dos primeiros técnicos) nunca é esquecida, sendo uma referência praticamente eterna para a criança e futuramente para o adulto no esporte” (MILLER, 1996, p. 9). O técnico deve saber dosar os níveis de severidade e exigência nas diferentes faixas etárias e níveis de desenvolvimento dos atletas, não sobrecarregando os mais imaturos e nem deixando muito “soltos” os mais maduros, cativando seus atletas e sendo uma boa imagem para os mesmos no futuro. Grande parte dos atletas bem sucedidos

em suas carreiras tiveram, na iniciação, técnicos que fizeram da prática esportiva uma atividade satisfatória, em alguns casos, porém, há atletas que não foram tão bem estimulados e incentivados, perdendo então, o interesse pelo esporte e deixando de atingir o seu potencial máximo.

Segundo Salmela e Moraes (2003), na busca pelo desenvolvimento máximo do atleta, é de primordial importância o apoio e o incentivo da família. Sabe-se que em lugares onde o esporte não tem grande apoio por parte do governo ou de empresas, que ajudem a custear despesas com o treinamento e competições, muitas vezes, os atletas iniciam sua vida esportiva sem a presença de um técnico ou profissional habilitado. Dessa maneira, têm acesso a uma boa estrutura de treinamento somente aqueles que têm o respaldo familiar.

No início da vida esportiva, o apoio dos familiares é fundamental, não só o apoio financeiro, mas também o apoio psicológico e afetivo (SALMELA; MORAES, 2003). A vida de um atleta não é fácil, muitas vezes ele tem que sair de casa cedo para se dedicar ao esporte longe do ambiente familiar. Quando apoiado pela família, o atleta tem uma melhor estrutura psicológica para dela se desvincular e buscar seus objetivos pessoais.

Côté, Baker e Abernethy (2003) afirmam que no período de experimentação, a criança não tem como se impor efetivamente. Ela própria ainda não tem consciência de como é cada esporte e do que significa a sua prática, assim dependendo da orientação e do estímulo dos pais. Além disso, existe a necessidade de que seja criada toda uma estrutura diária que possibilite a prática, como por exemplo, o deslocamento da criança entre os locais de estudo e treinamento.

Durante as fases de investimento e especialização o atleta já não depende tanto dos pais, a não ser pelo fator financeiro quando este se faz necessário. Nesse período ele próprio já é capaz de tomar suas decisões quanto

ao volume e a intensidade da prática esportiva e também do nível necessário de comprometimento a ser dispensado às suas metas no esporte.

2.3.3 Estabelecimento de metas

Estabelecer metas significa traçar estratégias para o cumprimento de tarefas previamente propostas. Trabalhar no estabelecimento e busca das metas é uma maneira de “crescer” através do alcance das mesmas, sendo que, a cada meta atingida, as pessoas sentem-se mais autoconfiantes e conseqüentemente motivadas à prática das suas atividades (NOCE; MORAES; SAMULSKI, 1997).

Samulski (2008) apresenta que além do resultado final da meta, não se deve desconsiderar todo o processo que envolve sua execução sendo a resposta positiva ou negativa. É importante estar consciente do contexto que envolve a composição e a realização de uma meta.

O que na maioria das vezes acontece nos esportes é a excessiva preocupação com o resultado final da meta traçada, deixando-se muitas vezes em segundo plano, a necessidade de se enfatizar o processo com o qual se quer alcançar os objetivos. De acordo com Salmela (1996), o que acontece é que uma meta específica acaba apagando a ideia principal que é a execução global da atividade praticada. Buscando o resultado através um objetivo global há mais possibilidades de êxito. Deve-se, portanto, levar em consideração que o desempenho como um todo é mais importante e eficiente do que somente o resultado final isolado de uma única meta.

Definitivamente, traçar metas é uma maneira eficiente de alcançar objetivos, porém, não deve ser considerada uma forma fácil ou simples de desenvolvimento da carreira, é como qualquer outro tipo de estratégia que visa um resultado positivo, complexa e com fundamentos básicos a serem seguidos.

Para Salmela (1996) e Samulski (2008), especificamente no esporte, a busca e o estabelecimento de metas não são atividades simples de se executar. Estabelecer metas é uma tarefa de suma importância, pois é o primeiro passo num treinamento competitivo e significa grande parte do êxito ou derrota de um atleta, técnico ou equipe. O atleta deve ter sempre em foco a sua meta e estar comprometido com ela, tendo a visão clara quanto a possibilidade de alcançá-la ou não para poder determinar com certeza quais as suas metas a curto e em longo prazo, para que a cada êxito melhore sua autoestima tornando-o um atleta e pessoa mais confiante, planejando sua carreira a partir do alcance dos objetivos propostos.

Toda meta, por mais simples que seja, tal aspecto deixa em evidência a relação entre as influências externas e a própria pessoa no desenvolvimento da carreira esportiva e também na mudança de carreira após o alto rendimento.

2.3.4 O atleta e a mudança de carreira após o alto rendimento

Ao finalizar sua carreira como atleta profissional no alto rendimento, o então ex-atleta, via de regra, busca uma recolocação profissional, o que significa a construção de uma nova carreira, ou seja, trata-se de um momento de transição que envolve uma importante decisão. Moura e Menezes (2004) abordam a decisão por uma profissão como uma escolha importante e difícil. Essa escolha determinará os rumos da vida de uma pessoa, tendo impacto em muitos dos seus âmbitos. As autoras apresentam ainda a (re) escolha de uma carreira como um fator também complicado, e que implica não somente na decisão da pessoa em questão, mas também em todo um aporte extrínseco ao indivíduo, envolvendo família e meio social, dentre outros.

Decidir de forma consciente e correta pode implicar em ter meios para desenvolver a carreira de forma eficiente, sendo que o indivíduo se torna capaz

de controlar possíveis problemas, como por exemplo, o insucesso inicial em uma atividade, que venha a ocorrer ao longo de sua vida, adaptando-se ao contexto e alcançando o sucesso profissional. Moura e Menezes (2004) apresentam a idade cronológica e a maturidade do indivíduo como fatores determinantes na escolha da carreira, sendo que, ao se tratar de uma carreira profissional “convencional”, o jovem escolhe a sua profissão quando decide o que estudar ou em que trabalhar após a conclusão da Educação Básica, ou seja, na escolha pelo curso superior, técnico profissionalizante ou da profissão em si, seja em uma ou mais carreiras.

No caso dos atletas, o envolvimento com o esporte e a escolha da modalidade ocorre de forma precoce, muito cedo, sendo que, em algumas modalidades, este envolvimento ocorre a partir dos cinco anos de idade (NUNOMURA; TSUKAMOTO, 2009). Dessa forma, a decisão inicial, muitas vezes, surge a partir de uma vontade que envolve prazer momentâneo da criança em relação à prática esportiva e também uma realização pessoal. Muitas vezes, envolve, inclusive, uma realização dos pais e familiares da criança. Assim, a partir do que foi apresentado, sugere-se que a escolha pela carreira pós-atleta é um fator marcante e constitutivo do indivíduo.

A mudança de carreira do atleta após a sua fase de rendimento esportivo vem carregada de peculiaridades, entre elas o fato de que, ao finalizar uma carreira de atleta de alto rendimento, o indivíduo que experimentou o sucesso nessa carreira deve se (re) orientar para recomeçar. Para Pahl (1997), o sucesso é um fenômeno cultural que envolve aspectos relacionados a realização pessoal, aceitação pelos grupos sociais, construção da identidade e subjetividade do indivíduo. O autor apresenta diferentes estilos de sucesso que, contudo, convergem para a importância do equilíbrio e, principalmente, de saber lidar com as oscilações que venham a ocorrer no percurso para o seu alcance e manutenção.

Muitas vezes, atingir o sucesso não é o mais difícil. Cotidianamente, surgem pessoas de sucesso, tanto no mundo empresarial, quanto no esporte, mas que, contudo, não conseguem sustentar por muito tempo o êxito alcançado. No caso do esporte, um resultado excelente nem sempre tem perenidade, uma vez que ele depende de fatores relacionados ao atleta que obteve êxito, mas também daquele que perdeu, uma vez que para um vencer, o outro tem que perder. Considerando-se que no alto rendimento todos se encontram em níveis similares de treinamento e desenvolvimento (SALMELA, 1996), a vitória vai ser alcançada por diferentes atletas de um mesmo grupo. Assim, Pahl (1997) apresenta a neurose pelo sucesso como um implicador negativo na busca pelo êxito profissional, neste caso, considerando-se o êxito dos atletas. O autor propõe que o sucesso seja importante em todas as carreiras, tendo em vista que serve como parâmetro indicativo de um bom investimento pessoal na carreira em questão. Contudo, oscilações naturalmente ocorrem e obtêm o sucesso aqueles indivíduos que sabem lidar com tais oscilações, a fim de se manter equilibrados durante o seu percurso profissional, evitando momentos negativos de ansiedade.

O sucesso, muitas vezes obtido através do estabelecimento e alcance de metas é constitutivo da auto identidade, portanto, não se deve considerar que apenas o alcance do sucesso seja positivo, há situações em que o alcance de uma meta proposta não signifique vencer uma competição. Lidar com derrotas de maneira positiva e madura é de grande importância para a construção e consolidação da personalidade e também da subjetividade.

Dessa forma, após lidar com o alto rendimento na carreira esportiva, seja alcançando-o e mantendo-o, ou buscando-o de forma incessante, afinal, nenhum atleta treina para perder, o ex-atleta deve se orientar para a nova carreira. As bagagens psicológicas e sociais trazidas da prática esportiva serão de grande importância e servirão como um diferencial na nova carreira a ser desenvolvida

pelo ex-atleta (SAMULSKI, 2008). É muito importante para essa pessoa ter em mente que uma carreira se finaliza enquanto outra se inicia, ou seja, a aposentadoria chega para a carreira esportiva enquanto a nova profissão, relacionada ou não com o esporte, tem início.

Ao se aposentar como atleta, o indivíduo ainda tem tempo e, muitas vezes, a necessidade de desenvolver uma nova carreira, em alguns casos inclusive uma nova profissão, sendo que a carreira esportiva normalmente se encerra enquanto jovem adulto (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013). Focando-se nesse aspecto, a sessão seguinte tratará de aspectos relacionados à aposentadoria a fim de compreender este momento de transição na carreira esportiva.

2.4 Aposentadoria

Esta sessão tem por objetivo apresentar conceitos básicos referentes à aposentadoria, buscando relacioná-la a um momento de transição na carreira, o que no contexto dessa tese refere-se à carreira esportiva. Dessa forma, os tópicos a seguir são baseados na conceituação básica de termos relacionados a esse tema, e especificamente, a aposentadoria, no contexto do esporte.

2.4.1 Conceitos básicos

A aposentadoria no contexto desta tese trata do momento em que a pessoa finaliza sua carreira como atleta profissional, deparando-se então com uma nova perspectiva. França (1999) entende que a aposentadoria significa a saída de um trabalho regular, sendo que essa etapa está normalmente associada a idade. Entretanto, para a autora, ser jovem ou velho para o trabalho não diz respeito apenas a uma avaliação da capacidade física, mental ou psicológica para

o trabalho, mas também vai depender dos contextos demográfico, histórico, sociocultural, econômico e político, nos quais o trabalhador está inserido, além da atividade ou carreira na qual a pessoa se insere. Por exemplo, em determinados contextos, ocorrem aposentadorias enquanto a pessoa está bem jovem, enquanto que em outras situações a pessoa envelhece e falece sem se aposentar.

Rodrigues et al. (2005) apresentam a aposentadoria como uma etapa natural da vida profissional, na qual o indivíduo encerra as suas atividades laborais em função da idade avançada. Para os autores, a aposentadoria é um processo no qual o trabalhador tende a ser visto como idoso, e conseqüentemente, não mais produtivo, o que significa ser “desnecessário” para o modelo de sociedade capitalista vigente.

Nesse contexto, deve-se considerar que a carreira desenvolvida seja longa e perene, ocupando a juventude e a vida adulta do indivíduo. No caso do Brasil, as legislações trabalhistas determinam, de forma simplificada e generalizada, que os homens se aposentem aos 65 anos de idade e as mulheres aos 60 anos de idade (INSTITUTO BRASILEIRO DE SEGURIDADE SOCIAL, 2013).

É de suma importância conhecer e compreender os fatores envolvidos com a aposentadoria, sendo ela vista como um término da carreira e da vida laboral de uma pessoa ou, então, como uma transição para uma nova etapa profissional ou nova carreira. Para Rodrigues et al. (2005), a aposentadoria é vista como uma fase de transição que gera insegurança no indivíduo, aspectos que podem desencadear processos de ansiedade que venham a causar um desequilíbrio psicológico importante. Ao se relacionar a aposentadoria com o avançar da idade, fatores como o envelhecimento e suas conseqüências na aparência e condição física, bem como na autonomia do indivíduo são destacados. Contudo, pensando na aposentadoria como uma transição, o que

mais se destaca é a insegurança na construção de uma nova carreira ou possibilidade de inserção em um novo mercado de trabalho, tendo em vista todos os anos de investimento e dedicação a uma atividade anterior (RODRIGUES et al., 2005).

Seja qual for o motivo da aposentadoria, há uma importante mudança nos locais de convívio social proporcionados pelo ambiente de trabalho, bem como na mudança da atividade até então conhecida e dominada por longos períodos de dedicação. Dessa forma, destaca-se a necessidade de uma reestruturação do modo de vida, que certamente varia de acordo com a personalidade e disposição de cada pessoa, podendo ter efeitos mais ou menos positivos ou negativos.

Costa e Soares (2009) apresentam a análise etimológica da palavra aposentadoria a partir de duas ideias centrais. A primeira refere-se a retirar-se do aposento de trabalho, devendo o indivíduo dele se afastar; a segunda refere-se à ideia de jubilamento, jubilo, ou seja, premiação pelo tempo dedicado a uma atividade. Em ambas as situações, ao se considerar a aposentadoria na carreira esportiva, pode-se compreender que as ideias são cabíveis, tendo em vista que, no primeiro caso, ao findar a vida competitiva, o atleta se afasta dessa realidade e, no segundo caso, quando se atinge o alto rendimento, o ex-atleta foi beneficiado por anos de preparação física e, principalmente, psicológica que certamente serão transferidas para a sua nova atividade. Isso sem considerar os ganhos financeiros e sociais obtidos através do esporte.

De acordo com Rodrigues et al. (2005) e Costa e Soares (2009), há programas de preparação para a aposentadoria no campo de atuação da Psicologia, e que também podem e devem ser acessados e abordados nas Ciências Sociais, considerando-se que esses programas são de grande importância para o ambiente organizacional e de gestão de pessoas. Para McDaniel (1995, p. 86) no final da vida profissional “a transição de um emprego

para a aposentadoria [...] está longe de ser uma transição tranquila como muitos pensam. Em vez disso, várias transições ocorrem nas entradas e saídas do emprego e da força de trabalho”.

Tais considerações, segundo o autor, dificultam conceituar aposentadoria. Dessa forma, destaca-se que a preparação para a aposentadoria é algo que deve ser tratado de forma natural e esperado, seja em uma carreira profissional regular ou no caso das carreiras mais curtas. Nas segundas, deve-se ter como foco a nova colocação ou a preparação para o desenvolvimento de uma nova carreira. Roesler e Soares (2010) apresentam que uma pessoa pode "se aposentar" e, em seguida, começar uma nova carreira em tempo integral ou parcial, com atividades relacionadas a carreira anterior, ou fazendo algo totalmente independente.

2.4.2 A Aposentadoria no esporte

Na carreira esportiva, a realidade até aqui apresentada não pode ser aplicada, uma vez que a iniciação ocorre na infância e o ápice de desempenho (alto rendimento) na juventude ou enquanto adulto jovem, finalizando esta carreira por volta dos 35 anos de idade (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013). Trata-se, portanto, de uma aposentadoria precoce, uma vez que o início também é precoce.

Considerando-se que a carreira esportiva de atletas de alto rendimento tem início e fim precoces, de acordo com os aspectos até aqui apresentados e abordados, deve-se atentar ao fato de que ao findar a vida útil de atleta, o indivíduo ainda está em plena idade produtiva. Tal colocação é apresentada devido ao fato de que a idade média de aposentadoria de atletas é de 35 anos de idade (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013), enquanto a idade de aposentadoria nas demais profissões está em torno dos 60 a

65 anos de idade (INSTITUTO BRASILEIRO DE SEGURIDADE SOCIAL, 2013).

Dessa forma, a atenção fica voltada para a questão da transição da carreira esportiva na vida pós-atleta, ou seja, qual será a nova carreira do ex-atleta. Marques e Samulski (2009) apresentam que os atletas, em geral, planejam bem a sua carreira esportiva, contudo, não no que concerne a sua formação escolar. Os autores comentam que pouca ênfase é dada a carreira profissional futura, mas que na maioria dos casos, a nova carreira tem ligação com a modalidade praticada. Tal colocação evidencia a falta de preparo, ou a não projeção ou preocupação dos atletas de alto rendimento para com a sua carreira profissional após o esporte, ou também, possivelmente, pelo fato de que a grande demanda de envolvimento com o esporte pode vir a tirar o foco do atleta para necessidades posteriores, como, por exemplo, de formação acadêmica e consequente qualificação profissional fora da prática da modalidade em questão.

Mesmo para atuar no esporte, o indivíduo precisa estar habilitado por formação adquirida em cursos de graduação em Educação Física ou afins, tendo em vista que a profissão é regulamentada desde 1998 (CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 2000), o que não é obrigatório para os atletas, que não precisam cursar nenhum nível da Educação Básica ou Ensino Superior. Dessa forma, o atleta, ao longo da sua carreira enquanto atleta profissional deveria dedicar seu foco também a uma formação profissionalizante, para atuação após a sua vida de atleta, sendo possível se construir uma nova carreira após o esporte.

Nesse sentido, surge a possibilidade dos consultores de carreira profissional como profissionais indicados para o auxílio na definição, mudança e desenvolvimento, tanto de carreiras novas quanto em processos de transição (BALASSIANO; VENTURA; FONTES FILHO, 2004). Contudo, não há evidências da sua presença no meio, sendo que se supõe que tal papel seja

desempenhado por membros da própria equipe (MARQUES; SAMULSKI, 2009). Não há lugar certo para construir uma carreira, mas sim, a capacidade aguçada de saber fazer a leitura do mercado em que se está inserido, ou que se pretende inserir, considerando-se as habilidades que se possui (BALASSIANO; VENTURA; FONTES FILHO, 2004) e também a importância tanto de desenvolvê-las quanto da aquisição e do desenvolvimento de novas habilidades, ou seja, ao se finalizar uma carreira, no caso dessa tese, a carreira esportiva, seria favorável que o ex-atleta tivesse desenvolvido habilidades e capacidades que o possibilitassem uma nova recolocação, quando fosse este o caso. Assim a formação acadêmica adquirida durante a carreira esportiva seria um exemplo de preocupação atribuída ao futuro que viria após a atuação como atleta profissional.

Independentemente da nova carreira em que se ingressar, o importante é saber aproveitar habilidades desenvolvidas ao longo da carreira esportiva, sejam elas direta ou indiretamente relacionadas ao esporte. Por exemplo, aproveitar o controle do estresse desenvolvido através do esporte de alto rendimento. Samulski (2008) comenta que atletas (ex-atletas) de alto rendimento possuem um melhor autocontrole emocional, automotivação e comprometimento ao desempenhar tarefas a que se propõem, quando comparados a indivíduos que não tiveram vivência esportiva. Dessa forma, habilidades adquiridas e ou desenvolvidas através do esporte são completamente desejáveis na nova carreira, seja ela qual for.

2.5 Proposta de análise da carreira no esporte de alto rendimento

A partir do referencial teórico apresentado propõe-se a seguir a Figura 1, que se refere ao quadro teórico para a sistematização da análise da carreira dos ex-atletas de alto rendimento, participantes desse estudo.

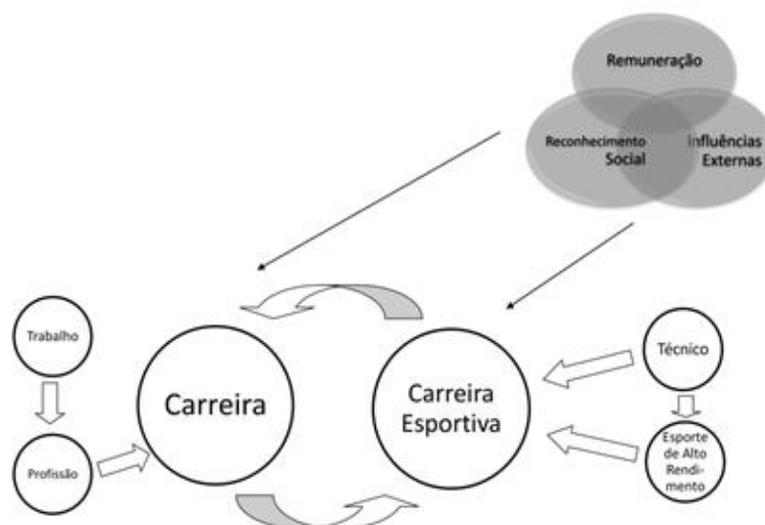


Figura 1 Quadro teórico para a sistematização da análise da carreira dos atletas

A representação foi construída com o intuito de ilustrar aspectos básicos que serão discutidos e analisados nas entrevistas. A partir de conceitos de carreira trazidos por autores como Dutra (1996), Bendassoli (2009) e Noronha e Ambiel (2006), dentre outros apresentados nesse referencial teórico, discute-se esse tema, tendo como foco um tipo específico de carreira, a carreira esportiva.

A carreira esportiva é apresentada por Tenenbaum e Eklund (2007), como uma forma de carreira, contudo, permeada por especificidades e peculiaridades. Assim, ao relacionar os estudos e literaturas incluídos nesta tese, com o conteúdo das entrevistas, buscou-se identificar tal carreira de acordo com os conceitos e teorias academicamente propostos.

Analisando-se a Figura 1, a partir de Castel (2013) discute-se que o trabalho assalariado pressupõe a base da estrutura e do reconhecimento social de uma atividade laboral. A partir desse reconhecimento, associado ao seu desenvolvimento, constitui-se o conceito de profissão, tal como apresentado por

Kilimnik (2000). Dessa forma, o trabalho leva à profissão, e a associação de ambos à carreira, como proposto por Veloso e Dutra (2010). Samulski (2008) trata a carreira esportiva como uma forma de carreira, sendo que neste contexto e nível específico, refere-se ao esporte de alto rendimento, o que, para Ericsson (2006), é o nível máximo de desempenho e de desenvolvimento esportivo, tendo como objetivos a profissionalização (DIMANDE, 2010).

De acordo com Salmela (1996), o técnico é a principal influência na carreira de um atleta, desde a iniciação até o alto rendimento, dentro e fora do contexto esportivo, sendo esse o principal ator no gerenciamento do esporte de alto rendimento. Nunomura e Tsukamoto (2009) apresentam o início à prática esportiva, e conseqüentemente, ao desenvolvimento dessa carreira, em idade precoce, sendo essa uma peculiaridade marcante da carreira esportiva.

Coutinho (2009) trata a remuneração como fator preponderante para o reconhecimento social de quaisquer carreiras. Dessa forma, considerando que influências externas são, muitas vezes determinantes, nas escolhas por profissões, e conseqüentemente, por carreiras, como é discutido por Salmela e Moraes (2003) no caso específico do esporte.

Assim, esta foi a perspectiva adotada para a análise das entrevistas com os ex-atletas profissionais estudados nesta tese. O foco da pesquisa foi o desenvolvimento tanto da carreira desse grupo enquanto atletas de alto rendimento, quanto na sua carreira após tal atuação, ou seja, o desenvolvimento da nova carreira. Buscou-se apreender as percepções desse grupo a fim de compreender as especificidades envolvidas com a carreira esportiva no período temporal e contextual do grupo abordado. Enfim, foi utilizado todo um arcabouço teórico a fim de dar robustez ao tema estudado e às análises desenvolvidas. Isso tendo em vista que o esporte e, conseqüentemente, a carreira esportiva, são objetos de interesse no campo das Ciências Sociais Aplicadas,

uma vez que envolvem a interação e inter-relação de pessoas e organizações, dentro e fora desse contexto.

3 METODOLOGIA

Neste item são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para a realização desta pesquisa, o que inclui a natureza e a estratégia da investigação, bem como os procedimentos de coleta e análise de dados utilizados.

De acordo com Guba e Lincoln (1994), a conduta do pesquisador frente ao objeto de estudo depende fortemente de sua concepção de realidade. A capacidade do pesquisador de explicar o mundo é derivada de sua capacidade de entendê-lo, tendo por base a maneira como estão estruturados seus conhecimentos acerca deste. A ontologia estabelece os critérios para se compreender os diferentes tipos de objeto de uma realidade, bem como suas inter-relações e dependências. Assim, certa concepção ontológica permitirá a explicação da realidade a partir dos seus objetos concretos e abstratos, de forma a manter uma consistência lógica. Enfim, esse será o mundo “real” do pesquisador.

Ao assumir uma concepção ontológica, o pesquisador somente conseguirá efetuar investigações acerca daquilo que existe em sua realidade e pode ser explicado com o uso de seus objetos e de sua lógica. Por esse motivo, tanto as estratégias de pesquisa como as ferramentas utilizadas devem manter coerência com a realidade estudada. Caso contrário, os resultados trazidos por ela dificilmente serão considerados válidos, uma vez que tentam explicar objetos que não são reconhecidos na realidade do pesquisador. Dessa forma, pode-se dizer que as delimitações da concepção ontológica determinarão sob qual paradigma de investigação o pesquisador irá trabalhar.

Com o presente estudo, pretendeu-se compreender uma realidade bastante complexa, cuja construção do conhecimento baseou-se numa pesquisa qualitativa dentro de um paradigma interpretativo. A opção por este paradigma

se deu devido à importância de se optar por um paradigma específico, tendo em vista que desta forma, determina-se o caminho metodológico a ser seguido, o que neste caso refere-se a assumir que o indivíduo será capaz de analisar a realidade e comportar-se, em determinado contexto, de acordo com sua própria interpretação e seus elementos de orientação.

Não se buscou focalizar essencialmente os métodos usados, como se eles próprios fossem a metodologia, mas sim, a relação entre a metodologia e a proposta epistemológica. Proposta esta que por basear-se no conceito puro de epistemologia, tem por objetivo determinar a origem e a lógica do valor da ciência no contexto da abordagem apresentada, uma vez que a epistemologia em si trata-se do estudo crítico da ciência sendo, a teoria do conhecimento e da sua validade, buscando solucionar problemas relativos a significado da ciência, bem como a sua estrutura e ao seu papel. Consequentemente, deixando evidente a relação entre epistemologia, teoria e método, sendo esta uma relação constitutiva da busca do conhecimento em uma dimensão ontológica.

Para Alencar (1998), Martins e Theophilo (2009) e Morgan (1983), há uma negligência quanto aos fundamentos ontológicos dos métodos, e o desconhecimento das bases filosóficas que sustentam os paradigmas, transformando-os em questões menores. Esses paradigmas, ou visões de mundo, trazem no seu interior uma dimensão ontológica sobre a forma e a natureza da realidade, e também uma dimensão epistemológica sobre o que considerado como conhecimento.

Se um paradigma traz no seu interior uma dimensão ontológica sobre a forma e natureza da realidade e também uma dimensão epistemológica sobre o que é considerado conhecimento, então devemos admitir que metodologia e método sejam também dimensões de um paradigma. (ALENCAR, 1998, p. 79).

Pela proposta epistemológica deste trabalho, reconhece-se o importante papel da teoria na construção do conhecimento, ou seja, reconhece-se o valor da

produção teórica e os questionamentos acerca dos pressupostos filosóficos que estão na base de qualquer atividade científica. Tal escolha não descarta ou diminui a importância de quaisquer outras epistemologias, apenas foi eleita, por suas características, a ser desenvolvida nesta tese.

Dentro dessa perspectiva epistemológica, reconhece-se aqui também a relação indissociável entre o pesquisador e o objeto de estudo, como duas faces de uma mesma moeda, ligadas na produção de conhecimento. Segundo Alencar (1998, p. 117), na abordagem interpretativa:

O pesquisador, ao contrário de ser objetivo, deve ser subjetivo o quanto possível. O cientista da natureza não precisa ser laranjeira, rocha, peixe ou átomo pra chegar às explicações de causa e efeito sobre tais fenômenos, amparadas em evidências empíricas [...]. Isto é o que objetividade significa. Contudo, para os teóricos da ação, somente porque nós somos parte do nosso objeto de interesse – porque nós também somos humanos – é que temos toda a oportunidade de entender as razões das ações do nosso objeto de estudo.

Na relação investigador-investigado, dentro do paradigma interpretativo, a epistemologia enfatiza não somente a importância de tal relação para o desenvolvimento das investigações, mas também no sentido de ser muito importante na produção de conhecimentos, sendo um atributo constitutivo desse processo, tendo em vista que a natureza qualitativa é adequada para o desenvolvimento da pesquisa neste paradigma. Assim, o papel do investigador se mostra essencial, visto que as suas ideias, questionamentos, sua perspectiva teórica e até mesmo sua história pessoal, estão sempre presentes na atividade de pesquisa, mesmo que não sejam explicitados.

3.1 Natureza da pesquisa

Ao desenvolver esta tese, optou-se pela condução de uma pesquisa qualitativa, tendo em vista o que foram envolvidos aspectos referentes à complexidade das experiências das pessoas relacionadas neste estudo, no que diz respeito ao desenvolvimento de carreiras, o que se refere amplamente a interações sociais (BOGDAN; BIKLEN, 1994; OLIVEIRA, 1997). Nesse tipo de pesquisa, se assume como adequada uma visão que não seja superficial ou simples, buscando-se as raízes das questões, bem como suas existências e relações, considerando um quadro amplo do sujeito como ser social e histórico (DEMO, 1987).

A abordagem qualitativa, de acordo com Lakatos e Marconi (2001), oferece ferramentas que permitem abordar e captar percepções dos sujeitos que estão envolvidos em uma determinada ação específica. Tal possibilidade abre espaço para se compreender influências e relações mútuas entre as pessoas na decorrência de um fenômeno, o que potencialmente apresenta grande riqueza de informações detalhadas à pesquisa. Contudo, a perspectiva apresentada exclui a possibilidade de se identificar relações lineares de causa e efeito, bem como de se fazer generalizações de caráter estatístico (AGRESTI; FINLAY, 1999; GODOY, 1995). Dessa maneira, os instrumentos não são vistos como um fim em si mesmo, e sim uma ferramenta interativa entre o investigador e o sujeito investigado.

Como o intuito desse estudo não foi o de fazer generalizações, uma vez que se estuda um grupo específico, optou-se pela abordagem qualitativa de forma exploratória. Podendo-se, contudo, utilizar-se dessa tese como referência em estudos posteriores que possuam características semelhantes.

3.2 Sujeitos da pesquisa e cuidados éticos

O grupo de participantes do estudo que gerou esta tese foi composto por ex-atletas de alto rendimento, que na ocasião desta pesquisa, estavam engajados em uma nova carreira, que não a de atleta, sendo esta relacionada ou não com o esporte.

A seleção dos sujeitos foi feita por acessibilidade e o número de entrevistados foi estabelecido considerando-se o critério de saturação (DENZIN; LINCOLN, 1994), momento no qual as informações obtidas através das entrevistas começaram a se tornar repetitivas (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008). Foram selecionados seis ex-atletas buscando contemplar diferentes modalidades individuais, tais como, Ginástica Aeróbica, Atletismo e Judô. A escolha por tais modalidades individuais se deu pela maior viabilidade de acesso aos sujeitos, uma vez que os participantes foram contatados individualmente e pessoalmente, tendo em vista a especificidade do grupo selecionado em função dos critérios de inclusão/exclusão.

Os critérios básicos de inclusão/exclusão foram definidos a partir do tempo de prática dos ex-atletas, tomando-se como referência, no mínimo dez anos de dedicação ao esporte, levando-se em consideração os fundamentos que embasam a prática deliberada (ERICSSON et al., 2006; MACIEL; MORAES, 2008; SALMELA, 1996; SALMELA; MORAES, 2003), bem como terem sido atletas profissionais (TENBAUM; EKLUND, 2007) e terem alcançado alto nível de rendimento (COSTA, 2007). Estes se referem a um critério teórico, uma vez que foram utilizados como parâmetro para se determinar que o grupo estudado possua características comuns para compor um caso conforme descrito por Laville e Dionne (1999).

Neste sentido, foram selecionados dois ex-atletas de Ginástica Aeróbica, três de Atletismo e um de Judô, que durante sua fase de alto rendimento

compuseram as Seleções Brasileiras nas suas modalidades, e alcançaram resultados internacionais de expressão reconhecida. Isto é, as pessoas selecionadas para participar do estudo já conquistaram pódio em Campeonatos Mundiais, e/ou Jogos Olímpicos, e/ou Campeonatos Continentais e/ou Etapas de Copas do Mundo.

O grau de excelência dos sujeitos desta pesquisa, bem como o fato de muitos dos ex-atletas contatados estarem envolvidos em carreiras que não permitam, por questões de tempo ou até mesmo de interesse pessoal, a sua participação neste estudo, resultou em uma dificuldade para se expandir o número de participantes. De qualquer forma, tal dificuldade não prejudicou os resultados desta tese, considerando-se o critério de saturação das entrevistas.

Esta pesquisa foi conduzida dentro das normas estabelecidas pelo Conselho Nacional em Saúde (2002) e pelo tratado ético de Helsinki (1996) sobre pesquisas envolvendo seres humanos. A mesma passou por encaminhamento ao Conselho de Ética na Pesquisa (COEP), tendo sido aprovada no dia 02 de junho de 2014. O documento de aprovação está anexado à Tese (ANEXO B).

Cada participante recebeu uma carta explicativa do projeto, constante como parte inicial do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, TCLE, (ANEXO C), a fim de informá-los sobre os objetivos, a relevância da pesquisa e os procedimentos metodológicos do estudo.

Os voluntários assinaram o consentimento pós-informação do TCLE, mostrando-se cientes de que a qualquer momento podem, sem constrangimento, deixar de participar do estudo. Foram tomadas todas as precauções no intuito de preservar a privacidade, bem como o anonimato dos voluntários, sendo que a saúde e o bem-estar deles sempre estiveram acima de qualquer outro interesse.

3.3 Procedimentos de coleta dos dados

Após a definição dos sujeitos, bem como da efetivação dos contatos com cada participante foi obtida a sua anuência para integrar o grupo investigado nesta pesquisa. Inicialmente foram contatados 13 ex-atletas, concluindo-se o estudo com a participação de seis pessoas. Dos sete convidados que não participaram, três marcaram duas vezes a entrevista, e posteriormente cancelaram, e os quatro demais não responderam ao convite. Como já apresentado, todos os contatos foram feitos individualmente, por e-mail ou telefone, a partir de um grupo de pessoas conhecidas pelo pesquisador ou por pessoas próximas a estes que atuam no esporte de alto rendimento.

As coletas, ou seja, as entrevistas foram realizadas de duas formas, a primeira, pessoalmente em local definido pelo participante, e a segunda via internet utilizando as ferramentas de comunicação “Skype”, *chat* de vídeo do “Facebook”, ou *chat* de vídeo do “Gmail”.

Todas as entrevistas foram gravadas eletronicamente e posteriormente transcritas de forma literal.

Dentro dessa perspectiva, aplicou-se uma entrevista semiestruturada (BAUER; GASELL, 2011; PATTON, 1980; TESCH, 1990), tendo em vista que esta ganha um espaço legítimo na produção do conhecimento para o acesso às perspectivas dos sujeitos estudados, uma vez que parte da interação entre o pesquisador e o investigado, para o acesso das informações a serem obtidas. Neste sentido, este tipo de entrevista consiste em um espaço dialógico, perpassando pelos significados que são construídos pelos participantes, ou seja, entrevistado e pesquisador, não sendo possível desconsiderar essa dimensão relacional. Assim, buscando-se maior riqueza de informações, bem como a possibilidade de (re) direcionamento das questões propostas, optou-se pela entrevista semiestruturada em detrimento a entrevista estruturada.

Utilizando-se a entrevista semiestruturada (TESCH, 1990) para o levantamento de informações, estas foram convertidas em categorizadas a partir da transcrição das entrevistas gravadas, que posteriormente passaram por leitura flutuante, a fim de se identificar informações relevantes. Após ter sido feitas várias leituras, no mínimo três de cada uma das entrevistas transcritas, as informações obtidas foram codificadas, e finalmente categorizadas, procedimentos que serão explicados no próximo tópico.

O roteiro da entrevista é apresentado nos Anexos desta Tese (ANEXO A).

3.4 Análise dos dados

Após o tratamento das entrevistas, os dados coletados foram analisados a partir do método de análise de conteúdo (BARDIN, 1995), técnica que tem sido amplamente utilizada na análise de comunicações nas Ciências Humanas e Sociais. Este tipo de análise abrange iniciativas de explicitação de informações, sistematização e expressão do conteúdo de mensagens. De forma mais específica, a análise de conteúdo constitui, segundo Bardin (1995, p. 42):

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

Neste sentido, a análise de conteúdo foi dividida em quatro fases:

1) preparação do material: transcrição das entrevistas gravadas em mídia digital, tendo como referência o roteiro de entrevista semiestruturada, em seguida leitura flutuante do material transcrito;

2) pré-análise: organização e sistematização das ideias buscando-se identificar as informações relevantes de acordo com os objetivos da pesquisa;

3) exploração do material ou codificação: o material transcrito foi explorado e organizado de acordo com estatística descritiva (frequência), considerando-se a saturação como indicadora do final da busca por novas informações referentes às questões da entrevista semiestruturada. Os dados foram organizados utilizando-se a estratégia de divisão do texto em pequenas partes de informação, promovendo-se desta maneira a descontextualização das narrativas. Estas pequenas partes de informações, chamadas de *meaningunits* (MUs), são a menor parte compreensível do texto que contém uma ideia, episódio ou pedaço de informação.

4) tratamento, inferência e interpretação dos resultados: as respostas obtidas foram categorizadas e sua interpretação se deu por inferência e associação. A distribuição das categorias de análise foi feita de acordo com a coleta de dados por meio das entrevistas semiestruturadas. Tanto as categorias fixas quanto as categorias flexíveis, com os títulos referidos no Quadro 1, consistem de uma relação entre os objetivos específicos definidos no projeto de pesquisa e a distribuição temática dos relatos dos entrevistados. A categorização possibilitou a organização dos elementos coletados semelhantes entre si, permitindo a análise. A análise de dados se deu pelo processo de análise de conteúdo por grade mista, tendo categorias fixas de análise definidas pelos objetivos específicos, e categorias flexíveis adaptáveis às demandas de análise emergentes dos discursos das entrevistas semiestruturadas (BAUER; GASKELL, 2011).

Sendo assim, definiram-se na grade mista desta pesquisa as categorias de análise a seguir:

Categorias Fixas	Categorias Flexíveis
A Carreira Esportiva	1. Atuação esportiva dos atletas de alto rendimento como carreira.
	2. Motivos que levaram à prática esportiva de alto rendimento.
	3. Transições na carreira esportiva, do início ao alto rendimento.
	4. Atleta profissional: atuando no esporte de alto rendimento.
	5. O papel das organizações esportivas.
As Transições na Carreira	1. A construção de outros conhecimentos alheios à prática esportiva durante a carreira no alto rendimento.
	2. Impactos das transições na vida pessoal e profissional.
	3. Orientações para as transições na carreira.
	4. Finalizando a carreira de atleta profissional: motivos e consequências.
A Construção da “Nova” Carreira	1. Influências externas na construção da carreira após o esporte de alto rendimento.
	2. Impactos e conexões da carreira esportiva na vida profissional atual.

Quadro 1 Categorias de análise de dados

Desta forma, a análise dos dados, leia-se Resultados e Discussão, foi desenvolvida a fim de contemplar as categorias apresentadas no Quadro 1, relacionando-as com o conteúdo apresentado no Referencial Teórico e com as devidas análises, como será apresentado a seguir.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do objetivo geral deste estudo, que foi compreender a transição de carreira de atletas, considerando-se a finalização de sua atuação como atleta de alto rendimento foi apresentado o Quadro 1, no qual estão contidas as categorias de análise, construídas a partir das narrativas dos sujeitos da pesquisa (MUs), através das entrevistas. No total, foram incluídas 117 MUs para a análise das entrevistas.

As análises dos dados foram feitas a partir dos grupos de MUs, categorizados de acordo com os temas elencados. Como apresentado, tais MUs surgiram a partir das entrevistas conduzidas com os ex-atletas profissionais, e a fim de caracterizar esse grupo apresenta-se a seguir o perfil dos participantes:

- **Participante 1 (P1)**

Homem, atualmente com 54 anos de idade. Ex-atleta de Atletismo, participou de quatro edições dos Jogos Olímpicos, nove Campeonatos Mundiais, três Jogos Pan-Americanos, sagrando-se campeão Mundial nove vezes consecutivas, campeão do Circuito Mundial de *Grand Prix*, dentre outros resultados também expressivos.

Possui formação em Jornalismo, Marketing e Educação Física. Atualmente atua como técnico, preparador físico e também realiza trabalhos de jornalismo e marketing esportivo em eventos internacionais.

- **Participante 2 (P2)**

Homem, atualmente com 56 anos de idade. Ex-atleta de Judô participou, obtendo resultados expressivos, de várias edições de Jogos Pan-Americanos e Campeonatos Mundiais, obteve como principal título o de Vice-Campeão Olímpico.

Possui formação em Educação Física e atualmente atua como membro da Confederação Brasileira de Judô, sendo interlocutor entre essa organização e o Comitê Olímpico Brasileiro. Além disso, é professor universitário, técnico de Judô e empresário.

- **Participante 3 (P3)**

Homem, atualmente com 52 anos de idade. Ex-atleta de Atletismo, fazendo parte da seleção Brasileira desde a categoria infantil até a categoria adulta. Participou conquistando pódios de diversos Jogos Pan-Americanos, Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos, atuando em diferentes provas de corrida.

Possui graduação em Educação Física, mestrado Fisiologia do Exercício e doutorado em Fisiologia Humana. Atualmente atua como professor universitário e pesquisador.

- **Participante 4 (P4)**

Mulher, atualmente com 33 anos de idade. Ex-atleta de Ginástica Aeróbica. Foi membro da Seleção Brasileira da modalidade por 18 anos, tendo conquistado vários títulos Pan-Americanos e Mundiais.

Possui graduação em Esporte. Atualmente atua como técnica e professora de iniciação esportiva.

- **Participante 5 (P5)**

Mulher, atualmente com 35 anos de idade. Ex-atleta de Ginástica Aeróbica. Foi membro da Seleção Brasileira da modalidade por 20 anos, possui vários títulos Pan-Americanos, campeã geral do World Series, campeã do World Games, 12 vezes campeã Mundial.

Possui graduação em Educação Física e especialização em Nutrição Esportiva. Atualmente atua como empresária e professora universitária

- **Participante 6 (P6)**

Homem, atualmente com 68 anos de idade. Ex-atleta de Atletismo, foi atleta da seleção Brasileira Universitária, campeão Sul-Americano.

Possui graduação em Medicina Veterinária e mestrado em Zootecnia. Atualmente está aposentado, tendo atuado na Secretaria da Agricultura do Estado de Minas Gerais.

A partir da apresentação do perfil de cada um dos participantes procede-se a discussão dos resultados dessa tese, obtidos através das entrevistas.

4.1 A carreira esportiva

Esta categoria contempla aspectos relacionados à construção da carreira esportiva dos sujeitos da pesquisa. Isto, tendo como referência os conceitos básicos relacionados a Carreira, considerando-se a formação inicial, as transições e o ápice da carreira, especificamente, o alto rendimento esportivo.

4.1.1 A atuação esportiva dos atletas de alto rendimento como carreira

As narrativas apresentadas nesse tópico ilustram a carreira esportiva como uma carreira, de forma a justificar como a partir da visão dos entrevistados

e também de acordo com as teorias sobre o tema, o esporte profissional no papel do atleta desenvolve uma carreira.

Para Tenenbaum e Eklund (2007), a carreira esportiva é assim considerada quando envolve a prática contínua e organizada, a fim alcançar, no caso, resultados esportivos, com a possibilidade de provimento ao atleta. Tal aspecto fica evidenciado na narrativa abaixo quando o entrevistado apresenta a sua dedicação à prática esportiva, bem como o fato de se disponibilizar para o desenvolvimento de novas técnicas de treinamento a fim de desenvolver a sua carreira. Dutra (1996) apresenta a dedicação, o envolvimento e a busca por desenvolvimento contínuo como aspectos inerentes as carreiras. Dessa forma, pode-se inferir que a carreira esportiva possui características semelhantes às demais carreiras, contudo, possuindo suas peculiaridades.

A gente tinha que ter uma dedicação super grande, a gente tinha um respeito muito grande, a gente não fugia do tempo, a gente era bicho, obedecia. (P2)

Na narrativa abaixo, P3 elucida a relação entre a remuneração e contrato com a sua profissionalização na carreira esportiva, para o entrevistado tais aspectos foram essenciais para o desenvolvimento da carreira. A partir do que é discutido por Castel (2013), a condição de assalariado pressupõe uma forma de trabalho, que a partir de então, como apresentado por Coutinho (2009) passa a ser aceita como profissão, pela sociedade. No contexto temporal desse ex-atleta, o esporte no Brasil não era até então tido como um trabalho, esse aspecto será mais profundamente discutido em tópicos a seguir.

Quando começou os incentivos financeiros foi uma coisa forte né, eu me senti bem, fazendo o que eu gosto, tá sendo minha terapia e eu tô ganhando dinheiro tá bom demais não posso reclamar. É aí obvio né, começou esse incentivo financeiro veio a melhorado dia a dia e aí virou trabalho né, mas ganhando pouco. (P3)

Pensando em um contexto no qual o esporte não era considerado como um trabalho, a narrativa abaixo de P1 demonstra a sua necessidade de buscar um novo contexto, se mudando para outro país. Nessa nova realidade, o esporte já era considerado um trabalho, dessa forma o ex-atleta teve assegurado os seus direitos trabalhistas básicos, sendo, contudo, interpretado de forma negativa pelos seus compatriotas.

Quando eu vim pros Estados Unidos, a minha reputação era de mercenário, tudo que nós fazia era por dinheiro, porque já tinha essa mentalidade aqui Estados Unidos de tirar sustento do esporte. (P1)

Enfatizando a percepção dos atletas com relação a sua atuação enquanto profissionais do esporte, e corroborando com o que é discutido por Kilimnik (2000), quando a autora apresenta que a profissão se refere a um conjunto de ocupações, as narrativas abaixo elucidam tal percepção:

Meu treinamento sempre foi organizado em mais de um turno. De manhã eu fazia preparação física e de tarde trabalhava a parte coreográfica das rotinas. Sempre tinha muita coisa para fazer, eram muitas horas de dedicação. (P4)

Treinava o dia todo, era tudo dividido do jeito que tinha que fazer. A gente também tinha que ajudar os novatos, passar o que já sabia pra eles. (P6)

Bendassoli (2009) discute que a carreira tradicional se baseia na noção de emprego, esse aspecto fica evidente na narrativa abaixo onde a entrevista deixa claro o seu vínculo com o clube que representa.

Eu tinha um contrato com o meu clube, que eu recebia para treinar e para ajudar as crianças. Eles também pagavam minhas despesas para competir e tudo isso. (P5)

Dessa forma fica evidente a carreira esportiva como um tipo de carreira, mesmo que com muitas características peculiares, o que certamente é reflexo do

seu surgimento recente enquanto profissão. O tópico a seguir trata dos motivos que levaram os participantes desse estudo a se engajarem no esporte.

4.1.2 Motivos que levaram à prática esportiva de alto rendimento

A partir das narrativas dos participantes do estudo, diversos foram os motivos que os levaram a se engajar à prática esportiva. Em determinados casos os interesses iam muito além de objetivos voltados à inserção social, aspectos financeiros ou profissionais, inerentes ao entendimento de carreira, proposto por Noronha e Ambiel (2006), ou seja, o reconhecimento pessoal através de uma profissão. De acordo com a narrativa a seguir o envolvimento com esporte sequer tinha relação com os preceitos de carreira.

Eu não fui pro atletismo porque era bom, eu fui no atletismo porque eu fui para comer, fui uma criança que passei fome, tive dificuldades. (P1)

No mesmo contexto, a ideia da busca pelo esporte a fim de suprir necessidades básicas, como segue abaixo, significou para os entrevistados uma mudança de vida iniciada por um objetivo alheio à construção da carreira esportiva, mas que fica evidenciado nos estudos de Ericsson et al. (2006), sobre as fases iniciais deste tipo de carreira. Para esse autor, no início da prática quando se inicia a carreira esportiva, o praticante pode se engajar por motivos diversos, sendo inclusive não relacionados a objetivos específicos do esporte. Ou seja, por uma possibilidade de inserção social, ou até mesmo para receber melhores condições básicas de vida, como alimentação.

[...] me levou em Araçatuba pela primeira vez em, em agosto. Eu fiquei, fiquei lá no ginásio com comida melhor né? Porque lá tinha pão, pelo menos vou arrumar lugar pra comer. Então eu fui pra comer, então na minha primeira negociação com meu treinador não fui nem preocupado em ser atleta, se eu era bom, eu fui negociar com um rango, se

ele me desse um rango, me desse uma comida eu ia ficar de qualquer jeito, se não sem chance. (P1)

A partir da narrativa apresentada destaca-se que o esporte tem como recompensa ou “moeda” algo muito atípico em relação a outras carreiras, nas quais, como é apresentado por Dutra (1996), tem-se como recompensa o reconhecimento social a partir do que, entre outros aspectos, é gerado de renda financeira através do trabalho desenvolvido. No caso do esporte, principalmente nas fases iniciais da carreira, como apresentado pelos sujeitos desse estudo, o “pagamento” pode ser alimentação, moradia ou condições de estudo. Tais aspectos serão tratados mais profundamente adiante, contudo, não poderiam ser negligenciados neste momento, uma vez que tais “benefícios” são motivadores a prática esportiva de alto rendimento.

Outro fator de destaque, no que se refere aos motivos que levam a prática esportiva de alto rendimento, trata-se da transmissão dos ofícios apresentada por Araújo e Sachuk (2007). A partir dessa perspectiva os autores apresentam que inicialmente a transmissão dos ofícios era algo rígido, quase hereditário, o que pode ser verificado a partir da narrativa a seguir.

Meu pai fazia judô e eu comecei a praticar com ele. Depois, com 7, 8 anos mais ou menos eu me mudei de cidade e ai continue com o meu pai até os 13 anos. (P2)

Para Marques e Samulski (2009), a prática esportiva passa a ser uma opção de melhoria de condições de vida. Nesse sentido, o atleta, a partir do seu envolvimento com o esporte, tem a oportunidade de se desenvolver neste e também em outros âmbitos, e acima disso, a desenvolver sua autoestima e autoconfiança, como apresentado por Samulski (2009).

Então o atletismo, no comecinho era uma forma de fugir dum ambiente, não vou dizer miserável, mas bem difícil. Era uma forma de mostrar alguma coisa, não pras pessoas porque eu nunca tive isso não, mas pra provar pra mim que eu tinha capacidade. Eu sempre fui desestimulado nesse sentido tanto dentro de casa como com os amigos, eles

achavam que isso era bobagem que não tinha nada a ver comigo, não torciam contra, mas as brincadeiras eram sempre negativas. (P3)

Ao final dessa narrativa destaca-se algo que vai de encontro com o que foi discutido por Salmela e Moraes (2003) quando os autores apresentam que somente têm acesso ao treinamento, nos anos iniciais, aqueles que têm o respaldo familiar. No caso deste ex-atleta, o início foi sem grande apoio no contexto familiar e social, contudo, a sua vontade e motivação pessoal foi preponderante para o seu desenvolvimento enquanto atleta.

Apesar de não ter uma ligação direta com os preceitos apresentados para a construção e o desenvolvimento de carreiras convencionais, nas quais autores como Bendassoli (2009), Chanlat (1995) e Briscoe, Hall e Demuth (2006) destacam, dentre outros aspectos, as carreiras, como sendo baseadas no saber e na impessoalidade das relações, os participantes do estudo apresentaram fortes motivos para o início de uma carreira precoce. A partir das especificidades do esporte apresentadas por Nunomura e Tsukamoto (2009), uma vez que há a necessidade de se trabalhar os fundamentos das modalidades esportivas a medida que vão se desenvolvendo as capacidades físicas do praticante, isto é, desde a infância, passando pela adolescência até a fase adulta, pode-se entender o porquê de um início precoce. Nesse contexto, as oportunidades de estudo apresentam-se como um benefício preponderante para o engajamento ao esporte e pelo qual se buscou de forma racionalizada e estruturada, ou seja, uma vez que a carreira teria início em idade escolar, ter acesso a uma educação de qualidade tornou-se uma recompensa pelo envolvimento com o esporte de alto rendimento.

Ah é eu já estudei no colégio Salesiano colégio de padres sabe, então você tinha que fazer esporte, eles obrigavam a gente a fazer esporte pra ficar no internato, na minha época tinha internato. (P6)

Reforça-se então que o contexto escolar, além de ser um objetivo dos entrevistados, a fim de construir uma carreira profissional, era também um local onde os mesmos eram detectados e contatados, por pessoas que identificavam suas aptidões esportivas.

Na escola, bem na escola, lá havia uma sinalização do professor de educação física e ele falava poxa porque você não pratica atletismo? Quer entrar no Pinheiros? Mas o que eu vou fazer lá? Aí você vai entrar como atleta militante. Eu quis porque aí eu podia entra no Pinheiros como atleta militante.²(P3)

Todos os participantes da pesquisa apresentaram grande relevância em relação à formação acadêmica desenvolvida paralelamente à carreira esportiva, tratada como forte motivo para o desenvolvimento da mesma. Além disso, se destaca a associação entre tal possibilidade, com o início da visão de profissionalização, ou seja, de se tornarem atletas profissionais. Segundo Dimande (2010), dentre outros aspectos, a profissionalização se refere a possibilidade de se prover recursos para o sustento próprio e dos seus dependentes.

Fui treinar porque eles davam um pagamento no valor que era pequeno, tipo o valor de uma faculdade. E também quem competia recebia o custo que você tinha com alimentação e condução, se eu tivesse um machucado alguma coisa assim eles me davam um respaldo médico. (P3)

No contexto dessa tese, em se tratando dos ex-atletas que atuaram profissionalmente entre as décadas de 1970 e 1980, o esporte não era um trabalho suficiente para suprir as necessidades financeiras dos seus praticantes, devendo os mesmos, buscar uma complementação de renda através de outros trabalhos. Contudo, esta característica não determina que o esporte profissional

² O mesmo que sócio atleta, ou seja, a pessoa ao fazer parte de uma equipe esportiva tem o direito de usufruir do clube enquanto sócio sem que tenha que comprar cota ou pagar mensalidades.

não possa ser considerado como uma carreira, uma vez que Veloso e Dutra (2010) apresentam que a gestão da carreira é algo pessoal. Dessa forma, a necessidade financeira pode ser preponderante na decisão de se desenvolver simultaneamente mais de um trabalho. Tal aspecto está longe de ser o ideal, contudo, há que se considerar a sua ocorrência como uma forma de precarização do trabalho do atleta. No contexto do que foi apresentado na narrativa acima, pode se dizer que o atleta ganha migalhas em troca do esforço para conquistar medalhas.

Abaixo se apresenta outra narrativa referente à precarização citada, destacando o conformismo do entrevistado com tal situação.

E com esse negócio de treina nós conseguimos ganhar lugar de morar, eu morava no campo do atlético. Era um alojamento precário, estudante não liga, Só quer saber da economia. Além de treinar eu trabalhava e estudava. (P6)

Ainda neste contexto, a narrativa a seguir apresenta de forma incisiva e clara, a necessidade financeira como motivo para o desenvolvimento da carreira esportiva. Tal ênfase financeira corrobora com o que Coutinho (2009) e Castel (2013) apresentam em relação ao trabalho, uma vez que os autores discutem, respectivamente, que o trabalho refere-se a implicação de forças humanas para atingir um fim, e que ser assalariado significa estar nessa condição devido a necessidade, corroborando com o que Rúbio (2002) propõe sobre o esporte profissional ou esporte como profissão. No sentido da necessidade de se complementar a renda obtida através do esporte com outras fontes e formas de trabalho, tendo em vista que o esporte é o trabalho principal dos entrevistados, contudo, muitas vezes não é o suficiente para sustentá-los.

Na época de juventude eu tinha o dinheiro do exército, o clube pagava minha faculdade então, essa soma, o rendimento dava pra ajuda em casa. Então, fazer atletismo já não era mais uma opção gratificante já era uma necessidade financeira. (P3)

Desta forma, apesar dos diversos motivos apresentados para o envolvimento com a prática esportiva de alto rendimento, destacou-se a relevância dada à formação acadêmica, além da possibilidade de se suprir as necessidades básicas de sobrevivência, o que são aspectos comuns aos vários tipos de carreiras apresentados por Veloso e Dutra (2010), sejam estas quais forem. De qualquer forma não se pode afirmar que essa seja uma condição adequada, uma vez que no desenvolvimento de outras carreiras, muitas vezes não há a necessidade de se buscar outros trabalhos, ou de se contentar com a disponibilização de moradia ou alimentação por parte do “empregador”. Fica claro que a carreira esportiva, no contexto estudado, é bastante precarizada, uma vez que os ex-atletas, ao se engajar na prática esportiva não disponibilizavam de condições financeiras suficientes para se dedicar exclusivamente a essa carreira.

A seguir serão apresentadas as transições ocorridas na carreira esportiva dos entrevistados, desde a sua iniciação até o alto rendimento.

4.1.3 Transições na carreira esportiva, do início ao alto rendimento

De acordo com Quishida (2007), no processo de construção das carreiras, diversas são as transições que ocorrem e que significarão o seu desenvolvimento, ou seja, as mudanças de etapas e a evolução até que se alcance o seu auge. No caso da carreira esportiva, o auge é o alto rendimento, o que como apresentado por Ericsson et al. (2006) e Salmela e Moraes (2003), significa desenvolver treinamentos estruturados e focados em um desempenho *expert*, ou seja, alcançar os melhores resultados em competições nacionais, internacionais e fazer parte das seleções nacionais. Assim, como em qualquer carreira, as transições são carregadas de influências externas, desde o momento inicial até a sua finalização.

Tendo como referência as influências externas apresentadas por Maciel e Moraes (2008), as narrativas a seguir corroboram e demonstram a presença marcante de uma terceira pessoa nas diferentes fases da carreira dos participantes do estudo. Num primeiro momento, atentar-se-á, ao ingresso dos participantes no esporte.

O treinador viu eu e a minha irmã, e se apaixonou pela gente e queria que a gente fosse lá para a cidade de Araçatuba. (P1)

No caso do esporte em que a iniciação à carreira se dá em uma fase muito precoce de desenvolvimento dos praticantes, como apresentado por Nunomura e Tsukamoto (2009), fica sempre muito evidente a presença de uma pessoa que identifica determinadas habilidades e/ou aptidões e incentiva e motiva a então criança ou adolescente a se inserir na prática esportiva. Questiona-se, portanto, o que leva crianças e adolescentes a fazerem mudanças tão significativas em suas vidas sendo tão jovens, e também se esta é uma realidade mais comum em pessoas de menor poder aquisitivo, considerando-se o perfil dos entrevistados. De qualquer forma, o que fica claro é que o início da carreira esportiva dos sujeitos dessa tese se deu logo na infância, quando tarde, na adolescência, como é apresentado a seguir.

Bom, que eu trabalho com judô, é desde, como atleta na iniciação, desde os 4 anos, como atleta de competição quando eu tinha 16 anos. (P2)

Comecei a praticar o atletismo através de um programa que tinha no Ibirapuera em Educação Física. Eu tinha 15 anos, eu ia no Ibirapuera nas férias pra saber o que era atletismo e tinha os professores que davam treino. (P3)

Eu comecei a ginástica aeróbica com dez anos, mas antes eu já fazia ginástica rítmica. Eu entrei no balé com três anos e daí com cinco eu entrei pra ginástica rítmica. Ai dos 5 aos 10 eu entrei na ginástica rítmica, eu competi, treinava bem forte, fui campeã paulista tudo, mas ai, minha equipe acabou lá, a técnica virou atriz e daí eu entrei pra aeróbica. (P4)

No final da última narrativa destaca-se que em alguns casos a escolha pela modalidade não depende somente do atleta, mas das condições oferecidas para treinar, como visto no tópico anterior, e também pela disponibilidade do técnico, bem como o acesso ao mesmo.

Ainda em relação ao início da carreira, a influência dos pais ficou muito evidente. Isso devido ao fato de que por ter a iniciação em uma idade muito prematura, os futuros atletas necessitavam deles para suprir suas demandas logísticas e estruturais, ou seja, levar, buscar, acompanhar, autorizar viagens e treinamentos, dentre outros fatores. Quando relacionando este aspecto a outros tipos de carreiras, pode-se relacionar o peso da influência dos pais no esporte com o peso da influência dos pais no caso da transmissão hereditária do ofício apresentada por Araújo e Sachuk (2007), como já foi citado anteriormente, sendo que nesse contexto, o fato dos pais terem sido atletas, a sua vontade de ter sido, ou a sua relação com alguma prática esportiva, tem um peso no apoio que dá ao seu filho. Tal relação se dá porque em outros tipos de carreiras a construção e o desenvolvimento dos interesses surgem quando a pessoa já possui mais idade, o que significa ter mais maturidade e autonomia para tomar as suas decisões. A seguir serão apresentadas narrativas que demonstram a marcante influência dos pais nas transições iniciais da carreira esportiva.

Eu comecei com cinco anos porque minha mãe me colocou, ela achava importante fazer um esporte, mas eu sempre gostei. Desde a primeira vez que ela me colocou pra fazer eu sempre gostei de todos os desafios da ginástica comecei na ginástica artística e não na aeróbica, e assim, eu sempre me destaquei no meio das meninas das crianças que faziam comigo e acho que isso foi me motivando a querer continuar. (P5)

Na narrativa acima, a mãe teve um papel marcante na inserção da criança no esporte, assim como é apresentado por Verardi e De Marco (2008), uma vez que esses autores propõem que as famílias que entendem a importância

do esporte para o desenvolvimento dos filhos são aquelas que apoiam e incentivam a sua prática. Ressalta-se que a motivação pessoal foi algo que incentivou a continuidade da entrevistada, sendo que disse sentir-se motivada pelos desafios que a modalidade apresentava, bem como por se destacar diante do seu grupo. Bojorques, Benitez e Salazar (2011), discutem que o trabalho proporciona autorrealização e reconhecimento social, ambos os aspectos apresentados pela entrevistada.

Na próxima narrativa, a mesma participante apresenta razões peculiares pelas quais sua mãe a introduziu em uma prática esportiva, tanto por demonstrar aptidão, quanto para que ela pudesse “gastar energia”, aspectos considerados comuns ao início da carreira esportiva, ou busca pelo esporte na infância, como é apresentado por Maciel e Moraes (2008).

Fui atleta por 28, 27 anos, dos 5 aos 32. Minha mãe gostava de ginástica e me pôs pra fazer ginástica e eu era muito ativa e gostava também de fazer ginástica também, estrela essas coisas [...] e eu era muito sapeca, ficava subindo nas coisas, ai ela me colocou. (P5)

O participante abaixo explicita o papel marcante da mãe em sua inserção na carreira esportiva, tendo a mãe seus motivos para tal. Nessa situação, o participante foi acompanhar sua irmã, naquele momento, também envolvida com o esporte, sendo que como menina, sua mãe não a deixaria sair de casa para treinar desacompanhada.

Minha irmã indo pra Guarulhos ia ter que me levar junto, eu fazia parte do pacote, minha mãe não ia deixar ela ir sozinha de jeito nenhum. (P1)

Apesar de na maioria das entrevistas ter ficado evidente a participação positiva das famílias, o entrevistado abaixo apresenta algo diferente, e que vai de encontro com o apoio familiar que é apresentado por autores como Maciel (2003) e Marques e Samulski (2009). O fato de não apoiar, nesse contexto, não significa impedir, e sim, se omitir ou eximir da responsabilidade, seja por não

disponibilizar de recursos para tal ou por não querer se envolver. Dessa maneira, questiona-se até que ponto a omissão é realmente negativa, uma vez que para que uma pessoa menor de idade saia do país precisa de uma autorização dos pais, nesse sentido, se os pais quisessem impedir a participação do filho no evento, eles simplesmente não concederiam tal autorização.

Meu pai falou que eu não ia, que eu precisava da autorização dele ele falou: ‘você não vai pra lá!’ Como que eu não vou? Ele falou: ‘você vai pro Chile? Como é que você vai pro Chile? Quem é que vai paga isso? Não tenho esse dinheiro!’ Não o senhor não vai pagar nada. ‘Mas você vai sem dinheiro?’ Ué se não tem eu vou sem dinheiro. Aí ele foi lá e meu deu o equivalente a hoje acho que uns 200 reais e eu fui com isso. (P3)

A partir de uma determinada idade, muitas vezes precoce, ao se relacionar com outros tipos e tipologias de carreiras, nas quais de acordo com Dutra (1996) as pessoas fazem suas escolhas preponderantes enquanto jovens adultos, os atletas de alto rendimento desenvolvem iniciativas próprias que teriam grande peso no desenvolvimento das suas carreiras, sendo essas iniciativas marcos de transição nas mesmas. Tais aspectos são demonstrados a nas narrativas seguir.

Eu fui na cidade que a turma tava treinando no intuito de ver se eu já ia falar com o treinador também, só que como eu tinha ido mal na competição em São Paulo como corredor lá em agosto né? Aí eu pensei: Ah, os cara vai querer eu não, ai eu fiquei lá enrolando, enrolando, ai no dia de eu ir embora, eu já tava pra voltar né? Eu peguei e pensei: Ah vou lá conversar com os caras na pista. Chegando lá ele perguntou pra mim se eu tava pronto pra ficar. (P1)

Além da iniciativa própria e busca pessoal, o participante acima deixa claro que o técnico é quem aceita ou não tal esforço, tomando a decisão final por incluir aquele atleta à sua equipe. Aspecto esse, discutido por Pires (2007), em

se tratando da gestão esportiva, na qual o técnico aparece como gestor das equipes e times.

Na próxima narrativa, o participante, no início da adolescência, se classifica como quase profissional. Isso porque, para ser profissional o atleta deve competir nas categorias adultas, ou seja, a partir dos 16 ou 18 anos de idade, dependendo da modalidade (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2014). O entrevistado destaca a necessidade de grande dedicação e comprometimento, características do alto rendimento apresentadas por Ericsson (2003), mesmo sem retorno financeiro. Assim infere-se que para ser considerado profissional e ter a possibilidade de ser remunerado, o atleta deveria competir na categoria adulta, sendo os anos iniciais, ou seja, as categorias de base, a fase de investimento e formação na carreira esportiva.

E a partir dos 12, 13 anos que eu me tornei mais um atleta, quase profissional porque na época a gente não ganhava nada, mas mesmo assim tinha que ter dedicação para treinar e competir. (P2)

A narrativa a seguir apresenta um momento de transição causado por uma lesão, aspecto peculiar à carreira esportiva, tendo em vista que o corpo é a ferramenta de trabalho exigida até níveis extremos.

Na ginástica artística eu fiquei até treze anos porque, com 13 anos eu tava numa fase onde de uma serie mediana eu passei a fazer series bem avançadas e acabei me machucando feio. Foi um impacto na minha vida aos 13 anos. (P5)

Como apresentado, algumas vezes, as decisões tomadas pelos ex-atletas de alto rendimento, orientadas pelo técnico ou comissão técnica, nas fases intermediárias de suas carreiras, tinham um resultado negativo, que em situações recorrentes, demandavam de uma mudança ou adaptação para a continuidade da carreira. Quando da ocorrência desse tipo de situação, no caso de lesões, os clubes deveriam dar o suporte necessário para a recuperação dos atletas, mas

isso não é o que ocorre em todas as situações, o que caracteriza a precarização do trabalho do atleta. Desta forma, erros cometidos ou até mesmo incidentes foram causadores de transições nas carreiras, como apresentado por Veloso e Dutra (2010), que discutem situações com desfechos negativos como provocadoras de transições nas carreiras.

Em decorrência da lesão sofrida, a entrevistada apresenta na narrativa abaixo, uma transição marcante em sua carreira, na qual ela passa por um teste para ingressar em uma equipe de outra modalidade. Mais um exemplo de transição em idade precoce.

Na época que eu me recuperei da lesão uma amiga minha foi fazer ginástica aeróbica e me chamou pra fazer um teste³ e aí como eu tava nessa dúvida fica na artística ou para de vez eu fui fazer o teste e acabei ficando. Como eu tinha uma base boa da artística muita coisa da aeróbica veio da artística. (P5)

Na narrativa abaixo a entrevistada apresenta o impacto gerado pela mudança de modalidade, mas que, contudo, foi positiva a partir da sua percepção.

Foi uma mudança muito radical pra mim porque a ginástica artística era muito séria uma coisa muito pegada e já a ginástica aeróbica já era uma coisa mais divertida então, ao mesmo tempo, é difícil a ginástica aeróbica, eu sentia mais descontração mais gostoso de praticar a ginástica aeróbica do que a artística. (P5)

Ainda assim, mesmo na ocorrência de um incidente que demandaria uma mudança de planejamento, talvez por se tratar de um momento em que os participantes não tivessem maturidade o suficiente para tomar suas próprias decisões, as influências externas, positivas e negativas foram evidenciadas, como se ilustra a seguir.

³Esse tipo de teste normalmente é feito quando um atleta quer ingressar em uma equipe de nível intermediário ou avançado sem que tenha feito parte da equipe de base do clube.

Com esse meu técnico, quando eu me machuquei em uma competição é, foi meio que complicado porque ele achava que eu não tinha me machucado feio e ele queria que eu competisse [...] depois ele pediu desculpas pra mim ele percebeu que tava errado. Eu agradeço até hoje uma mãe de uma amiga que tava lá, porque que me retirou da competição quando eu falei que não dava pra competir de jeito nenhum. Porque meu técnico mandava em mim né, se ele falasse vai competir eu tinha que ir mais eu não aguentava. (P5)

Ainda que em determinadas situações o técnico possa ter assumido uma postura focada no desempenho e no resultado do atleta, sem a devida preocupação com a sua integridade física ou psicológica, ou seja, tenha agido orientando a tarefa em função das metas propostas (NOCE; MORAES; SAMULSKI, 1997; SAMULSKI, 2009). A narrativa acima demonstra uma situação que pode ser caracterizada como assédio moral, tendo em vista que o técnico tinha domínio sobre a ex-atleta, a partir da sua própria narrativa “[...] meu técnico mandava em mim”, influenciando diretamente nas decisões da mesma. Nesse sentido, tal relação de trabalho vai ao encontro do que apresenta Dejours (2004) quando esse autor discute que o trabalho transita entre o prazer e o sofrimento, o que se questiona nesse ponto é se a imaturidade da entrevistada, no momento do ocorrido, teve peso nas suas atitudes.

De qualquer forma, todos os participantes do estudo destacaram a importância e a presença de uma boa relação pessoal e profissional com o seu técnico. O que foi, segundo os participantes, uma influência marcante e positiva nos processos de transição da iniciação até o alto rendimento. Desta forma, pode se dizer que além da influência dos pais, se destaca a influência dos técnicos em todas as transições na carreira esportiva, com ênfase maior na fase intermediária e no alto rendimento (OLTRAMARI, 2008), não tanto na iniciação como no caso dos pais.

Meu técnico era técnico da Federação Universitária, e nós ficamos amigos, ele se dispôs a me arrumar alojamento

porque morava em outra cidade, ou fica na casa dele que ele era professor de uma escola grande. Então a gente ficava hospedado na casa dele nos feriados, aqueles feriados cumprido, às vezes em férias, e o campeonato brasileiro universitário era sempre em julho nas férias, então a gente terminava as aulas, no período escolar, no final de junho assim e tal, e já ia pra cidade dele treinar. (P6)

A narrativa anterior apresenta como no caso desse entrevistado, o esporte tinha um papel secundário em relação ao estudo. Nesse caso, o ex-atleta se beneficiava do que o esporte proporcionava enquanto cursava uma graduação, dessa forma, e no contexto apresentado, o esporte era tido como uma atividade extracurricular.

Finalmente, em se tratando de resultados obtidos a partir do desempenho dos atletas, destaca-se que estes também influenciaram enfaticamente o desenvolvimento das suas carreiras, afinal, esporte profissional envolve competições e nesse contexto, como apresentado por Salmela (1996) e Ericsson et al. (2006), o parâmetro de desenvolvimento da carreira esportiva são os resultados obtidos. Ao discutir que a pessoa progride na carreira através de concursos, seleções e provas, Chanlat (1995), deixa a possibilidade da transferência e contextualização dessas formas de avaliação para a carreira esportiva, uma vez que as mesmas seriam substituídas por seletivas, testes e competições.

Eu já tava no colegial, na escola pública, aí eu falei com a minha mãe que o [...] me convidou pra competir os jogos estadual colegial, daí eu fui competir. (P1)

Ganhei esse Campeonato Paulista ganhei em segundo nos 100 metros ganhei 200 metros e ganhei no revezamento. Devido aos resultados que eu tive fui selecionado pro Campeonato Brasileiro infantil aí no Campeonato Brasileiro infantil eu ganhei. (P3)

Tendo passado por diversas transições na carreira esportiva e chegando ao seu ápice, o alto rendimento, os então atletas, se tornaram atletas profissionais, seja pela sua própria denominação ou a partir dos preceitos de Bianchi e Quishida (2009). Esse autor considera o esporte como profissional a partir das transições vividas, desde a iniciação esportiva quando é feito o trabalho de fundamentos e base, passando pela fase intermediária, com o início das competições, chegando ao alto rendimento, momento no qual os atletas fazem treinos visando a manutenção e polimento das suas capacidades físicas, e onde as competições alcançaram níveis internacionais. Além disso, como apresentado pelo COB (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2014) os atletas se profissionalizam a partir da categoria adulta, tendo o devido vínculo com seus clubes e seleções nacionais.

O tópico a seguir trata da atuação destes atletas profissionais no esporte de alto rendimento.

4.1.4 Atleta profissional: atuando no esporte de alto rendimento

Apesar de a carreira esportiva ter início e fim precoces no que concerne a idade em que se ingressa e que se aposenta como atleta, como apresentado por Tenenbaum e Eklund (2007) e COB (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2014), a sua duração, no caso dos ex-atletas abordados, foi igual ou, em alguns casos, superior a duração de carreiras convencionais. Considerando-se que como apresentado por Ericsson et al. (2006), para atingir o alto rendimento e se tornar um atleta profissional, deva-se ter 10 anos de prática, o que é plausível se considerando o tempo necessário para a formação de carreiras apresentado por Dutra (2002), as narrativas a seguir demonstram o quanto durou a carreira profissional dos participantes do estudo.

O meu alto rendimento foi por 23 anos. (P1)

A partir dos 13 anos, 12, 13 anos, eu comecei a treinar e competir no alto rendimento. Fiz isso durante muitos anos, até meus 35 anos. (P2)

Comecei muito novinha, ainda criança e conforme ia passando os anos, a gente ia aumentando carga horária de treino, e aí, foi quando eu percebi já tava treinando, mais ou menos assim, cinco horas por dia. Treinei até os 30 anos. (P4)

A partir dessa ilustração, ao se comparar a carreira esportiva com outras carreiras, encontra-se equivalência na duração entre elas, com a ressalva de que o objeto deste estudo é a “nova” carreira após o alto rendimento. Assim, pode-se inferir que, se somando a duração da carreira esportiva à outra carreira após o alto rendimento, este grupo dedicou ou dedicará mais tempo às suas carreiras do que pessoas que sigam apenas uma carreira, tais aspectos serão abordados no tópico seguinte seus subtópicos.

Dentre as características inerentes a profissão e à profissionalização, destaca-se a remuneração financeira (BOJORQUES; BENITEZ; SALAZAR, 2011), sendo essa, de acordo com Coutinho (2009), a retribuição pelo serviço prestado que, por sua vez, é responsável pelo provimento da pessoa e de seus dependentes. Durante a atuação como atleta profissional, isto é, atuando no esporte de alto rendimento, os participantes do estudo destacaram com ênfase a questão da remuneração como fronteira entre o esporte amador e profissional. Tal remuneração era basicamente, proveniente de contratos de patrocínio, clubes e subsídios do governo.

E aí sim, foi aí que a gente começou a ganhar mais dinheiro até porque a gente teve contrato com as companhias de sapato, a gente ia com ela competir ganhando dinheiro no bolso, etc e tal. Foi aí que permitiu meu sustento e aí eu realmente ajudei a minha família, ajudei a minha mãe. (P1)

Um aspecto de grande relevância apresentado por dois dos entrevistados foi o fato de que até a década de 80, no Brasil, não era permitido aos atletas o

recebimento de recursos financeiros, exceto no futebol. Segundo os entrevistados, eles poderiam receber incentivos através de bolsas e auxílios, mas não dinheiro pela prática, ou quaisquer contratos de patrocínio ou utilização de imagem. Nesse contexto, fica claro que o esporte não era considerado uma profissão, o que de acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego (2010), foi alterado em meados dos anos 80.

Até 1980 ninguém recebia nenhum incentivo financeiro não acho que até 81 sem incentivo financeiro, começou por volta de 85 ou 87 não comigo, mas pra alguns atletas era um projeto chamado 'Adote um Atleta' e essa 'Adote um Atleta' fazia com que os patrocinadores diminuíssem a carga tributaria né o e em parte podia reverter isso em patrocínio tipo 1, 2% do imposto de renda então uma parte ia pro esporte e uma parte pro atleta, mas ai já caracterizava profissionalismo. (P3)

Como apresentado por um dos participantes do estudo, a remuneração não foi sempre uma consequência lógica e acima de tudo legal da carreira esportiva, sendo que, inicialmente, no esporte amador⁴, mesmo que com características de esporte profissional (COSTA, 2007). Como anteriormente discutido, tal situação evoluiu para os dias atuais quando o atleta pode receber salário, ter contrato com clubes e patrocinadores, ou seja, tem sua atuação reconhecida como profissão. Como apresentado na narrativa a seguir, a remuneração não era permitida, sendo inclusive penalizada, uma vez que o esporte não era considerado profissional e, portanto, o atleta não poderia ser pago, uma vez que a sua atuação também não era considerada um trabalho.

O esporte amador principalmente aqui no Brasil, porque fora do Brasil já existia remuneração pro atletas, aqui não ai, por exemplo, se o atleta recebesse sei lá 10 reais por treinamento pra incentivo naquela época ele era punido da mesma forma que se tivesse usado dopping ficava dois anos de suspensão. (P3)

⁴ Esporte sem fins de profissão, ou seja, não visa geração de renda financeira através da prática.

Nesse contexto, outras formas de retribuição pelos serviços eram aplicadas, como o pagamento de faculdades, cursos, custeio de moradia e alimentação, por exemplo. Retribuições, que segundo os entrevistados foram fundamentais para a construção da carreira profissional atual e na época, motivadoras para a continuidade do vínculo com a carreira esportiva.

Eu era um atleta olímpico e a gente era incentivado dessa forma, com ajuda para faculdade, alimentação, coisas assim. O atletismo não recebia nada então muitos atletas da minha época que eram tão bons, quanto eu desistiam do atletismo porque dão dava pra ganhar dinheiro. (P3)

Considerando a realidade daquela época, pode-se inferir que o foco na carreira esportiva era secundário, mesmo que a aptidão e a vontade do atleta estivessem voltadas para tal. Isso porque ao passo que o esporte não era tido como uma carreira, os atletas deveriam ter sempre em mente uma formação para atuação futura. Nesse sentido, as oportunidades que os ex-atletas tiveram através do esporte para ter uma formação acadêmica, foram o que a médio e longo prazo os mantiveram no esporte, atuando no Brasil. Contudo, como pode ser visto na narrativa a seguir, atletas que queriam seguir uma carreira esportiva, mudavam-se para países aonde o esporte era, naquela época, já considerado como um trabalho.

No meu caso eu já entrei no esporte porque gostava muito e porque me ajudava a conseguir as coisas para viver e estudar, aí eu pensei vou até onde dé. Já estava na Universidade e treinava, mas se tivesse dinheiro naquele tempo, muita gente as vezes ia pros EUA, tenho muitos colegas que foram, pros EUA, e os EUA nas Universidades patrocinavam os esportes, os sportistas, dava condição, dava até salário, no Brasil não podia receber. (P6)

Como apresentado, no Brasil, até o final da década de 70 e início de 80, o esporte não era tido um trabalho, conseqüentemente, não era considerado uma profissão e, portanto, não existia uma carreira esportiva, tendo como referência

os conceitos apresentados no referencial teórico dessa tese, por autores como Coutinho (2009), Kilimnik (2000) e Noronha e Ambiel (2006). Contudo, Rúbio (2002) apresenta que com o desenvolvimento do capitalismo, em meados da década de 80, o esporte passa a chamar a atenção do Estado e das pessoas de maneira geral por se tratar de um “espetáculo” lucrativo.

A partir de então, o esporte mudou de perspectiva, e a carreira esportiva, como apresentada por Tenenbaum e Eklund (2007), organizada com objetivos bem marcados e desenvolvimento a partir da prática e do alcance de bons resultados, passou a ser aceita, desenvolvida e estimulada. Dessa forma, pode-se inferir que a carreira esportiva, tal como conhecemos atualmente, surgiu a partir de um momento em que o esporte ainda não era considerado profissional, momento do qual alguns sujeitos dessa pesquisa fizeram parte, alguns do esporte não profissional, outros passando pela transição, e finalmente alguns do esporte profissional. Esse último grupo já seguindo o modelo de países como os Estados Unidos e países da Europa, nos quais o esporte já é tratado como profissão desde meados do século XX (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2014), salvas as proporções da valorização dessa profissão no Brasil e nesses outros países, uma vez que é sabido e vem sendo discutida no âmbito dessa tese, a precarização da profissão de atleta no Brasil, a partir dos diversos aspectos até aqui destacados.

Seguindo o preceito de que o esporte no Brasil carece de apoio e reconhecimento social e do Estado, mais uma vez se destaca a influência da família na carreira esportiva, aspecto este, comum a outras carreiras como apresentado por Savioli (1991), quando esse discute que a carreira envolve autoconhecimento de experiências pessoais relacionados a habilidades e comportamentos que visam o alcance de objetivos de vida. A narrativa a seguir demonstra como, mesmo no esporte de alto rendimento, tratado como carreira

profissional, a percepção de familiares era de que esta atividade não se tratava de uma profissão.

Eu não tive incentivo nenhum, em casa era estímulo pra parar com isso e arrumar um emprego. (P3)

Relacionando os conceitos de carreira e de carreira esportiva, pode-se dizer que a diferença refere-se no reconhecimento social que é diferente em ambas as situações, uma vez que essas se assemelham nos demais aspectos. Por exemplo, Dutra (1996) conceitua a carreira como sequências de posições profissionais ocupadas ao longo da vida de uma pessoa que exerce diferentes trabalhos a partir da necessidade e do interesse dessa pessoa. Para Tenenbaum e Eklund (2007) a carreira esportiva também refere-se à prática voluntária, a fim de alcançar objetivos pessoais através de altos níveis de desempenho esportivo através do trabalho desenvolvido no esporte profissional, ou seja, como foi dito, a diferença está no reconhecimento social.

Ainda, quando somadas à retribuição financeira ou custeio que os ex-atletas recebiam, os mesmos consideravam marcantes as oportunidades que tiveram de participar de programas que contribuíssem para a sua formação futura, ou seja, sua formação acadêmica e vivência profissional, uma vez que por se tratar de um grupo seletivo na sua área de atuação, estavam expostos a novas técnicas e desenvolvimento contínuo. Tais oportunidades de vivenciar diferentes experiências a fim de se consolidar uma formação acadêmica e profissional são apresentadas por Dutra (2010), como determinantes no desenvolvimento de quaisquer carreiras.

[...] ele (o técnico) desenvolveu o seu próprio treinamento, ele não copiou de americano, não copiou de alemão, não copiou de italiano, nem de, de russo, nem de ninguém, ele criou uma metodologia do trabalho e usou eu como cobaia, nós fomos ratinhos de laboratório e só ganhamos com isso porque ninguém conhecia o que ele estava criando. E aí passei a treinar aqui nos Estados Unidos em 83 né, já na equipe. Aí eu, recebi esse convite e vim pra cá, comecei a treinar na universidade, treinava aqui, participei das

Olimpíadas de 84, 88, 92 e 96, e ai consequentemente acabei a carreira aqui nos Estados Unidos. (P1)

No sentido do desenvolvimento da carreira apresentado por Veloso e Dutra (2010), os participantes comentaram que por diversas vezes tiveram que reorganizar as suas vidas a fim de dar continuidade no crescimento como atleta profissional. Cada vez que se atingia um resultado, ou seja, subia degraus na carreira, novas possibilidades eram propostas a fim de se obter o ápice da atuação de cada um. Tais adaptações eram entendidas pelos ex-atletas como positivas e inerentes à carreira esportiva, uma vez que, como citado na narrativa anterior, fazer parte do desenvolvimento de uma metodologia inovadora de treinamento foi considerado pelo entrevistado como uma oportunidade fundamental na sua vida como atleta e posteriormente para a sua formação de técnico.

Para ter a possibilidade de desenvolver sua carreira esportiva, os entrevistados viam de forma positiva e entendiam como oportunidades as mudanças e adaptações que eram apresentadas a eles. Tal necessidade de mudanças é apresentada por Hall (2002), uma característica do desenvolvimento de carreiras, pelas quais a pessoa se vê diante de uma situação que a impele a buscar novos caminhos. Dessa forma, destaca-se mais uma característica comum entre carreira esportiva e os conceitos gerais de carreira. Algumas dessas situações são ilustradas nas narrativas a seguir.

E mudei pra cidade de São Paulo. Eu treinava em São Bernardo do Campo. Fiquei 1 ano fazendo isso, e de 1981 pra 82 me mudei de clube, . Ali eu fiquei até o final da minha carreira. Em 1982 eu fiz uma seletiva olímpica, e eu ganhei essa seletiva. (P2)

É, e aí voltei em 1984 pra seleção, e quando foi em 1984 que eu peguei a medalha olímpica, medalha de prata né, fiz uma final olímpica. (P2)

Neste sentido, um bom resultado, ou seja, uma vitória ou um pódio foi apresentado como preponderante no desenvolvimento da carreira esportiva, tanto no aspecto motivador quanto no de estabelecimento profissional, o que também é uma característica de outras carreiras, quando se considera o que foi apresentado por Chanlat (1995), ao discutir que a pessoa progride na carreira a partir de avaliações.

Considerando-se o alcance de um bom resultado como o alcance de uma meta, pode-se corroborar com a ideia de Samulski (2008) quando esse autor apresenta que metas alcançadas levam ao desenvolvimento da carreira. Atuar no alto rendimento significava, quando no auge da carreira, representar o país em eventos internacionais, estabelecendo-se como membro da Seleção Brasileira da sua modalidade. Dessa forma, obtendo o reconhecimento social que possivelmente foi grande responsável pelo processo de reconhecimento do atleta enquanto profissional, e conseqüentemente, da carreira esportiva como uma carreira de fato, uma vez que Guttman (1978) discute que o esporte profissional, quando sem o reconhecimento social, pode ser entendido como um “trabalho disfarçado e desmoralizante”.

Viajei muito né, Itália alguns campeonatos na Alemanha ai em 80 ai eu fui pras Olimpíadas em 80 foi em Moscou. Voltamos com as competições na Itália competindo, treinando na Itália ai participei de alguns campeonatos na Romênia na Hungria na Tchecoslováquia cheguei a ganhar algumas competições também lá, mas foi mais pra aprimorar resultados pra ir pra Olimpíada. (P3)

Como atleta na aeróbica, eu tive muito destaque com esse trio quando a gente começou a ir para campeonatos internacionais representando o Brasil. Foi super legal foi quando a gente foi depois de mais velha, né, que a gente foi pro Japão foi muito legal a recepção das pessoas, ficamos famosas no mundo todo. (P5)

Ser atleta profissional atuando no alto rendimento também significava abdicar de objetivos pessoais e, em alguns casos, da própria saúde física e psicológica, assim como apresentado por Dejours (2004), em se tratando do

desenvolvimento de quaisquer carreiras profissionais. No contexto esportivo, o destaque é para a presença do técnico como orientador ou direcionador neste processo de envolvimento com a atividade profissional, seja de forma positiva, o que ocorreu na maioria dos casos apresentados neste estudo, mas também negativas, como apresentado a seguir.

Hoje, analisando como técnica vendo tudo eu acho que foi exigido demais pra minha capacidade física, pros meus limites nos treinos eu não tive uma base muito boa pra fazer o que eu precisava fazer então meu técnico não era tão exigente durante o meu treinamento. Eu não acertava, eu acho que meu técnico quis que eu fizesse coisas além do que eu era capaz de fazer, então, eu acho que essa lesão veio por isso não por muito treino mais sim acho que por falta de preparação e falta de preparação psicológica pra fazer. (P5)

A narrativa acima apresentada evidencia a presença do técnico como orientador da carreira esportiva no alto rendimento. Ainda, a partir da orientação, estruturação e gestão do treinamento, os participantes do estudo apresentam vários aspectos positivos e motivadores durante a sua atuação como atletas profissionais.

Foram muitas coisas boas na aeróbica, a gente tinha menos de 18 anos ganhando de trios de homens mais velhos. No começo era eu e duas meninas e a gente era mais novas do que eles e a gente ganhava de homens mais velhos de vinte trinta anos de idade então o nosso incentivo era estar ganhando. (P5)

Daí a gente ficou até 2001 separadas, quando nossa técnica conversou com a gente e propôs que a gente voltasse para fazer trio. Aí foi nessa volta em 2001 que foi tudo muito mais assim gratificante, foi a vez que a gente conseguiu mais títulos foi quando em 2004 a gente ganhou o mundial, foi quando a gente ganhou todos os títulos de copa do mundo pan-americano e tal e a gente consolidou a nossa carreira.(P5)

Ao final da última narrativa se destaca o fato de que a entrevistada entende que as vitórias conquistadas foram importantes para consolidar a sua carreira de atleta, contudo, há que se ressaltar, que não são tais vitórias que

definem carreira. Tal definição parte de conceitos inerentes a pessoa, bem como a estruturação da sua atuação e prática profissional.

Além do papel do técnico na carreira dos atletas profissionais, destacam-se as organizações esportivas, uma vez que, segundo Brandão (2000), elas são responsáveis pela gestão de cada modalidade esportiva num contexto amplo, que quer dizer que, para fazer parte de uma seleção nacional, o atleta profissional está submetido a um clube que por sua vez submete-se a uma Federação ou Confederação nacional. O tópico seguinte tratará do papel das organizações esportivas no desenvolvimento das carreiras dos ex-atletas abordados neste estudo, e também do impacto causado por elas.

4.1.5 O papel das organizações esportivas

Muitas das decisões do atleta profissional no sentido de continuidade e desenvolvimento da sua carreira passam pelas organizações esportivas as quais estes estão vinculados. Tais organizações são o vínculo profissional do atleta, assim como em outras carreiras nas quais um funcionário é contratado por uma determinada empresa. Pensando nas similaridades e diferenças, de acordo com o que é discutido por Dimande (2010), nesses contextos, destacam-se alguns pontos, por exemplo, nas empresas há a presença de um gerente, nas organizações esportivas há o técnico ou diretor esportivo assumindo esse papel, nas empresas há um contrato de trabalho, nas organizações esportivas também há esse contrato, ou o contrato de trabalho é substituído pela filiação do atleta a um clube. A remuneração financeira nas empresas é encargo da própria organização, no esporte tal remuneração pode ser proveniente tanto de recursos das organizações esportivas quanto de patrocinadores ou até mesmo do governo. No caso do contrato de trabalho para o atleta, esse tem todos os seus direitos trabalhistas assegurados, quando não há contrato de trabalho e sim filiação, tais

direitos são negligenciados, ou seja, há precarização do trabalho do atleta. Neste sentido as narrativas a seguir apresentam a relação de vínculo profissional, no que diz respeito a remuneração financeira.

Comecei a procurar alguma coisa pro meu lado e obviamente abandona o atletismo, aí é, teve uma própria discussão dentro do meu clube e aí outro clube me convidou pra ir pra lá, aí eu fui, e um patrocinador com um incentivo financeiro já um pouco melhor que na época eu recebia 6 salários mínimos. (P3)

Frequentemente, os ex-atletas recebiam das organizações as quais eram vinculados o pagamento de benefícios para custeio de necessidades básicas e com grande ênfase o pagamento dos seus estudos. Os recursos para tal eram provenientes tanto das arrecadações das organizações esportivas, através das suas atividades, por exemplo, mensalidades de clube, escolinhas de esportes e eventos, dentre outros. Quanto através de contratos de patrocínio através dos quais os clubes ou as federações esportivas firmavam parcerias para utilização da sua imagem ou imagem das suas equipes (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2014), essa peculiaridade no que diz respeito à forma de pagamento ocorria, principalmente, em uma época na qual os atletas não poderiam receber *pro labore*, assim, tinham o pagamento convertido em outros benefícios. O que segundo Dimande (2010), também caracteriza uma profissão, tendo em vista que o autor propõe que essa caracterização refere-se a ter uma vida pública assumida em relação a uma atividade profissional, independentemente da forma de remuneração, o que era o caso dos ex-atletas.

[...] o clube pagava minha faculdade [...]. Eu tinha incentivo do meu clube no início, depois, em 1979, eu comecei a receber quando eles acharam que deveriam pagar alguma coisa pra faculdade. (P3)

A federação universitária pagava as despesas, alimentação, e tal e o nosso clube dava o alojamento. (P6)

Em 80 eu tava servindo e o treinador da cidade desfez a equipe e aí eu fui obrigado a sair de lá. Aí foi quando o diretor do clube conseguiu uma bolsa no Colégio Objetivo e arrumou pra que eu fosse pra Guarulhos. (P1)

As narrativas acima apresentam a preocupação dos participantes desse estudo com relação a sua formação acadêmica e educacional, uma vez que apresentam a sua decisão por fazer parte de uma organização em função dos benefícios concedidos neste sentido. Todos tiveram opções de desenvolver outras atividades que não o esporte, mas entenderam o mesmo como uma possibilidade de conseguir melhores oportunidades, tanto durante a carreira de atleta quanto após. Certamente tais “benefícios” foram preponderantes para o desenvolvimento da carreira esportiva, tendo em vista que parte dos entrevistados vinham de uma realidade de vulnerabilidade socioeconômica, dessa forma, puderam viver experiências e oportunidades que certamente não teriam a partir da sua realidade sem o esporte.

Assim, se evidencia novamente a preocupação que tais pessoas tiveram com a sua formação, aspecto este apresentado por Beschizza (2005) e Silva et al. (2012), como fundamental para o desenvolvimento da carreira, o que, nesse caso, refere-se à carreira após a atuação como atleta profissional, uma vez que o objeto de estudo dessa tese tem ênfase, também, no que foi desenvolvido após a carreira esportiva enquanto atletas profissionais, principalmente, ao se considerar que parte dos participantes viveu um momento do esporte no Brasil quando o esporte não era considerado uma profissão.

Foi também encargo das organizações esportivas, assumir a responsabilidade financeira sobre os atletas quando da participação de competições e eventos esportivos. Sendo este encargo muitas vezes entendido como benefício, contudo, considerá-lo desta forma é um contrassenso, uma vez que os atletas estavam, nessas viagens, representando o seu clube ou país, ou seja, viajando a trabalho. Dessa forma, tal entendimento passa a ser equivocado,

uma vez que, como Pires (2007) apresenta, as organizações são responsáveis pelo custeio das despesas do funcionário quando ele se encontra a representando em um evento.

Nosso clube sempre pagava as despesas de viagens, taxas, roupas, alimentação e tudo mais para participarmos das competições nacionais e internacionais. (P4)

Outro aspecto interessante era que as organizações esportivas, neste caso, o clube, em algumas situações custeavam despesas do então atleta para mantê-lo na sua equipe, a exemplo disso apresenta-se a narrativa abaixo. Sendo essa uma possibilidade de pagamento possível na época em que o entrevistado era atleta, mas que, contudo, ainda é uma prática desenvolvida atualmente.

Na verdade não que eles concordaram em paga minha faculdade eles viram a necessidade de paga minha faculdade se não tinha chance deu ir embora, então foi pra eu que não sáísse da equipe. (P3)

Uma peculiaridade do esporte profissional são as relações que se estabelecem entre os envolvidos. Na narrativa apresentada a seguir, o ex-atleta expressa sua relação de amizade com o seu técnico, o que, fazendo uma relação com um funcionário de uma empresa, seria o seu gerente ou chefe direto. No contexto organizacional, este tipo de relação pessoal, de acordo com os preceitos de Castel (2013), não ocorre, salvo raras exceções, como é apresentado por esse autor.

Nós ficamos amigos do técnico da seleção Universitária, aí o técnico arrumou pra eu e uns amigos treinar em Belo Horizonte, aí chegamos pra treina pelo Atlético Mineiro, que foi nosso clube que arrumou pra morar lá. (P6)

Ao finalizar a abordagem da carreira esportiva, alguns aspectos ficam evidenciados no que concerte às suas nuances e peculiaridades, no âmbito do grupo participante nesse estudo. Um primeiro ponto de destaque é com relação a carreira esportiva vivida há cerca de 30 anos atrás, no Brasil, por quatro dos seis

entrevistados. Nessa época, o esporte não era tido como uma forma de trabalho, sendo que os atletas não eram vistos como profissionais. Dessa forma, a carreira esportiva, nesse contexto, era considerada pela sociedade como prática esportiva, sem possibilidades de sustento ou desenvolvimento profissional. Apesar da opinião da sociedade da época, vivendo nesse contexto, os ex-atletas consideravam a sua atuação no esporte como uma carreira, mesmo sem gozar dos “benefícios” de outras profissões. Assim pode-se considerar que a carreira esportiva, àquela época, trata-se uma forma diferente de carreira, quando comparada a outras carreiras.

Pensando no contexto de o esporte não ser considerado um trabalho, e que, portanto, de acordo com os próprios entrevistados, não poderia ser remunerado, os ex-atletas recebiam outras formas de “pagamento”. Este era feito através de bolsas de estudo, auxílios alimentação, custeio de despesas de viagens, competições e para a prática, moradia, dentre outros. Tais formas de retribuição são, de acordo com as duas entrevistadas mais jovens, uma prática comum até os dias atuais. Nesse sentido, a diferença é que atualmente os atletas profissionais, normalmente têm a possibilidade de receber salários e de ter vínculos empregatícios, desde que o clube disponha de recursos, proveniente de rendas próprias ou contratos de patrocínio, mas que acima de tudo tenha o interesse para tal. Dessa forma, a carreira esportiva nos dias atuais se assemelha mais a outros tipos de carreira.

Outro aspecto de grande destaque é a presença do técnico em várias situações das vidas dos ex-atletas, tanto no contexto do esporte quanto fora dele. O técnico tem uma imagem muito marcante na vida desse grupo, agindo como um orientador e mentor na vida dos mesmos, direcionando e incentivando seus passos dentro do esporte e também no que se refere à formação acadêmica e vida pessoal. De acordo com as entrevistas, os técnicos eram responsáveis pelos atletas tanto no que diz respeito aos treinamentos, quanto no que concerne ao se

desenvolvimento emocional e cognitivo. A forma como isso ocorria não foi explicitada, somente que as coisas eram feitas dessa forma, essa relação era muitas vezes marcada pela confiança e senso de responsabilidade, muito parecida com uma relação paternalista. Isso devido ao fato de que, na maioria das narrativas, os técnicos demonstravam querer o desenvolvimento dos seus pupilos enquanto atletas e também enquanto pessoas.

Partindo do que foi até aqui levantado, o tópico a seguir trata das Transições da Carreira, tratando especificamente da finalização da Carreira Esportiva, e conseqüente, desenvolvimento da nova carreira, isto é, da carreira atual dos participantes do estudo.

4.2 As Transições na carreira

Esta categoria trata de aspectos relacionados às transições na carreira de atleta de alto rendimento ao longo desta fase, e que de forma estruturada ou não, produziram impactos na nova carreira. Trata também, especificamente, do fim da carreira de atleta de alto rendimento ou atleta profissional.

4.2.1 A construção de outros conhecimentos alheios à prática esportiva durante a carreira no alto rendimento

Um aspecto evidente e unanimemente presente nas narrativas dos participantes do estudo foi a construção e desenvolvimento de conhecimentos e também atividades, alheios à atividade de atleta durante a sua carreira esportiva. Para esse grupo de pessoas, paralelamente à carreira de atleta profissional foram desenvolvidas atividades acadêmicas e profissionais, a partir do interesse de continuidade profissional, como é proposto por Quishida (2007), em se tratando de formação contínua, seja por iniciativa própria, estímulo dos treinadores ou

família, apoio de organização esportiva ou pela associação dos fatores destacados.

Eu sempre gostei de estudar, fui bem na escola, e nunca dei problema pra escola. Quanto as minhas viagens, eu acho que por gostar de estudar, então eu queria alguma coisa que fosse ligada com atividade física e eu escolhi fazer Educação Física, né. E como eu não tinha condição de pagar faculdade eu tive que entrar em uma faculdade pública e aí eu entrei na USP. (P2)

Como apresentado pelo entrevistado, os estudos sempre fizeram parte da sua vida e formação, dessa forma, o valor atribuído aos estudos era algo praticamente natural, aspecto que Hall (1986), apresenta como fundamental na construção da carreira. O P2 apresenta também que a escolha pela área Educação Física, se deu por afinidade o que certamente foi influenciado pela sua atuação enquanto atleta profissional. Tal escolha também foi destacada por P5 e pode ser observada na narrativa abaixo.

Vou fazer Educação Física, vou fazer Esporte, porque eu quero ser técnica vou ser técnica de seleção então coisas que jovem sempre sonha alto né. Eu tenho hoje um conflito grande comigo porque eu ainda penso muito como atleta eu acho, então eu espero que as meninas tenham a reação que eu teria e isso é bem difícil. (P5)

Seja qual tenha sido a escolha, também é apresentado na narrativa abaixo, partiu de cada um dos entrevistados o interesse em ter uma formação acadêmica em nível superior, aspecto que é discutido por Veloso e Dutra (2010) como importante na construção da carreira, uma vez que a formação é vista como um processo contínuo e responsável pelas transições nas carreiras.

Partiu de mim, tanto que a, a primeira faculdade que eu fiz a escolha foi minha. (P1)

Quase todos os entrevistados se graduaram em Educação Física ou Esporte, sendo que apenas um deles optou por outra área. Tal escolha, provavelmente seja devida ao tempo de dedicação e envolvimento com o esporte

pelos ex-atletas, uma vez que, como Samulski (2008) apresenta no que se refere a construção de carreiras, o meio em que a pessoa vive é um grande influenciador.

Aí eu entrei na faculdade em São Paulo. Quando eu tava com 20 anos eu vim pra São Paulo fazer Educação Física. (P2)

Sou formado em Jornalismo e Marketing aqui nos Estados Unidos e fiz a terceira faculdade em Educação Física no Brasil. (P1)

Foi opção minha, desde sempre, sempre quis fazer Educação Física, não, não importava o que vinha depois, eu queria porque queria fazer Educação Física, quando eu tava na oitava série eu já tinha escolhido, eu não sabia também ao decorrer da minha vida, é, a partir daquele momento, mas, eu sempre quis. (P4)

Para a maioria dos ex-atletas, a formação acadêmica foi uma forma de capacitá-los a atuar como técnicos das modalidades que praticavam, bem como de legitimar tal atuação profissional. Mesmo que inicialmente ainda atuassem como atletas, já começaram a assumir o papel de técnicos, essa transição de atleta de alto rendimento para técnico é apresentada como uma possibilidade “natural” por Samulski (2008).

Na época como atleta em 85, 84 eu já estava atuando como técnico né, eu era técnico duma associação acadêmica que era politécnica na USP eu era técnico da equipe da poli, equipe de universitários. (P3)

Acho que eu queria ser mesmo técnica e durante o tempo que eu fiquei de atleta e técnica ao mesmo tempo era muito complicado porque eu não conseguia nem me dedicar muito em uma coisa nem em outra. (P5)

Apesar da preocupação em se construir uma formação para depois da carreira no alto rendimento, atuando como atleta profissional, nos momentos de escolha e transição durante a carreira de atleta, a decisão tinha sempre a ênfase

nos objetivos relacionados ao esporte. Pensando nesse contexto, destaca-se a narrativa da entrevistada P5, que diz “[...] fiquei de atleta e técnica ao mesmo tempo”, isso devido a que durante o processo de transição ela acabou assumindo duas funções. Primeiro por não se sentir preparada para parar como atleta, e segundo por já estar se formando para atuar como técnica. Tal decisão também se aplicou quando deveria se priorizar qual atividade enfatizar nos momentos em que o tempo era escasso, e também, a dedicação deveria totalmente focada no esporte, o que corrobora com os preceitos de Ericsson et al. (2006), que apresenta a necessidade de uma prática totalmente focada nos objetivos e desenvolvida exaustivamente por várias horas de dedicação.

Mas sempre foi assim né, sempre estudei. Mesmo no ano quando eu fui pras Olimpíadas eu parei seis meses só, tranquei a matrícula e depois voltei. (P2)

Comecei a faculdade, foi quando eu abandonei o balé, abandonei a capoeira, e fiquei só com a aeróbica. E aí, uns bons dez anos só com a aeróbica, porque eu estudando e treinando a ginástica aeróbica já era uma dedicação muito grande e que me ocupava completamente. (P4)

Eu fui técnica durante um tempo, trabalhei onde eu treinava. E, só que aí eu sai, porque eu continuava treinando, então passava o dia inteiro lá, eu ficava eu treinava e trabalhava. Então, tava meio confuso aí eu acabei saindo para não me atrapalhar como atleta. (P4)

As opiniões dos entrevistados foram antagonistas no que se refere a dificuldade ou não em se associar a atividade de atleta profissional com a atividade acadêmica e/ou de formação complementar. Por se tratar de uma carreira que necessitava de grande tempo e dedicação, o esporte profissional, o que no contexto dos entrevistados significava fazer parte das seleções nacionais das suas modalidades, ter vínculo com uma organização esportiva, ter renda financeira através da prática esportiva, ter sua atuação de atleta reconhecida socialmente. Nesse sentido o esporte impunha aos seus praticantes uma carga

horária de treino muito elevada, além das viagens e demais atividades envolvidas.

Na narrativa a seguir fica claro o momento, já citado e discutido, em que o esporte não era tratado como profissão, sendo que o ex-atleta precisava de atividades para complementar a sua renda e, portanto, tinha dificuldades em conciliar as situações que vivia, ou seja, esporte, estudo e trabalho.

Eu precisava trabalhar, em 79 eu me alistei no exercito é eu entrei no exercito e lá tinha um salário era um salário pequeno, e eu entrei na faculdade. Então eu entrei no exercito em 79 no comecinho e logo depois eu entrei na faculdade, na verdade eu acho que entrei na faculdade, em 80. Foi um período difícil porque tinha que ter tempo para tudo (P3)

A partir das narrativas a seguir pode-se perceber momentos de dificuldade em relação a conciliar esporte e estudo, mas contudo, fica marcada a importância de ambos atribuída pelos ex-atletas, considerando que eles não abdicaram de nenhuma delas. Oltramari (2008) discute que na construção da carreira há momentos de investimento que se apresenta de forma atribulada, tal discussão se aplica nessa situação e em ambos os contextos.

Quando eu entrei na faculdade era tranquilo porque eu aprendi a aprender e aprendi a ensinar. O ensino médio me ajudou bastante a aprender a ser humilde então eu tive uma experiência muito grande com as viagens fui atleta internacional esses tipos de compromisso. (P3)

Foi uma época bem puxada também, porque eu fazia faculdade de manhã e ai, eu saía direto da faculdade e ia pro treino, treinava até o comecinho da noite. (P4)

Como apresentado no início deste tópico, todos os participantes do estudo, tiveram a oportunidade ou viram a necessidade de ter uma formação acadêmica. Todos tinham conhecimento de que a carreira de atleta profissional era uma carreira curta (BARATA, 2011), e que por este motivo, deveriam

continuar a atuar profissionalmente, seja em atividades relacionadas ao esporte, ou não. Durante a sua prática o esporte era tratado como profissão, mas todos sabiam que essa carreira se encerraria enquanto eles ainda estivessem jovens e que, portanto, eles deveriam, a exemplo de outros ex-atletas, desenvolver uma nova carreira.

A narrativa abaixo trata da transição final na carreira de atleta profissional de um dos entrevistados, culminando com o fim dela e o início de uma nova carreira após o esporte de alto rendimento. Tal narrativa foi incluída para apresentar este momento de construção de uma carreira paralelamente ao desenvolvimento da anterior, contudo, a finalização da carreira de atleta profissional será abordada no item 4.2.4.

É não foi fácil não porque, já começa que o trabalho que eu consegui na época que fiz o concurso, entrei pra secretaria da agricultura, foi no interior do triangulo mineiro, cidadezinha muito pequena, eu comecei a trabalhar em janeiro, em dezembro eu participei de um Campeonato Sul Americano, eu terminei no fim do auge da carreira mesmo, tive que parar. Aí fiquei trabalhando quatro anos, surgiu a ideia de fazer mestrado, ainda deu chance de eu continua um pouquinho, poder fazer mais esporte né, mas foi acabando.
(P6)

Como foi até aqui discutido, a construção de uma nova carreira ocorreu, para os sujeitos dessa pesquisa de forma paralela ao desenvolvimento da carreira de atleta de alto rendimento. Esse aspecto foi comum aos participantes do estudo, dessa forma podendo ser considerado peculiar ao esporte neste nível e especificamente no contexto dos entrevistados. Partindo desse ponto, o tópico a seguir apresenta os impactos gerados pelas transições nas vidas pessoais e profissionais dessas pessoas.

4.2.2 Impactos das transições na vida pessoal e profissional

Como apresentado por Oltramari (2008), transições na carreira geram impactos, tanto na vida profissional, quanto na vida pessoal dos indivíduos. Tais impactos são responsáveis pelas escolhas tomadas e caminhos a serem seguidos a fim de alcançar os objetivos propostos para desenvolver a carreira da melhor maneira possível. A família se destacou como marcante nas escolhas dos entrevistados, bem como na forma como as suas carreiras foram conduzidas e as escolhas foram feitas.

Mas parece que quando a minha família vinha me visitar, de vez em quando, eu sentia que tinha que dar atenção pra eles, pensar mais em ficar com eles. Aí eu comecei a ser treinador, pra não criar problema com ninguém fui fazer o curso de Educação Física, assim poderia passar mais tempo com meus filhos. (P1)

Como apresentado na narrativa acima, tal como em qualquer carreira, como é discutido por Scholssberg, Waters e Goodman (1995), em alguns momentos os ex-atletas encontraram incompatibilidades para conciliar a vida de atleta e a relação com a sua família, ou seja, relacionar carreira e família. Dessa forma eles tiveram que considerar suas escolhas como decisivas para a sua carreira esportiva.

A partir das escolhas feitas, os ex-atletas apresentaram o estabelecimento de objetivos, ou metas, como sendo um fator preponderante na vida de um atleta profissional. Segundo os entrevistados, traçar objetivos significava estabelecer um plano de trabalho que vai ao encontro de uma forte característica do atleta de alto rendimento, que é a competitividade (SAMULSKI, 2008; TENENBAUM; EKLUND, 2007).

O atleta de alto nível sempre tem que ter um objetivo. Ele tem que traçar um objetivo se não se ele não traça o objetivo ele não consegue desempenhar, ele é sempre competitivo a vida dele é competitiva se você pega ele e colocar num lugar que

ele não é mais competitivo que ele é vice você acaba com uma pessoa dessas. (P3)

Ainda nesse contexto, associado ao estabelecimento de metas, está o planejamento, tanto da carreira esportiva tanto do que vem depois. Ou seja, pensar na nova carreira após o esporte de alto rendimento, aspecto que foi tratado no tópico anterior, quando se apresentou a importância da formação acadêmica, e que tem relação direta com as transições na carreira e seus impactos na vida das pessoas.

Eu tenho falado com os meus atletas, que a carreira de atleta é uma carreira muito curta, mas o que envolve essa carreira é que ela não dura pra sempre. É a questão de estudar, de se preparar pra tudo que vem. O que eu gostaria de ter feito eu fiz, e tudo o que eu planejei na minha carreira eu cheguei até onde eu poderia de chegar. Eu não deixei nada de fazer pra poder chegar onde eu cheguei. E muitos dos nossos atletas, qualquer coisinha que aparece já começa a desistir, então, eu sempre tô puxando eles né. Quando você escolhe seu objetivo, é só correr atrás que você consegue chegar. (P2)

Com objetivos alcançados, os ex-atletas adaptaram suas vidas pessoais e profissionais a nova realidade que era imposta em cada transição, devendo adequar-se a elas, o que corrobora com o estudo desenvolvido por Marques e Samulski (2009). No estudo citado, os autores propõem que alcançar objetivos, ou metas propostas, significa dar um passo além no seu desenvolvimento, levando à necessidade de se desenvolver estratégias de adaptação tanto pessoais, quanto familiar, por exemplo, ao ser contratado por um clube em outra cidade o atleta deve se mudar, e a partir de então, adaptar sua vida pessoal e familiar, nesse sentido.

No que diz respeito aos participantes desta pesquisa, o foco foi mantido e a obtenção do êxito veio como resultado, aspecto que corrobora com as pesquisas sobre gerenciamento de carreiras apresentada por Dutra (2002), esse autor discute que o foco nos objetivos é essencial para o alcance do êxito no

desenvolvimento da carreira. Os trechos a seguir exemplificam o êxito alcançado por P1 a partir do desenvolvimento de um trabalho focado em seus objetivos em relação a sua carreira e formação acadêmica.

Voltei aqui pros Estados Unidos já com a condição de técnico trabalhando, treinando e hoje sou técnico. (P1)

Para o entrevistado, ser técnico e atuar na preparação física, em diferentes modalidades, foi um objetivo buscado e alcançado, bem como significa uma nova carreira.

Hoje eu trabalho no esporte na parte de alto rendimento, então eu tenho atleta de basquetebol, de beisebol, de futebol americano e tênis, eu trabalho com o condicionamento desse alto nível. (P1)

Novamente, a percepção dos ex-atletas em relação às transições vividas ao longo da sua carreira e entre as carreiras de atleta e a carreira posterior, tiveram seus impactos sentidos de formas diferentes. Esse aspecto é totalmente compreensível, uma vez que se trata de pessoas com características distintas de vida, personalidade, realidades socioculturais, no âmbito desse estudo houve grande diversidade de participantes no que concerne a tais características, além dos demais aspectos intrínsecos e extrínsecos, como apresentado por Balassiano, Ventura e Fontes Filho (2004). As narrativas seguintes apresentam como essas transições foram sentidas e absorvidas pelos participantes desse estudo.

Entrar no mercado de trabalho pra mim foi como participar de uma competição, foi como entrar na faculdade, não tive muita dificuldade não, a transição do estudante ou do esportista pro profissional pra mim não tive dificuldade. Agora também na carreira acadêmica como professor e pesquisador eu não tive dificuldade não, muito pelo contrario, as experiências que eu tive como ex-atleta me trouxeram bastante coragem e foco. (P3)

Como apresentado no início da narrativa, o entrevistado demonstra que encarou o novo, entrar para o mercado de trabalho, como algo conhecido, participar de uma competição. Dessa forma o ex-atleta transferiu de forma positiva a experiência vivida enquanto atleta para a sua nova carreira.

Não foi fácil a transição não, eu tava acostumado naquele ritmo de treinamento, de preparo físico, cê não tinha cansaço, não tinha aquilo você tava cansado treinava de manha a tarde deitava a noite, dormia duas três horas, de sono, parecia que já levantava inteiro de novo não tinha, mas na parte de enfrentar o trabalho foi fácil porque eu já tava acostumado com as dificuldades do esporte. (P6)

O importante a se destacar em ambas as situações acima apresentadas é que todos os entrevistados disseram que o esporte os preparou física e psicologicamente para qualquer outro desafio que vieram a enfrentar, tendo em vista as rotinas impostas pelo esporte de alto rendimento, além das demandas físicas e psicológicas inerentes ao mesmo. Tal fator de destaque foi apresentado por Samulski (2008) em suas pesquisas sobre a personalidade dos atletas de alto rendimento, nas quais o autor apresenta que o atleta desse nível tem um bom desenvolvimento de suas habilidades psicológicas, por exemplo, concentração, foco, motivação e controle do estresse, em função das pressões sofridas e impostas por treinamentos e competições.

O próximo tópico trata das orientações que os participantes do estudo receberam ou não para as transições que viveram em suas carreiras.

4.2.3 Orientações para as transições na carreira

Como já apresentado, a formação acadêmica foi de suma importância, desenvolvida durante a carreira esportiva de alto rendimento. Era correto que tal formação ocorresse nesta época, uma vez que, como visto, o esporte de alto

rendimento se inicia na infância e se desenvolve na mesma fase que a idade escolar (NUNOMURA; TSUKAMOTO, 2009). O importante de se destacar é quem foram as pessoas responsáveis e incentivadoras de que o estudo ocorresse juntamente com o esporte, tendo em vista que muitas vezes o senso comum ignora tal aspecto.

O meu técnico nunca aceitou que um atleta não estudasse. (P1)

Eu tive incentivo sim dos técnicos né, porque o meu técnico, eu na época ia fazer um curso técnico que foi né, do colégio pra arruma um emprego ele falou, não faz uma faculdade imagina que você vai fazer curso técnico, você tem que fazer na universidade e ter uma formação universitária isso é importante. Isso foi estímulo dele em casa eu não tive estímulo não em casa eu tive estímulo dentro do esporte, em casa só que me estímulo foi minha irmã e o marido dela que na época era namorado. (P3)

Com relação a este tipo de orientação, como apresentado acima, a ênfase estava tanto no treinador, pessoa unânime neste sentido e também nos familiares, que em grande parte das entrevistas foram destacados como presentes nesta orientação.

Além da orientação direta e instrumental, ou seja, a orientação prática e com uma definição clara e objetiva, destaca-se a influência indireta de terceiros para o desenvolvimento da carreira. As narrativas abaixo apresentam a influência da hereditariedade do ofício apresentada por Maciel e Moraes (2008) e também por Marques e Samulski (2009), seja esta exercida pelo próprio pai ou por interesses pessoais sentidos pelo meio familiar da pessoa.

Como eu fazia esporte, meus colegas perguntavam “a porque você não estuda educação física?!”, Mas como eu sou filho de fazendeiro, meu técnico mesmo falava que pra mim era mais interessante eu seguir uma profissão nessa área. E aí estudei e comecei a trabalhar com veterinária, trabalhei a vida inteira até aposenta, trabalhava na secretaria de agricultura. (P6)

Como visto, as orientações tiveram grande influência nas escolhas dos ex-atletas, principalmente no que diz respeito a continuidade dos estudos juntamente com a carreira esportiva. A partir disso, no próximo tópico são abordados os motivos e as consequências do fim da carreira de atleta profissional na vida dos ex-atletas, tais aspectos que veem a significar o final de um ciclo e a continuidade de outro, uma vez que a “nova” carreira não surge de forma espontânea após o término da primeira.

4.2.4 Finalizando a carreira de atleta profissional: motivos e consequências

Tomar a decisão de finalizar a carreira esportiva não foi uma tarefa fácil para nenhum dos entrevistados. Apesar de ser uma consequência natural dessa carreira, tendo em vista a característica de ser uma carreira curta (TSUKAMOTO; NUNOMURA, 2005), todos os ex-atletas mostraram-se resistentes em quando tomar tal decisão.

Na verdade eu vinha tentando para desde 2008 e aí eu só consegui parar em 2012. Acho que eu cansei mesmo de treinar de competir, quis me dedicar a uma coisa só como técnica né. Que eu tava bem cansada era bem desgastante. (P5)

Neste sentido, o desgaste físico e psicológico foram fatores preponderantes na tomada de decisão em parar de ser atleta e se dedicar a uma nova carreira. Tais desgastes são uma característica marcante do esporte, tendo em vista que os atletas expõem o seu corpo a condições extremas de exigências físicas e psicológicas, como é discutido por Ericsson (2003), sendo essa uma peculiaridade da carreira esportiva no que diz respeito a aposentadoria de atletas profissionais.

A partir da narrativa a seguir, fica claro a questão do desgaste corporal acumulado por anos de prática esportiva. No contexto do entrevistado P2, fica

evidenciada a vontade de encerrar a carreira de atleta, que ao se associar a uma lesão, culminou no término da carreira.

Quando tava com 35 anos já tinha chegado no auge e estava pensando em parar, aí eu tava fazendo uma luta e o cara caiu em cima do meu ombro e eu tive uma fratura no ombro. Foi quando eu parei com a luta com 35 anos. (P2)

Na narrativa abaixo se destaca o momento de transição vivido por P5, que ao mesmo tempo em que queria encerrar a sua carreira de atleta, apresentava o interesse em desenvolver uma nova carreira como técnica. Para Samulski (2008), tais momentos são marcantes e decisivos na vida de um atleta, uma vez que a opção de encerrar a carreira traz uma mudança significativa a sua vida.

Eu tinha vontade de parar porque eu já tava com o corpo cansado né e também porque eu queria me dedicar à carreira de técnica. (P5)

Tomada a decisão de interromper a carreira esportiva como atleta de alto rendimento, o momento de fazê-lo foi comum a todos os participantes do estudo. Esta decisão foi a de parar no auge da carreira, ou como apresentado por Samulski (2009), parar quando todos ou grande parte dos objetivos tivessem sido alcançados, o que pode ser considerado por Pahl (1997), como o sucesso. Contudo, esse autor questiona a noção de sucesso em nossa sociedade e também aborda o “depois do sucesso”, ou seja, a necessidade que a sociedade hoje impõe às pessoas de sempre estar correndo para bater metas, se superar e de nunca estar satisfeitas com aquilo que conseguem. Tal aspecto fica evidente no caso dos atletas que acabam sendo obrigados a isso, visto que o esporte muitas vezes, não proporciona condições de aposentadoria e rendimentos suficientes para que não tenham que continuar buscando esse sucesso sem fim.

Nunca tiveram na história do meu esporte uma pessoa ficar nove anos consecutivos de campeã do mundo. Eu fui considerado um dos atletas que mais conseguiu participar desses eventos. E parei. (P1)

A narrativa acima evidencia os questionamentos de Pahl (1997), tendo em vista que P1, considerado um ícone da sua modalidade, não foi tão valorizado como deveria no Brasil e, portanto, se mudou para outro país, onde vive e construiu sua carreira após o esporte.

Prestei seletiva pra campeonatos mundiais, campeonatos sul-americanos também, fui campeão em vários e daí quando já tava com 35 anos, e acabei a carreira. (P2)

Eu não quero que minha carreira termine eu perdendo, E aí, minha técnica falou pra continuar e depois disso, eu ganhei mais um mundial. Daí depois disso eu falei, não, agora eu vou parar, não dá mais, não tem condições, já era uma coisa que eu tava preparando o pessoal, até minha família já sabia que eu tava preparada. Eu já tava com outras intenções profissionais, eu ia me casar também, eu ia ter que dar atenção pra outra vida, pro meu marido, então são umas coisas, são focos diferentes da vida, mas enfim, eu tava preparando todo mundo. (P4)

Como apresentado na narrativa acima, a decisão de parar não foi uma escolha que não afetou somente o então atleta, mas todas as pessoas a sua volta, desde seus colegas de equipe, uma vez que os demais dependiam de P4, como também seu noivo e família, uma vez que deixar a carreira esportiva mudaria suas decisões pessoais e prioridades. Talvez por isso, em todos os casos, esta decisão tenha sido dificultada, além da necessidade financeira, vontade e amor da própria pessoa pela carreira esportiva, tais aspectos são tratados no estudo de Salmela e Moraes (2003) como influenciadores.

Finalmente, a consequência ou mesmo causa da finalização da carreira esportiva tinha como motivo a necessidade financeira, uma vez que, em um determinado momento, todos se viram diante de uma situação na qual não renderiam mais como atletas e ainda eram muito jovens e precisavam de outra forma de sustento. A partir de tal aspecto emerge uma grande lacuna no que diz respeito a carreira esportiva, tendo em vista que essa, após toda dedicação por

parte dos atletas, não garante a eles uma aposentadoria, como em outras carreiras, o que, no segundo caso, é apresentado por Costa e Soares (2009). O que é apresentado com relação a aposentadoria, refere-se a idade em que se pode solicitar tal benefício, como determinado pelo INSS (INSTITUTO BRASILEIRO DE SEGURIDADE SOCIAL, 2013), associada ao tempo de contribuição formal. No caso dos atletas, muitas vezes não há tal contribuição, e em praticamente todos os casos, a aposentadoria como atleta não ocorre na idade em que se pode aposentar no Brasil (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013). Dessa forma a carreira esportiva é prejudicada no sentido da aposentadoria, sendo um momento de tranquilidade apenas para aqueles atletas que conseguiram fazer uma boa reserva financeira.

As narrativas abaixo apresentam a necessidade dos ex-atletas em construir uma nova carreira após a de atleta profissional, comparando o contexto da sua época com os dias atuais.

Foi uma luta até formar, em 71, ai não teve mais jeito, tive que parar para trabalhar, não tinha essa facilidade que tem hoje, de o pessoal ganhar dinheiro com o esporte né, na época o máximo que a gente ganhava é um alojamento assim precário, mas dinheiro mesmo não ganhava. Realmente foi triste, de larga né. (P6)

Encerrei minha carreira nesse tri campeonato, mas ainda era jovem, tinha 35. E a partir daí eu continuei trabalhando com judô, pra dar aula. (P2)

Tomada a decisão de parar, ainda assim, era necessário um rearranjo, pessoal e profissional, uma vez que vários anos foram dedicados a carreira até então desenvolvida, como é discutido por Costa e Soares (2009) quando abordado o contexto da aposentadoria de uma forma geral. Isso porque esses autores abordam que as pessoas estão acostumadas com as tarefas que desempenham, assim apresentam grandes dificuldades nesse momento de transição na vida.

Então agora a gente tem que rever os conceitos, pensar em outras coisas, porque querendo ou não, como atleta a gente ganhou a bolsa-atleta, a gente tinha uma ajuda do clube em relação a viagem e tal, e daí, parando essa vida de atleta, a gente tinha que suprir com outras coisas né, e foi quando a gente optou mesmo. Decidimos, a partir de agora vamos montar nossa escola, aí foi questão de cinco meses. (P4)

Ao encerrar esta sessão, o que se destaca é que, em consonância com o que apresentado por Samulski (2008), a carreira esportiva foi fundamental para o desenvolvimento pessoal e profissional das pessoas estudadas, gerando impactos marcantes na construção da nova carreira, uma vez que influenciaram o desenvolvimento das suas habilidades psicológicas, como anteriormente discutido. Esse tema será abordado em profundidade na sessão seguinte.

4.3 A Construção da “nova” carreira

Esta categoria trata especificamente de aspectos relacionados às transições entre carreira de atleta de alto rendimento, ou atleta profissional, e a construção da nova carreira após esta etapa, considerando-se aspectos pessoais e profissionais, bem como os seus impactos, motivos e repercussões.

4.3.1 Influências externas na construção da carreira após o esporte de alto rendimento

Como apresentado até aqui, a construção da carreira esportiva foi carregada de influências externas, seja ela de familiares, técnicos, organizações esportivas e colegas de equipe. Durante a atuação como atleta de alto rendimento, os participantes da pesquisa apresentaram que foram construindo uma formação paralela que seria decisiva em sua atuação posterior. Neste

sentido, apresentam-se narrativas que demonstram diferentes influências externas na construção da carreira após terem atuado como atletas profissionais.

Tive a influência positiva muito grande de alguns treinadores na minha carreira que também influenciou no que eu ia fazer depois de ser atleta. (P1)

Eu considero decisiva a influência dos meus professores e técnicos na minha carreira de atleta e também agora. (P2)

A influência dos pais e irmãos teve um papel marcante na construção da carreira após o esporte de alto rendimento. Mesmo que de forma inconsciente estes influenciadores sabiam da necessidade de se construir uma formação mais duradoura, uma vez que a carreira esportiva é curta (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013).

A minha mãe era muito humilde, meu pai largou ela eu tinha 8 anos de idade, passava por dificuldade, então a minha mãe era uma pessoa que sempre praticou esporte e sempre incentivou a gente a praticar pra ter mais chances na vida. (P1)

Pode-se perceber o valor ao esporte que a mãe de P1 atribuiu como uma chance de melhores condições de futuro, esse valor é atribuído subjetivamente, de acordo com o que se considera relevante, como é apresentado por Kotler (2000). Na narrativa abaixo o pai de P2, praticante da modalidade e incentivador de seu filho, apresenta a necessidade de se buscar uma formação especializada, a fim de buscar continuidade na carreira.

Meu pai ele era bancário. Ele não era professor de judô exclusivo né? Então chegou uma hora ele pediu pra procurar uma pessoa que fosse mais aprofundada no judô pra eu seguir a carreira. (P2)

Mais uma vez, a narrativa abaixo apresenta a influência da família a partir do que se considera como uma influência, ou meio positivo na formação de seus filhos.

Minha mãe sempre gostou do esporte e influenciou a gente nesse sentido né, ela levava, ela gostava também, a gente

nunca faltava, tudo que era apresentação a gente participava, campeonato a gente participava, e meus pais sempre gostaram muito, então, eu não me via fazendo outra coisa, a não ser algo relacionado a dança, ginástica e se não eu ia ficar completamente estranha, diferente, do que eu era, completamente estranho, então eu escolhi a Educação Física como profissão e eles me apoiaram. (P4)

Em se tratando dos ex-atletas mais velhos, que viveram uma fase em que o esporte não era considerado um trabalho, ter um retorno financeiro era ainda menor do que nos dias atuais, repetidamente a sua atuação era entendida como ocupação, o que de acordo com Brandão (2000) deixava de atender aos conceitos que caracterizam o que é uma profissão. Desta forma, estes ex-atletas eram cobrados no sentido de ter um trabalho, sendo que neste contexto, tais pessoas não entendiam o esporte profissional como tal.

Meu irmão me levou pra cidade de Lins pra mim treinar porque ele queria que eu ganhasse certificações pra eu arrumar emprego pra trabalhar e não pra fazer esporte, porque ele achava que esporte não ia da nada, se não jogava futebol então não tinha que fazer mais nada.(P1)

Meu pai tentou me tirar, mas lógico ele não tentou na maldade, ele tentou no intuito porque qualquer cidadão tinha que trabalhar, ele dizia que eu tinha que fazer uma faculdade, estudar e trabalhar. Atletismo não era o caminho. (P3)

Ainda que a ideia inicial fosse de que o esporte não era um trabalho, após compreender o que este significava, o apoio a carreira esportiva passava a existir e segundo os ex-atletas, perdurava até o final das suas carreiras. Desta forma, fica claro que havia um conceito preestabelecido sobre o esporte como profissão que deixava de existir a partir do conhecimento sobre o mesmo. Tais aspectos são coerentes com o que é apresentado por Brohm (1993) e Dimande (2010), uma vez que os autores propõem que uma atividade passa a ser considerada como trabalho a partir do seu reconhecimento social.

Teve uma época que meu irmão mais velho tentou me tirar do time, porque ele achava que eu tinha que trabalhar, ele não entendia que o treinamento, puxando pneus no sol era uma coisa importante para o esporte, daí meu técnico chegou e explicou pra ele sem saber que era meu irmão, aí ele entendeu e depois começou a me apoiar. (P1)

De qualquer maneira é importante destacar que as influências eram sempre no sentido de estimular uma formação concisa, que oportunizasse futuras possibilidades profissionais aos então atletas em formação, o que fica claro nas narrativas a seguir.

Já que você vai estudar então você pode ir, ela só entendia que eu tinha que continuar estudando. (P1)

Minha mãe sempre dizia que se eu tivesse algum problema, que não dê certo, que a casa dela tava aberta que eu podia voltar a qualquer momento. Mas quando eu saí de casa pra treinar eu saí com, com certeza que não ia voltar não. (P1)

A influência dos técnicos também na futura carreira foi determinante, mesmo que de forma indireta ou direta, uma vez que não é possível afirmar pelo fato dos técnicos não terem sido abordados neste estudo. Essas pessoas desenvolveram nos ex-atletas características como comprometimento, autoconfiança, capacidade de trabalho em equipe e organização apresentadas por Toni (2003) e Pires (2007) como fundamentais para o mercado de trabalho em atuação nas mais diversas organizações e contextos profissionais.

Meu primeiro técnico ele conseguiu com a simplicidade dele criar a gente com um ideal unido, com uma forma é, é simples, humilde, mas bem objetivo, mas numa capacidade de conhecimento, de treinamento ali naquela base muito grande, que serviu para a vida toda. (P1)~

Ele (o técnico) nos ensinou muito, foi um acordo com a gente de que temos que apresentar pro técnico o feedback, dar a ele respostas e o treinamento do qual ele criava. (P1)

Fazer parte do processo de elaboração e desenvolvimento do treinamento, quando já estava no alto rendimento, como proposto por Salmela e Moraes (2003), foi um grande estímulo ao desenvolvimento de capacidades fundamentais para a construção da carreira futura. Tais aspectos foram apresentados acima por Toni (2003) e Pires (2007) como características desejáveis pelo mercado de trabalho.

Como pode ser visto a partir da narrativa abaixo, as influências do esporte foram tão marcantes na carreira futura, que o entrevistado as define como um mundo vivido. Ou seja, a sua atuação na carreira esportiva passa a ser vista como um contexto influenciador a partir do qual as decisões pessoais tornam-se parte deste contexto, como foi apresentado por Bendassoli (2009), quando esse apresenta que a carreira é muitas vezes influenciada pelo contexto no qual a pessoa vive.

É então foi mais de mim porque as pessoas me influenciaram, eu acho que o mundo que eu vivi desde os cinco anos me influenciou na verdade. (P5)

A decisão para a construção da nova carreira surge a partir da interação dos conhecimentos e vivências adquiridos através do esporte, podendo também incluir a parceria entre colegas de equipe, o que no contexto da narrativa abaixo se trata de familiares. A relação entre familiares, neste contexto, pode representar a criação de uma organização familiar, como apresentada por Marques e Samulski (2009), que surge após a carreira esportiva de alto rendimento. Isso devido aos atletas conviverem por tanto tempo, que acabam desenvolvendo planos de carreira com colegas de equipe, aspecto discutido por esses autores. No contexto da narrativa abaixo, se refere a duas irmãs que praticaram a mesma modalidade competindo em uma prova em que as duas atuavam juntas.

Era uma ideia que eu e a minha irmã tinha há algum tempo, e aí, quando a gente parou de treinar, foi a opção que veio em mente, foi o que a gente fez, abriu a nossa escola de

dança e agora os alunos vêm até a gente, então fica bem mais fácil e era nossa vontade mesmo né, era isso que a gente queria. (P4)

Partindo da perspectiva do conhecimento e das vivências adquiridas através da carreira esportiva de alto rendimento, apresenta-se o tópico a seguir que trata dos impactos e conexões da carreira esportiva na vida profissional atual dos entrevistados. Ou seja, como a carreira esportiva de alto rendimento favoreceu ou não a construção da carreira atual.

4.3.2 Impactos e conexões da carreira esportiva na vida profissional atual

Como apresentado por Ericsson et al. (2006), Salmela e Moraes (2003) e Samulski (2008), o atleta de alto rendimento desenvolve ao longo da sua formação e atuação, capacidades físicas e cognitivas específicas da sua prática que são extremamente desejáveis e transferíveis para o desempenho de outras tarefas. Além do desenvolvimento dessas capacidades, ainda se destacam as oportunidades e vivências às quais atletas profissionais são expostos ao longo da sua carreira. Desta forma, as narrativas abaixo apresentam diversos fatores trazidos da carreira esportiva para a carreira atual dos entrevistados.

A experiência que eu tenho como atleta é uma experiência que eu trago para o meu trabalho. Muitas vezes eu coloco a minha experiência pros meus atletas sentirem que não é fácil nem pra eles, não foi fácil pra ninguém. Eu acho que tudo isso que aconteceu na minha vida eu faço uma convergência né, que é uma, pra poder mostrar pros atletas a importância do esporte, como eles podem chegar nos objetivos deles também. (P2)

Tudo que eu vivi no esporte tá ajudando muito para essa minha carreira, aliás, foi completamente fundamental, pra minha carreira profissional hoje, então eu acho super importante. (P4)

Mesmo que com a carreira de atleta já encerrada, devido aos preceitos arraigados na personalidade pela formação de atleta, a narrativa abaixo apresenta um conflito pessoal no sentido do que foi vivido enquanto atleta de alto rendimento e o que se espera enquanto técnico. Tal narrativa apresenta o impacto da carreira esportiva enquanto formação na carreira atual.

Eu acho que eu ainda to nessa transição na verdade eu sou técnica mais eu ainda com a cabeça de atleta eu penso que minhas atletas deveriam agir como eu agia como era atleta. (P5)

Um aspecto muito destacado como favorável trazido do esporte para a carreira atual foi a definição de objetivos. Este fator apresentado por Costa (2007) é tido por Samulski (2008) como essencial no esporte, em função das suas demandas e peculiaridades. Definir metas é, segundo Salmela (1996), uma forma importante e eficiente de se planejar e desenvolver a carreira em qualquer contexto organizacional.

No meu trabalho você tem sempre que ta buscando mesmo a questão dos objetivos, então cada vez eu quero alguma coisa a mais. Eu fui aluno de educação física, depois fui ser professor, depois fui ser técnico, depois fui ser diretor, e hoje eu quero ser técnico por opção, porque eu gosto mais dessa área de parte técnica. (P2)

Eu tive varias coisas que me ajudaram a ser como eu sou hoje um dos fatores foi uma coisa que é traçar o meu objetivo da vida orientado pelas pessoas que eu tive envolvimento no esporte. (P3)

Eu consegui pelo esporte eu não queria ser um atleta eu queria ser o atleta então eu queria ser mais e não é mais que os outros pra mim eu queria ser mais do que eu era então eu queria sair do conforto, mas em compensação com o técnico eu aprendi a ensinar a educação física para que a pessoa possa melhorar as suas condições de saúde a desenvolver saúde então esse é o meu objetivo de tudo isso que eu aprendi da fisiologia do exercício pelos meus estudos e formação acadêmica. (P3)

O esporte de alto rendimento tem como essência as competições, aspecto discutido por Costa (2007), este comum também no ambiente organizacional, como é apresentado por Veloso e Dutra (2010). Em ambas as situações as pessoas competem pelo desenvolvimento individual e dos grupos, pela busca de resultados e cumprimento de metas. Desta forma, se destaca o espírito de competitividade como uma característica desenvolvida através do esporte que tem grande influência na carreira após o esporte. No contexto da narrativa abaixo, a competitividade foi uma característica destacada para justificar a permanência dos ex-atletas no contexto esportivo em sua carreira atual.

As pessoas competitivas que continuam na área do esporte pensam em ser técnicos porque eles continuam com esse lado competitivo deles e talvez os que foram pra outras áreas tão em partes competitivas também não sei não sei o que eles fazem direito mais eu acho que isso vem desde criança e essa transição foi natural sem derrota sempre quis ganhar sempre do lado de técnico que é sempre querer ganhar. (P5)

Além das características pessoais desenvolvidas no esporte já citadas como positivas e impactantes para a nova carreira, destaca-se também a disciplina, como pode ser visto na próxima narrativa.

Se você não tiver disciplina você não consegue nada, é aquilo você tem que ter a hora de descansar, porque você num período de treino que você faz duas horas de manhã duas horas a tarde, igual a gente fazia né, então não era fácil não, tinha que dar conta de todas as atividades além do treino. (P6)

As influências da própria carreira esportiva no desenvolvimento da carreira posterior ao esporte foram apresentadas de forma contundente, uma vez que os ex-atletas construíram sua carreira atual paralelamente à carreira de atletas profissionais, e tiveram diversas oportunidades de atuação e atividades vivenciais. Tais atividades vivenciais podem ser comparadas a estágios que são

feitos durante a formação acadêmica, ou seja, construção da carreira em outras áreas (CHANLAT, 1996), contudo, com um conhecimento bem mais aprofundado e muitas vezes legitimado, reconhecido e desejado pelo próprio empregador atual.

E aí com 16 anos eu entrei pra uma academia pra dar aula de judô mesmo. E estudava, fazia bastante coisa. (P2)

Ter sido atleta para o emprego que to agora como professora na faculdade, foi essencial, porque na época que tava na faculdade eu competia, então eles deram um certo valor, super apoiavam quando a gente saia pra competir, aí, é muita gente que passa por lá, eles jamais lembrariam de mim se eu não tivesse em evidencia no esporte. (P4)

Eu brinco com todos os profissionais que trabalham comigo que eles tinham que praticar judô pra eles entenderem judô e ver como é o judô né. (P2)

A faculdade que eu dou aula tem essa questão de chamar sempre ex-atletas, ex-alunos e tal, porque a gente que consegue, a gente que participou, nessa vida de atleta, sabe falar melhor do que uma pessoa que nunca participou, eles levam muito isso em consideração, essa questão de ser ex-atleta, de saber falar, de saber exatamente o que tá falando. (P4)

Como a maioria dos participantes deste estudo, atualmente atuam de alguma forma na área da Educação Física e/ou do Esporte, apresenta-se a narrativa que mostra parte da trajetória de um desses ex-atletas até a carreira atual.

Fui professor universitário também durante 20 anos. Então eu comecei em 1992 mais ou menos, não tinha minha carreira de atleta, mas já dava aula na faculdade. E como técnico mesmo eu atuei vários anos na confederação brasileira universitária, fui responsável por judô, depois sai. Agora, na Confederação Brasileira de Judô, como técnico desde 2010. (P2)

Também é importante destacar como as escolhas pela nova carreira, a partir das influências da carreira esportiva, partem do interesse e vontade dos ex-

atletas que se identificam com a atuação atual, a partir da forte influência exercida pela carreira anterior.

Permaneci como técnica porque eu gosto da área sim porque é uma maneira de ficar na área mais eu gosto de ser técnica então eu gosto do que eu faço, não me vejo na área da ginástica fazendo outra. (P5)

Além disso, a vivência no esporte, mesmo para quem desenvolveu a carreira posterior em outra área, impactou de forma a criar valores da prática esportiva a serem seguidos pelos filhos do ex-atleta.

Ah eu acho que, pelo foi uma escolha muito saudável e de alguma maneira transmiti isso pros filho. Então eu acho que é saudável, e faria tudo de novo. (P6)

Enfim, pode-se inferir que a carreira esportiva foi decisiva nas escolhas e principalmente na forma de atuação e desenvolvimento profissional dos ex-atletas abordados neste estudo. Como apresentado por Verardi e De Marco (2008), o esporte de alto rendimento deixa “marcas” profundas na personalidade dos seus praticantes, sendo norteadoras e forte influenciadoras da conduta e formação pessoal e profissional dos mesmos.

Finalizando as análises dessa tese, define-se a carreira esportiva como sendo uma carreira atípica, ou seja, com especificidades distintas às outras carreiras apresentadas pelos pesquisadores da área. Tal aspecto se deve ao esporte, ter sido há pouco tempo visto e aceito como uma profissão no Brasil, e que ainda nesse tempo, cerca de 20 anos, não ter sido efetivamente incorporado como um trabalho de fato, pela sociedade brasileira. A cada dia o foco da população se volta para o esporte, principalmente no que concerne aos benefícios à saúde e também a geração de renda através do mesmo. Contudo, muito ainda deve ser desenvolvido para que a precarização da profissão de atleta deixe de existir. Precarização essa no que diz respeito a direitos trabalhistas, aposentadoria e condições de trabalho oferecidas aos profissionais envolvidos

nesse contexto, que desde cedo se envolvem com a prática e muitas vezes não conseguem sobreviver a partir da renda por ela gerada.

Entende-se que a maior contribuição desse estudo resida na compreensão de que ao longo do desenvolvimento da carreira esportiva, o atleta passa por diversas transições, sejam elas grandes ou pequenas, mas todas responsáveis pela formação e desenvolvimento da carreira que será construída posteriormente a esta atuação.

Nesse sentido, considera-se os técnicos e a sociedade como a base para o desenvolvimento dessa carreira. Estes sustentam as influências e como elas impactam na carreira esportiva. A carreira esportiva, tendo a base apresentada, ainda é determinada por fatores psicofisiológicos, que influenciados pelo contexto e pelas compensações, definem o seu desenvolvimento e transições entre as fases de iniciação, intermediárias, culminando no alto rendimento. A sua finalização pode ser entendida como aposentadoria do atleta, o que no âmbito desse estudo significa a grande transição entre a carreira de atleta e a nova carreira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta pesquisa, remete-se novamente ao seu objetivo que foi analisar a transição de carreira de atletas, considerando-se a finalização de sua atuação como profissional do esporte. A partir daí, buscou-se responder as questões referentes sobre a atuação do atleta profissional, durante essa carreira e também na carreira após o esporte de alto rendimento, considerando-se as influências sofridas e as transições vividas em ambas as carreiras.

O grupo participante do estudo foi composto por ex-atletas de alto rendimento em diferentes modalidades individuais, que obtiveram ao longo da sua carreira de atleta profissional, resultados expressivos nas modalidades por eles praticadas, conquistando, dentre outros, títulos continentais e mundiais. Além da atuação citada, os participantes também desenvolveram, após a carreira de atleta, uma nova carreira, relacionada ou não com o esporte.

A partir das entrevistas realizadas com os ex-atletas observou-se que a carreira esportiva teve início bem precoce, na maioria dos casos ainda na infância, tendo perdurado por toda a juventude, finalizando-se na idade adulta, também precoce, por volta dos 35 anos de idade. Assim, levando-se em consideração o final da carreira, e a aposentadoria como atleta na idade mencionada, a carreira esportiva profissional como atleta de alto rendimento, pode ser considerada curta.

Durante o desenvolvimento da sua atuação, os entrevistados atribuíram grande importância aos seus técnicos no que diz respeito a orientação e planejamento da carreira, bem como a necessidade de se construir uma formação acadêmico-profissional, pensando em uma nova atuação quando do fim da carreira esportiva. De acordo com os ex-atletas, sempre foi claro para todos, que sua atuação como atletas teria um fim precoce, e que, portanto, deveriam estar

preparados para uma atuação posterior, ou seja, para a construção de uma nova carreira.

Além da influência positiva atribuída aos técnicos, os ex-atletas também destacaram com grande ênfase a influência dos seus familiares, fossem eles pais, irmãos, ou outros. A influência gerada pela família nem sempre foi positiva, no sentido de apoiar as decisões. Em alguns casos pontuais, parentes dos entrevistados consideravam a atuação de atleta como algo não profissional, tentando convencê-los de que deveriam buscar uma profissão real, como se o esporte profissional não se enquadrasse nesse contexto. Contudo, apesar dos poucos casos de não apoio por parte dos familiares, na grande maioria das situações, as famílias, e principalmente os pais, sempre apoiaram a decisão dos seus filhos pela carreira esportiva, principalmente na iniciação. Nesses casos, os familiares atuavam como alicerce à construção da carreira, seja em relação ao aporte financeiro, seja no suporte psicológico e emocional.

Os familiares dos ex-atletas tiveram consciência de que o esporte representava uma grande oportunidade de vida para os mesmos. Em alguns casos, essa consciência ocorreu durante o desenvolvimento da carreira, ou seja, no início não houve o reconhecimento pela carreira esportiva enquanto uma oportunidade de futuro para os então atletas. Já em outros casos, ficou evidente o valor que os familiares dos ex-atletas atribuíram ao esporte como um conjunto de oportunidades para a vida dos seus praticantes.

Muitos dos entrevistados vieram de situação de vulnerabilidade socioeconômica, dessa forma, tendo o esporte profissional como uma grande oportunidade de mudança de realidade, o que realmente aconteceu no caso dos participantes deste estudo. O entendimento das oportunidades oferecidas direta ou indiretamente pelo esporte, mostrou-se evidente em todos os momentos de transição nas carreiras nos quais a decisão ou influência dos familiares estavam presentes. Oportunidades de estudo, viagens, vivência de novas culturas e

contextos para construção de conhecimentos importantes para a vida, e também o retorno financeiro gerado pela atuação esportiva, bem como a realização pessoal dos ex-atletas, estiveram entre os fatores apresentados como decisivos para apoio dos familiares. Tais fatores significavam uma melhor qualidade de vida futura tanto para os entrevistados quanto para os próprios familiares.

A escolha pela nova carreira, ou carreira atual, foi, na maioria absoluta dos casos, influenciada pela prática esportiva. Apenas um dos entrevistados não construiu sua carreira após a atuação como atleta de alto rendimento, relacionada ao esporte. Ele, contudo, assumiu que a sua vida de atleta foi determinante na sua segunda atuação profissional, no que diz respeito, por exemplo, ao comprometimento, estabelecimento de metas e maturidade emocional para a condução da sua nova carreira. Além disso, o esporte tem um significado extremamente importante, fazendo parte dos valores que foram passados para seus filhos e netos. No caso dos demais ex-atletas, a construção da carreira atual tem ligação direta com o esporte, seja atuando como técnico esportivo, professor universitário no campo da Educação Física e Esporte, ou atuando em atividades gerenciais relacionadas ao esporte.

A atuação em uma carreira esportiva profissional, de alto rendimento, significou, de acordo com os entrevistados, não somente a possibilidade de inserção em um mercado muito restrito, no caso dos participantes do estudo que construíram sua carreira posterior também no esporte. Ele foi responsável pelo desenvolvimento de capacidades físicas e cognitivas, e principalmente, emocionais, para o efetivo enfrentamento e desenvolvimento de habilidades desejáveis por qualquer profissional. Os ex-atletas apresentaram que os desafios impostos pelo esporte competitivo, tais como a exigência de controle emocional durante competições e treinos, o desenvolvimento do trabalho em equipe, o conhecimento dos próprios limites e potencialidades, e competitividade,

adquiridos durante a vida de atleta de alto rendimento, foram determinantes para a construção da carreira atual.

Com relação ao momento da aposentadoria como atleta, todos os entrevistados apresentaram dificuldade em finalizar a carreira esportiva. Os ex-atletas se programaram para esse momento, assim como ocorre na maioria das carreiras. Contudo, talvez pelo início tão precoce, o que tornou a carreira esportiva um hábito ou referência de vida, e também por terminar esta carreira ainda tão jovem, foi apresentado grande dificuldade por parte deles em finalizá-la. Muitos adiaram esta aposentadoria por várias vezes, traçando novas metas a serem alcançadas antes de se aposentar. Alguns, efetivamente se aposentaram como atletas, em decorrência do desgaste físico e psicológico, como por exemplo, devido a lesões. E ainda houve os que o fizeram para aproveitar oportunidades de trabalho e/ou estudos. O ponto de congruência foi que todos os entrevistados se aposentaram como atletas quando estavam no auge da sua carreira.

Prova da grande influência do esporte em suas vidas é o fato anteriormente apresentado, de que a maioria dos entrevistados construiu sua carreira atual ainda relacionada ao esporte de alto rendimento.

Destaca-se que durante a efetivação dos contatos com os ex-atletas, que houve dificuldades em relação ao aumento do número de participantes, por se tratar de um grupo seletivo, com muitas atividades e atribuições que não permitiram a sua participação no estudo. Nenhum dos participantes possui atualmente qualquer relação com a atividade de atleta que era desenvolvida no passado, dessa forma, não possuindo vínculo com organizações esportivas, o que poderia facilitar o contato e/ou ajudar a agregar mais participantes à pesquisa.

Dessa forma, o que realmente determinou a participação dos ex-atletas foi seu interesse pessoal em colaborar para o estudo. Apesar da dificuldade inicial em contatar os participantes, durante as entrevistas, todos se mostraram

muito abertos e disponíveis para responder as questões e contribuir para o estudo, o que foi essencial para a coleta dos dados.

Considerando-se as justificativas apresentadas para a condução deste estudo, destaca-se como conclusões: a) Em relação ao argumento acadêmico, que este estudo se prestou a estudar a carreira de atletas e ex-atletas profissionais, sendo esta considerada como uma forma atípica de carreira, que possui características de destacar os seus atores, no caso, os atletas, da sociedade, através da exploração da sua imagem bem como das suas características psicológicas, desejáveis em diversas profissões e carreiras. b) Sobre o argumento pragmático, pôde-se concluir que a orientação da carreira de atletas profissionais sofre grande influência dos técnicos esportivos, figuras marcantes no seu desenvolvimento. Além disso, o fato da carreira esportiva no Brasil ainda não ser reconhecida pelo sistema previdenciário, da mesma forma que em outros tipos de carreira, devendo, portanto, ser tratada como carreira curta, no caso dos participantes desse estudo, desenvolveu-se uma carreira subsequente. c) Considerando-se o argumento social, conclui-se que nas últimas décadas, no Brasil, a carreira esportiva passou de uma prática informal para uma atividade profissional, o que possui grande impacto na formação de opinião e atribuição de valor por parte da sociedade.

Finalmente, sugere-se para trabalhos futuros, a abordagem de atletas de diferentes tipos de modalidades, individuais e coletivas, buscando também, ex-atletas que construíram sua carreira após o esporte profissional, em profissões específicas dentro e fora do esporte.

Além disso, sugere-se também, pesquisas que busquem traçar historicamente o desenvolvimento da carreira esportiva no Brasil, desde o momento em que o esporte não podia ser tratado como atividade profissional, passando pelos dias atuais, e prospectando seu futuro. Outra possibilidade de estudo que surge a partir do que foi apresentado, é com relação à questão de

gênero na carreira esportiva. Finalmente destaca-se a possibilidade de se analisar como os contratos de trabalho dos atletas são elaborados atualmente.

REFERÊNCIAS

- AGRESTI, A.; FINLAY, B. **Statistical methods for the social sciences**. 3. ed. New Jersey: Prentice Hall, 1999. 643 p.
- ALENCAR, E. **Metodologia de pesquisa social e diagnóstico participativo**. Lavras: Editora da UFLA, 1998. 125 p.
- ALVES, G. P. Capacitação para o exercício de atividades inerentes a competições esportivas. **Brasil Escola**, São Paulo, jan. 2014. Disponível em: <<http://vestibular.brasilecola.com/profissoes-futuro/esporte.htm>>. Acesso em: 30 mar. 2014.
- ALVES, J.; PIERANTI, O. O Estado e a formulação de uma política nacional de esporte no Brasil. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 01-20, jan./jun. 2007.
- ARAÚJO, R. R.; SACHUK, M. I. Os sentidos do trabalho e suas implicações na formação dos indivíduos inseridos nas organizações contemporâneas. **Revista de Gestão da USP**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 53-66, jan./mar. 2007.
- ARTHUR, M. B.; HALL, D. T.; LAWRENCE, B. S. **Handbook of career theory**. New York: Cambridge University Press, 1989. 557 p.
- BALASSIANO, M.; VENTURA, E. C. F.; FONTES FILHO, J. R. Carreiras e cidades: existiria um melhor lugar para se fazer carreira? **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 99-116, jul./set. 2004.
- BARATA, M. A. El liderazgo en una perspectiva internacional: un estudio comparativo entre líderes brasileños y españoles de acuerdo com el proyecto globe. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 35-48, jan./jun. 2011.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995. 223 p.
- BAUER, M. W.; GASELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 516 p.
- BENDASSOLLI, P. F. Recomposição da relação sujeito-trabalho nos modelos emergentes de carreira. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 49, n. 4, p. 387-400, out./dez. 2009.

BESCHIZZA, R. Carreira: definição de papéis e comparação de modelos. **TV APIMEC MG**, São Paulo, dez. 2005. Disponível em: <http://apimecmg.com.br/artigos/349_Renato%20Beschizza%20Dez%2005_.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2015.

BIANCHI, E. M. P. G.; QUISHIDA, A. Gestão estratégica de carreiras. In: ALBUQUERQUE, L. G.; LEITE, N. P. (Org.). **Gestão de pessoas: perspectivas e estratégias**. São Paulo: Atlas, 2009. p. 79-95.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994. 335 p.

BOJORQUES, A. M.; BENITEZ, C. C. N.; SALAZAR, E. N. Congruencia entre intereses, aptitudes y elección de carrera. **Revista Mexicana de Orientación Educativa**, México, v. 8, n. 21, p. 32-39, Jan./June 2011.

BOURDIEU, P. Deporte y classes sociales. In: GONZÁLEZ, J. I. B. **Materiales de sociología del deporte**. Madrid: Las Ediciones de La Piqueta, 1993. 186 p.

BRANDÃO, M. R. F. **Fatores de "stress" em jogadores de futebol profissional**. 2000. 157 p. Tese (Doutorado em Ciências do Esporte) - Universidade de Campinas, Campinas, 2000.

BRISCOE, J. P.; HALL, D. T.; DEMUTH, R. L. F. Protean and boundaryless careers: an empirical exploration. **Journal of Vocational Behavior**, Orlando, v. 69, n. 1, p. 30-47, 2006.

BROHM, J. M. 20 tesis sobre el deporte. In: GONZÁLEZ, J. I. B. **Materiales de sociología del deporte**. Madrid: Las Ediciones de La Piqueta, 1993. p. 47-55.

CABRAL, S.; SILVA JÚNIOR, A. F. A. PPPs e decisões de investimento na construção de estádios de futebol. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 16, n. 48, p. 39-58, jan./mar. 2009.

CARVALHO NETO, A. M. Terceirização de serviços públicos no Reino Unido e os impactos sobre as relações de trabalho: considerações sobre a realidade brasileira. **Revista do Serviço Público**, Brasília, v. 120, n. 2, p. 99-112, maio/ago. 1996.

CARVALHO, F. A.; MARQUES, M. C. P.; CARVALHO, J. L. F. Redes inter organizacionais, poder e dependência no futebol brasileiro. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 16, n. 48, p. 101-121, jan./mar. 2009.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 2013. 611 p.

CHANLAT, J. F. Modos de gestão, saúde e segurança no trabalho. In: DAVEL, E.; VASCONCELOS, J. (Org.). **Recursos humanos e subjetividade**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 118-128.

CHANLAT, J. F. Quais carreiras e para qual sociedade? **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 6, p. 67-75, nov./dez. 1996.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. Disponível em: <<http://www.cob.org.br>>. Acesso em: 12 jan. 2014.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Carta brasileira de educação física**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2000. Disponível em: <<http://www.confef.org.br>>. Acesso em: 03 jan. 2014.

COSTA, A. B.; SOARES, D. H. P. Orientação psicológica para a aposentadoria. **Revista Psicologia, Organização e Trabalho**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 97-108, jul./dez. 2009.

COSTA, L. M. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto representação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 01-31, fev. 2007.

CÔTÈ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. From play to practice: a developmental framework for the acquisition of expertise in team sports. In: STARKES, J. L.; ERICSSON, K. A. **Expert performance in sports**. Champaign: Human Kinetics, 2003. p. 89-110.

COTÈ, J.; HAY, J. Children's involvement in sport: a developmental perspective. In: SILVA, J.M.; STEVENS, D. (Ed.). **Psychological foundations of sports**. 2. ed. Boston: Benjamin Cummings, 2002. p. 484-582.

COUTINHO, M. C. Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 189-202, dez. 2009.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **Creativity flow and psychology of discovery and invention**. Estados Unidos: Harper Perennial, 1996. 456 p.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 27-34, set./dez. 2004.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1987. 118 p.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research**. London: Sage, 1994. 766 p.

DIAS, M. S. L.; SOARES, D. H. P. **Planejamento de carreira: uma orientação para estudantes universitários**. São Paulo: Vetor, 2009. 23 p. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37171999000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 jan. 2014.

DIMANDE, A. L. **Os conceitos de trabalho, profissão e ocupação**. São Luís: Instituto Superior Dom Bosco, 2010. 6 p. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/37782989/OS-CONCEITOSDETRABALHO-PROFISSAO-E-OCUPACAO>>. Acesso em: 2 jan. 2014.

DURAND-BUSH, N.; SALMELA, J. H. The Ottawa mental skill assessment tool (OMSAT – 3). **The Sport Psychologist**, Canadá, v. 15, n. 1, p. 1-19, Mar. 2001.

DUTRA, J. S. **Administração de carreira: uma proposta para repensar a gestão de pessoas**. São Paulo: Atlas, 1996. 176 p.

DUTRA, J. S. **Gestão de carreiras na empresa contemporânea**. São Paulo: Atlas. 2010. 232 p.

DUTRA, J. S. **Gestão de pessoas: modelo, processos, tendências e perspectivas**. São Paulo: Atlas, 2002. 216 p.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 204 p.

ERICSSON, K. A. Development of elite performance and deliberate practice: An update from the perspective of the elite expert performance approach. In: STARKES, J. L.; ERICSSON, K. A. **Expert performance in sports**. Champaign: Human Kinetics, 2003. p. 49-83.

ERICSSON, K. A. et al. **The Cambridge handbook of expertise and expert performance**. New York: Cambridge University Press, 2006. 901 p.

FOLKMAN, S.; LAZARUS, L. R. An analysis of coping in a middle-age community sample. **Journal of Health and Social Behavior**, Albany, v. 21, n. 3, p. 219-239, Sept. 1980.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 24, p. 17-27, jan. 2008.

FRANÇA, L. H. Preparação para aposentadoria: desafios a enfrentar. In: VERAS, R. P. (Org.). **Terceira idade: alternativas para uma sociedade em transição**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999. p. 11-34.

FREITAS, M. E.; HELOANI, R.; BARRETO, M. **Assédio moral no trabalho**. São Paulo: Cengage Learning, 2008. 144 p.

GALLAHUE, D. L. OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte Editora, 2003. 641 p.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995.

GONÇALVES, E. Planejamento da carreira profissional e pessoal. **Administradores.com**, Rio de Janeiro, 18 set. 2007. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/carreira/planejamento-da-carreira-profissional-e-pessoal/14529/>>. Acesso em: 22 fev. 2015.

GUBA, E.; LINCOLN, Y. S. Competing paradigms in qualitative research. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research**. London: Sage, 1994. p. 105-117.

GUTTMANN, A. **From ritual to record**. New York: Columbia University Press, 1978. 224 p.

HALL, D. T. **Careers in and out of organizations**. London: Sage, 2002. 368 p.

HALL, D. T. Introduction: an overview of current career development theory. In: HALL, D. T. et al. (Ed.). **Career development in organizations**. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1986. p. 01-20.

HENDERSON, W.; RADO, E. R. Case studies and the teaching of development. **Bulletin**, Sussex, v. 11, n. 3, p. 34-48, July 1980.

IBARRA, H. **Working identity**: unconventional strategies for reinventing your career. Boston: Harvard Business School Press, 2004. 201 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Banco de dados agregados. Sistema IBGE de Recuperação Automática– SIDRA**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 18 dez. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE SEGURIDADE SOCIAL. **Boletim Estatístico da Previdência Social**. Disponível em: <<http://www.previdenciasocial.gov.br>>. Acesso em: 27 dez. 2013.

KILIMNIK, Z. M. **Trajetórias e transições de carreiras profissionais em recursos humanos**. 2000. 327 p. Tese (Doutorado em Ciências Econômicas) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

KOTLER, P. **Administração de marketing**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000. 416 p.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001. 288 p.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**. Belo Horizonte: UFMG, 1999. 340 p.

LIMA, F. Preparador físico. **Info Escola**: navegando e aprendendo, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/profissoes/preparador-fisico/>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

LIMA, M. E. A. Trabalho e saúde mental no contexto contemporâneo de trabalho: possibilidades e limites de ação. In: (Org.). VIZZACCARO-AMARAL A. L.; MOTA, D. P.; ALVES, G. **Trabalho e saúde**: a precarização do trabalho e a saúde do trabalhador no Século XXI. São Paulo: LTr, 2011. p. 161-172.

MACHADO, R. P. T.; RUBIO, K. O atleta como maior legado olímpico. In: RUBIO, K. (Org.) **Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 161-170.

MACIEL, L. H. R. Crianças e adolescentes no esporte. **Revista Ethos**, Lavras, v. 1, p. 11-21, jan./jun. 2003.

MACIEL, L. H. R.; MORAES, L. C. C. A. Investigação da expertise de treinadores de ginástica aeróbica brasileiros usando análise de protocolo. **Revista Iberoamericana de Psicología Del Ejercicio y el Deporte**, España, v. 3, n. 2, p. 241-258, Oct. 2008.

MARQUES, M. P.; SAMULSKI, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 103-119, abr./jun. 2009.

MARTINS, G. A.; THEOPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 247 p.

MATIAS-PEREIRA, J. Administração pública comparada: uma avaliação das reformas administrativas do Brasil, EUA e União Europeia. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 1, p. 61-82, jan./fev. 2008.

McDANIEL, S. A. Work, retirement and women in later life. In: GEE, E. (Ed.). **Rethinking retirement**. Canadá: Simon Fraser University, 1995. p. 127-149.

MILLER, P. S. In the Beginning. In: SALMELA, J. H. (Org.). **GreatJob Coach! Getting the edge from proven winners**. Ottawa: Potentium, pp. 1-35, 1996.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Classificação brasileira de ocupações**. [S.l.: s.n.], 2010. Disponível em: <www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/inf>. Acesso em: 13 fev. 2015.

MIRANDA, A. G. (Coord.). **Dicionário de ciências sociais**. Rio de Janeiro: FGV, 1986. 332 p.

MORGAN, G. **Beyond method: strategies for social research**. California: Sage, 1983. 424 p.

- MOURA, C. B.; MENEZES, M. V. Mudança de opinião: análise de um grupo de pessoas em condição de re-escolha profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Londrina, v. 5, n. 1, p. 29-45, mar. 2004.
- MURRAY, D. J. Case study as form of enquiry. **Social Sciences**. London, v. 1, n. 2, p. 165-172, Feb. 1974.
- NOCE, F.; MORAES, L. C. C. A.; SAMULSKI, D. M. Fatores motivacionais para a prática do judô. In: GRECO, P. J.; SAMULSKI, D. M.; JÚNIOR CARAN, E. (Org.). **Temas atuais em educação física e esportes**: volume 1. Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1997. p. 125-144.
- NORONHA, A. P. P.; AMBIEL, R. A. M. Orientação profissional e vocacional: análise da produção científica. **Psico-USF**, Itatiba, v. 11, n. 1, p. 75-84, jun. 2006.
- NUNOMURA, M.; TSUKAMOTO, M. H. C. **Fundamentos das ginásticas**. Jundiaí: Fontoura, 2009. 240 p.
- OLIVEIRA, S. L. **Tratado de metodologia científica**: projetos de pesquisa, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira, 1997. 320 p.
- OLTRAMARI, A. P. Carreira: panorama de artigos sobre o tema. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 32., 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2008.
- PAHL, R. **Depois do sucesso**: ansiedade e identidade. São Paulo: Editora da UNESP, 1997. 252 p.
- PATTON, M. Q. **Qualitative evaluation methods**. Beverly Hills: Sage, 1980. 381 p.
- PIRES, G. **Agôn-gestão do desporto**. Portugal: Porto Editora, 2007. 351 p.
- PREUSS, H. Aspectos sociais dos megaeventos esportivos. In: RUBIO, K. (Org.). **Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 13-35.
- QUISHIDA, A. **Adaptação à transição de carreira na meia idade**: um estudo exploratório sob o enfoque do locus de controle. 2007. 110 p. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica**: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. São Paulo: Loyola, 2005. 141 p.

RODRIGUES, M. et al. A preparação para a aposentadoria: o papel do psicólogo frente a esta questão. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Londrina, v. 6, n. 1, p. 53-62, jun. 2005.

ROESLER, V.; SOARES, D. H. P. O que é aposentadoria? Morte social, culpa e constrangimento ou dever cumprido, prazer e liberdade? In: JORNADA INTERNACIONAL DE PRÁTICAS CLÍNICAS NO CAMPO SOCIAL, 1., 2010, Maringá. **Anais...** Maringá: Editora da Universidade de Maringá, 2010. p. 01-10.

RÚBIO, K. O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo. **Scripta Nova**: revista electrónica de geografía y ciências sociales, Barcelona, n. 6, v. 119, p. 95-97, 2002. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn119-95.htm>>. Acesso em: 13 jan. 2015.

SALMELA, J. H. **Great job coach! Getting the edge from proven winners**. Ottawa: Potentium, 1996. 229 p.

SALMELA, J. H.; MORAES, L. C. Development of expertise: the role of coaching, families and cultural contexts. In: STARKES, J. L.; ERICSSON, K. A. **Expert performance in sports**. Champaign: Human Kinetics, 2003. p. 275-293.

SAMULSKI, D. M. **Psicologado esporte**: conceitos e novas perspectivas. 2. ed. São Paulo: Manole, 2008. 512 p.

SAVIOLI, N. **Carreira**: manual do proprietário. Rio de Janeiro: Quality Mark, 1991. 121 p.

SCHEIN, E. H. **Identidade profissional**: como ajustar suas inclinações a suas opções de trabalho. São Paulo: Nobel, 1993. 94 p.

SCHLOSSBERG, J.; WATERS, R.; GOODMAN, P. **Counseling adults in transition**: linking theory with practice. New York: Harper & Row, 1995. 299 p.

SILVA, R. C. D. et al. Carreiras: novas ou tradicionais? Um Estudo com Profissionais Brasileiros. **Revista de Carreiras e Pessoas**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 46-64, set./dez. 2012.

SIMON, H. A.; CHASE, W. G. Skill in chess. **American Scientist**, New Haven, v. 61, n. 4, p. 394-403, July/Aug. 1973.

STAKE, R. E. Case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research**. London: Sage, 1994. p. 236-242.

STARKES, J. L.; ERICSSON, K. A. **Expert performance in sports: advances in research on sport expertise**. Champaign: Human Kinetics, 2003. 469 p.

SULLIVAN, S. E.; BARUCH, Y. Advances in career theory and research: a critical review and agenda for future exploration. **Journal of Management**, Stillwater, v. 35, n. 6, p. 1542-1571, Dec. 2009.

TENENBAUM, G.; EKLUND, R. C. **Handbook of sport psychology**. 3. ed. New Jersey: John Wiley & Sons, 2007. 445 p.

TESCH, R. **Qualitative research analysis types and software tools**. New York: Falmer Press, 1990. 329 p.

TONI, M. de. Visões sobre o trabalho em transformação. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 5, n. 9, p. 246-286, jan./jun. 2003.

TSUKAMOTO, M. H. C.; NUNOMURA, M. Iniciação esportiva e infância: um olhar sobre a ginástica artística. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 159-176, maio 2005.

VELOSO, E. F. R.; DUTRA, J. S. Evolução do conceito de carreira e sua aplicação para a organização e para as pessoas. In: DUTRA, J. S. (Org.). **Gestão de carreiras na empresa contemporânea**. São Paulo: Atlas, 2010. p. 03-39.

VERARDI, C. E. L.; DE MARCO, A. Iniciação esportiva: a influência de pais professores e técnicos. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 102-123, dez. 2008.

WYLLEMANN, P.; ALFERMANN, D.; LAVALLEE, D. Career transitions in sport: European perspectives. **Psychology of Sport and Exercise**, London, v. 5, n. 1, p. 7-20, jan. 2004.

YIN, R. K. **Case study research:** design and methods. Beverly Hills: Sage, 1989. 312 p.

ANEXOS

ANEXO A**Roteiro de Entrevista Semiestruturada**

Tópicos:

1. Qual é a sua idade?
2. Em qual modalidade você atuou como atleta de alto rendimento?
3. Qual é a sua formação acadêmica?
4. Qual foi o seu tempo de atividade como atleta de alto rendimento? Fale mais sobre esta atividade.
5. Qual é o tempo de atividade na sua área de atuação atual? Fale mais sobre esta atividade.
6. Fale a vontade sobre a sua trajetória de carreias, enquanto atleta e na sua atividade atual, desde o início até os dias de hoje.
7. Há mais alguma coisa que gostaria de acrescentar?

ANEXO B**Aprovação do Comitê de Ética**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
LAVRAS**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA****Título da Pesquisa:** Planejamento de Carreira no Esporte de Alto-Rendimento: Construindo uma Nova Carreira Pós-Atleta**Pesquisador:** Luiz Henrique Rezende Maciel**Área Temática:****Versão:** 1**CAAE:** 30206114.3.0000.5148**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Lavras**Patrocinador Principal:** Universidade Federal de Lavras**DADOS DO PARECER****Número do Parecer:** 670.680**Data da Relatoria:** 30/05/2014**Apresentação do Projeto:**

OK

Objetivo da Pesquisa:

OK

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

OK

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

OK

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

OK

Recomendações:

Incluir junto ao projeto uma declaração das confederações esportivas concordando em colaborar com os pesquisadores disponibilizando os contatos dos ex-atletas que serão entrevistados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as pendências foram atendidas.

Endereço: Campus Universitário Cx Postal 3037**Bairro:** PRP/COEP**CEP:** 37.200-000**UF:** MG**Município:** LAVRAS**Telefone:** (35)3829-5182**E-mail:** coep@nintec.ufla.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
LAVRAS



Continuação do Parecer: 670.680

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

LAVRAS, 02 de Junho de 2014

Assinado por:

Joziana Muniz de Paiva Barçante
(Coordenador)

Endereço: Campus Universitário Cx Postal 3037

Bairro: PRP/COEP

CEP: 37.200-000

UF: MG

Município: LAVRAS

Telefone: (35)3829-5182

E-mail: coep@nintec.ufla.br

ANEXO C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

I - TÍTULO DO TRABALHO: Carreira no Esporte Profissional: um estudo com ex-atletas de alto rendimento.

Pesquisadores responsáveis: Prof. Luiz Henrique Rezende Maciel e Profa. Mônica Carvalho Alves Cappelle

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Lavras – Departamento de Administração e Economia

Telefone para contato: (35) 3829-5268 – 3829-1752

Locais das coletas de dados: NEORGS e DEF/UFLA; Locais definidos como convenientes pelos sujeitos da pesquisa.

Prezado (a) Senhor (a):

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de forma totalmente voluntária da Universidade Federal de Lavras. Antes de concordar em participar desta pesquisa, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes que você se decida a participar. Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer

vantagem financeira. Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito, não acarretando qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador.

II - OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Compreender a transição de carreira de atletas profissionais, considerando-se a finalização de sua atuação como atleta de alto rendimento.

Objetivos Específicos:

- f) Caracterizar o trabalho do atleta como profissional do esporte;
- g) Conhecer os motivos que levaram o ex-atleta a finalizar a sua atuação como atleta profissional;
- h) Analisar os impactos dessa finalização na vida pessoal dos sujeitos;
- i) Verificar as influências familiares, dos técnicos, dos amigos e/ou companheiros de equipe recebidos pelos sujeitos, antes, durante e depois da sua atuação como atleta profissional;
- j) Compreender os impactos da nova carreira na vida profissional dos sujeitos, seus motivos, conexões e repercussões.

III – JUSTIFICATIVA

Este estudo se justifica pela importância de se conhecer fatores envolvidos com a transição da carreira esportiva, tendo como foco atletas de alto rendimento em diferentes modalidades esportivas individuais. Isto, uma vez que

tais indivíduos são destacados contextualmente por diversos aspectos sociais, culturais e econômicos, ao se considerar a questão do mito esportivo. Além disso, justifica-se também pela escassez de estudos sobre a carreira esportiva com atenção para o momento da aposentadoria no esporte, citam-se como exemplos os estudos de Balassiano, Ventura e Fontes Filho (2004), Ericsson (2006) e Marques e Samulski (2008) uma vez que a maioria dos estudos nesta área tem o foco na orientação da carreira enquanto atleta, principalmente no que se refere às escolhas e decisões durante a vida de atleta.

As justificativas apresentadas são divididas e desenvolvidas baseando-se em três argumentos: Acadêmico, pragmático e social. O argumento acadêmico sustenta-se nos trabalhos de autores que se dedicam a estudar a carreira de atletas e ex-atletas profissionais, direta ou indiretamente, como forma de se destacar da sociedade, através da exploração imagem do atleta, das suas características psicológicas, não somente do seu desempenho esportivo, bem como do esporte como uma opção profissional. Dentre estes estudos destacam-se: Noce, Moraes e Samulski (1997) ao considerar os fatores motivacionais relacionados ao desenvolvimento da carreira esportiva, Rúbio (2002) na abordagem dos atletas como mitos, Ericsson (2003) tratando do desempenho *expert* no esporte e em outros contextos como a música, Alves e Pieranti (2007) que tratam da formulação de uma política nacional para o esporte no Brasil, Machado e Rúbio (2008) em sua abordagem do atleta como legado, Carvalho, Marques e Carvalho (2009) que abordam as redes de dependência no futebol Brasileiro, Marques e Samulski (2009) em seu estudo sobre as influências sofridas por jogadores de futebol durante a construção da sua carreira, Nunomura e Tsukamoto (2009) na abordagem dos fundamentos das ginásticas, Samulski (2008) que aborda o atleta e suas capacidades psicológicas.

O argumento pragmático propõe que a partir dos resultados apresentados nesta tese, torna-se possível desenvolver referências que norteiem atletas profissionais, profissionais de orientação de carreira, comissões técnicas esportivas e demais envolvidos com o esporte de alto rendimento e carreiras profissionais, sobre como ocorrem os processos de transição entre carreiras esportivas profissionais e novas carreiras construídas a partir da finalização da atuação do atleta no esporte profissional.

O argumento social busca estudar o esporte e, neste contexto, o esporte profissional apresentando-o como algo de extrema relevância social, uma vez que, como apresentado pelos autores, o esporte produz grandes impactos na vida dos seus praticantes, sejam eles crianças, jovens ou adultos (KOTLER, 2000; PIRES, 2007; PREUSS, 2008; CABRAL e SILVA Jr., 2009). Além disso, o fato de o Brasil ter sediado e estar sediando mega eventos esportivos deixa latente questões referentes a real importância social do esporte e dos investimentos públicos e privados destinados a esses eventos. Isto, tendo em vista que a gestão esportiva moderna passa por um forte envolvimento antropológico e sociocultural, carregada de interesses públicos, desta forma devendo estar contextualizada com a realidade esportiva relacionada à iniciativa do Estado em apoiar, possibilitar ou gerir como é apresentado por Alves e Pieranti (2007) e por Pires (2007).

IV - PROCEDIMENTOS DO EXPERIMENTO

SUJEITOS DA PESQUISA

O grupo será composto por ex-atletas de alto rendimento que após sua prática como atletas tenham se engajado em uma nova carreira, seja esta relacionada ou não com o esporte.

EXAMES

Será aplicada a cada voluntário uma entrevista em profundidade iniciada pelo roteiro semiestruturado. A entrevista será gravada, caso haja necessidade será agendada uma segunda entrevista a fim de obter informações mais profundas.

V - RISCOS ESPERADOS

Por não se tratar de uma pesquisa com métodos de coleta invasivos, não há risco físico esperado. Pode ocorrer o constrangimento ou ansiedade, uma vez que a entrevista visa aproximação de aspectos vivenciais dos voluntários, contudo será garantido o sigilo e a suspensão da entrevista caso seja solicitado pelo entrevistado.

VI – BENEFÍCIOS

Os benefícios que esta pesquisa propõe são: conhecimento mais profundo e abrangente da construção de carreira de ex-atletas após a sua atuação desta forma.

VII - RETIRADA DO CONSENTIMENTO

Você, sujeito da pesquisa, tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo ao atendimento a que está sendo ou será submetido.

VIII – CRITÉRIOS PARA SUSPENDER OU ENCERRAR A PESQUISA

Para suspender ou encerrar esta pesquisa o único critério a ser utilizado é o não cumprimento do número mínimo designado à amostra de entrevistados.

IX - CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu _____
certifico que, tendo lido as informações acima e suficientemente esclarecido (a) de todos os itens, estou plenamente de acordo com a realização do experimento. Assim, eu autorizo a execução do trabalho de pesquisa exposto acima.

_____, ____ de _____ de 2014.

NOME (legível): _____

RG: _____

ASSINATURA: _____

ATENÇÃO: A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Em caso de dúvida quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa em seres humanos da UFLA. Endereço – Campus Universitário da

UFLA, Pró-Reitoria de pesquisa, COEP, caixa postal 3037. Telefone: 3829-5182.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada com o pesquisador responsável e a outra será fornecida a você.

No caso de qualquer emergência entrar em contato com o pesquisador responsável da pesquisa e da realização das entrevistas, Luiz Henrique Rezende Maciel; Celular (35) 9115-9448; E-Mail: lhrmaciel@hotmail.com